



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

CARLA DA SILVA DE SALES

**A IMPRENSA QUE EDUCA: *O JORNAL DAS SENHORAS* E A
FORMAÇÃO MORAL E INTELLECTUAL FEMININA (1852-1855)**

Salvador
2019

CARLA DA SILVA DE SALES

**A IMPRENSA QUE EDUCA: *O JORNAL DAS SENHORAS* E A
FORMAÇÃO MORAL E INTELECTUAL FEMININA (1852-1855)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em História.

Área de concentração: Cultura e Sociedade.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lígia Bellini.

Salvador
2019

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Sales, Carla da Silva de

A imprensa que educa: O Jornal das Senhoras e a
formação moral e intelectual feminina (1852-1855) /
Carla da Silva de Sales. -- Salvador, 2019.

113 f. : il

Orientadora: Lígia Bellini.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em
História) -- Universidade Federal da Bahia, Faculdade
de Filosofia e Ciências Humanas, 2019.

1. Imprensa feminina. 2. Educação. 3. Mulheres. 4.
Comportamento. I. Bellini, Lígia. II. Título.



ATA E PARECER SOBRE TRABALHO FINAL DE PÓS-GRADUAÇÃO

NOME DA(O) ALUNA(O)	MATRÍCULA	NÍVEL DO CURSO
Carla da Silva de Sales	216121451	Mestrado
TÍTULO DO TRABALHO		
A imprensa que educa: o <i>Jornal das Senhoras</i> e a formação moral e intelectual feminina (1852-1855)		
EXAMINADORES	ASSINATURA	CPF
Profa. Dra. Lígia Bellini (Orientadora – UFBA)	<i>li</i>	210 023 120-00
Profa. Dra. Adriana Dantas Reis (UEFS)	<i>Adriana Dantas Reis</i>	666.912.305-15
Prof. Dr. Moreno Laborda Pacheco (UFBA)	<i>Moreno Laborda Pacheco</i>	007.895.565-01

ATA

Aos cinco dias do mês de julho do ano de 2019, nas dependências da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia (UFBA), foi instalada a sessão pública para julgamento do trabalho final elaborado por **Carla da Silva de Sales**, do curso de mestrado do Programa de Pós-graduação em História Social. Após a abertura da sessão, a professora Lígia Bellini, orientadora e presidente da banca julgadora, deu seguimento aos trabalhos, apresentando os demais examinadores. Foi dada a palavra à autora, que fez sua exposição e, em seguida, ouviu a leitura dos respectivos pareceres dos integrantes da banca. Terminada a leitura, procedeu-se à arguição e respostas da examinanda. Ao final, a banca, reunida em separado, resolveu PELA APROVAÇÃO da aluna. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão e lavrada a presente ata que será assinada por quem de direito.

PARECER GERAL

A banca ressaltou a qualidade da escrita da dissertação, e em especial a estrutura e a organização de seu argumento. A banca reforça, ainda, que o estudo constitui uma ótima base para investigações futuras, em que ela deverá relacionar o seu objeto de pesquisa a seu contexto social e político, de maneira ampliada, e em diálogo com a bibliografia especializada.

SSA, 05/07/2019: Assinatura do aluno: *Carla da Silva de Sales*

SSA, 05/07/2019: Assinatura do orientador: *li*

A Deus, por tão grande amor em Cristo Jesus.

A minha mãe, Dejanira, por sempre lembrar-me que eu posso ir além.

Aos meus primos, Vitória, Daniel e Abraão. Que este trabalho lhes sirva de inspiração na busca constante pelo conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Gratidão! Palavra indispensável durante a minha trajetória nos anos de mestrado, sobretudo neste momento de finalização da dissertação.

Sou eternamente grata a Deus, meu Senhor, pelo dom da vida, pelo sustento e pela renovação das minhas forças e do meu ânimo no período da escrita deste trabalho. A Ele seja toda honra e glória, por seu amor, bondade e misericórdia.

Agradeço imensamente à minha mãe, Dejanira, minha guerreira, que tanto me ensina sobre a vida. Obrigada por seu amor, dedicação e por cada palavra de estímulo. Obrigada por nunca ter medido esforços para os meus estudos, razão pela qual obterei mais um grau acadêmico. Eu te amo, mamãe! Muito obrigada por tudo!

A minha avó Domingas, minha tia Adalgisa e minha prima Débora, porque o convívio me possibilitou maior percepção da vida, no tempo em que residi em Salvador.

Ao meu querido Kofi, pelo entusiasmo no processo da escrita, pela paciência e compreensão nas muitas vezes em que as nossas longas conversas tiveram que ser “breves”, para que eu pudesse aproveitar o tempo livre com a pesquisa. Obrigada por sua presença na minha vida, meu bem.

A minha estimada orientadora Lígia Bellini, pelas importantes intervenções na pesquisa, o que ampliou os meus horizontes e proporcionou outras leituras do objeto analisado neste trabalho, a saber, o *Jornal das Senhoras*. Obrigada pela delicadeza com a qual sempre me tratou e por ter feito das orientações momentos de tão grande incentivo.

Agradeço ao professor Antônio Luigi Negro, querido Gino, pelo exame cuidadoso do meu projeto de mestrado na disciplina Metodologia e por suas recomendações para a qualificação e defesa. Agradeço, ainda, pelo conhecimento adquirido durante o tirocínio na disciplina História da Bahia II e pela oportunidade concedida a mim e a outros mestrandos e doutorandos, de apresentarmos as nossas pesquisas e interagirmos com os graduandos.

A professora Maria de Fátima Novaes Pires, pelas profundas e valiosas discussões na disciplina História Social. Agradeço igualmente às professoras Lina Maria Brandão de Aras, Iole Macedo Vanin e Iracema Brandão Guimarães, pelas contribuições através das disciplinas cursadas no NEIM.

Aos professores Moreno Laborda Pacheco e Gabriela dos Reis Sampaio, por terem aceitado fazer parte da banca de qualificação, colaborando grandemente no desenvolvimento

desta pesquisa, através do olhar atento ao que eu havia produzido, das indicações de leitura e das sugestões de como eu poderia analisar o jornal estudado.

Agradeço aos colegas do mestrado e do doutorado, pelas contribuições durante as disciplinas que cursamos juntos. Em especial, agradeço às amigas que o mestrado me deu: Daiana Barbosa, Maiara Alves, Michelle de Farias e Silmária Reis. Obrigada por cada conversa, pelos momentos de desabafo e de reflexão, pelos risos e por permanecermos presentes uma na vida da outra.

Agradeço à Igreja Batista Sião, por ter me acolhido tão bem. Aos pastores Lázaro Sodré e Walter Baptista, pelo cuidado, pela preocupação com meu bem-estar e por cada palavra de conforto. Às minhas amigas de todas as horas, Lizandra, Naama, Luciana, Camilinha e Lene. Vocês foram essenciais durante o período que morei em Salvador. Obrigada pelos momentos de oração, pela comunhão e amizade que construímos.

Aos colegas de moradia: Matheus Menezes e Matheus Amaral, obrigada por tão grande companheirismo. Simony, Kelly e Munyra, pois a convivência contribuiu para o meu crescimento.

A Bartira e Suêde, pelo suporte nos momentos de necessidade. Obrigada por serem sempre presentes.

Agradeço ao Programa de Pós Graduação em História, especialmente George Evergton Souza e Gilvan Silva, por grande solicitude.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento que viabilizou esta pesquisa.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que sempre torceram por mim e para que a minha formação no mestrado fosse realizada.

[Mulher]

Quem foi que te desviou [da] vereda de consagração e de amor?

A falta de educação.

A falta de bons preceitos.

A falta de cultura.

*Procurar pois trazer-te ao caminho a que Deus te destinou, vai ser
nosso intento.*

J. (*O Jornal das Senhoras*, 13 fev. 1853, p. 53)

RESUMO

Este trabalho versa sobre o *Jornal das Senhoras*, periódico brasileiro que circulou no Rio de Janeiro e províncias entre 1852 e 1855. Fundado e dirigido, durante os quatro anos de sua existência, apenas por mulheres, o jornal teve por principal finalidade a ilustração, o melhoramento social e a emancipação moral da mulher. Os textos nele veiculados eram de cunho informativo, recreativo e, sobretudo, educativo. É a este último aspecto que o presente trabalho direciona centralmente sua análise. No século XIX, a imprensa no Brasil, influenciada pelos ideais das Luzes, assumiu a função de agente educativo, e o conteúdo por ela propagado visava, entre outros objetivos, promover a instrução do seu público. O *Jornal das Senhoras* abordou a educação da mulher nos âmbitos intelectual, cultural, social e comportamental, com vistas à formação daquelas a quem ele dedicava as suas páginas. O objetivo desta dissertação é discutir os modos como o periódico investia na produção da mulher “ilustrada”, e compreender quais características ela deveria possuir para ser identificada como tal.

Palavras-chave: *Jornal das Senhoras*. Imprensa feminina. Educação. Mulheres. Comportamento.

ABSTRACT

This dissertation deals with the *Jornal das Senhoras*, Brazilian publication that circulated in Rio de Janeiro and in the country's provinces from 1852 to 1855. Founded and directed, during its four-year existence, only by women, the publication's main purpose was illustration, the social improvement and the moral emancipation of women. The texts published in it were informative, recreational and, above all, educational. It is to this last aspect that the present work centrally directs its analysis. In the nineteenth century, the printed press in Brazil, influenced by Enlightenment ideals, played the role of educational agent, and the content propagated by it aimed, among other objectives, to promote the instruction of its audience. The *Jornal das Senhoras* addressed the education of women in the intellectual, cultural, social and behavioral areas. The aim of this dissertation is to discuss the ways in which the publication invested in the production of the "illustrated" woman, and to understand what characteristics she should have to be identified as such.

Keywords: *Jornal das Senhoras*; Women's printed press; Education; Women; Behavior.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Informações sobre o conteúdo, a periodicidade e as formas de aquisição do <i>Jornal das Senhoras</i> , 18 jan. 1852.	31
Figura 2	Página inicial do <i>Jornal das Senhoras</i> , 18 jan. 1852.	40
Figura 3	Página inicial do <i>Jornal das Senhoras</i> , 02 out. 1853.	40
Figura 4	Página inicial do <i>Jornal das Senhoras</i> , 08 jan. 1854.	40
Figura 5	Estampa publicada pelo <i>Jornal das Senhoras</i> , 4 jul. 1852.	73
Figura 6	Estampa publicada pelo <i>Jornal das Senhoras</i> , 6 mar. 1853.	76
Figura 7	Estampa publicada pelo <i>Jornal das Senhoras</i> , 12 set. 1852.	78
Figura 8	Estampa publicada pelo <i>Jornal das Senhoras</i> , 3 abr. 1853.	79
Figura 9	Estampa publicada pelo <i>Jornal das Senhoras</i> , 19 dez. 1852.	81
Figura 10	Estampa publicada pelo <i>Jornal das Senhoras</i> , 2 out. 1853.	82

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO: OS INÍCIOS DA IMPRENSA NO BRASIL E O SURGIMENTO DA IMPRENSA FEMININA	12
2	SOB A BRISA PERFUMADA DOS TRÓPICOS, EIS EM CAMPANHA O <i>JORNAL DAS SENHORAS</i>	23
2.1	AS REDATORAS: QUEM ERAM E QUAIS OS SEUS PROPÓSITOS	23
2.2	DIVULGAÇÃO E ALCANCE DO <i>JORNAL DAS SENHORAS</i>	31
2.3	ESTRUTURA E OUTROS ATRIBUTOS DO <i>JORNAL DAS SENHORAS</i>	39
3	A EDUCAÇÃO FEMININA ATRAVÉS DO <i>JORNAL DAS SENHORAS</i>	47
3.1	A EDUCAÇÃO DA MULHER COMO BASE PARA O PROGRESSO	48
3.2	O JORNAL QUE EDUCA, A EMANCIPAÇÃO QUE SE BUSCA	56
3.3	MOSTRE-ME COMO TRAJAS QUE TE DIREI QUEM ÉS: A MODA COMO ASPECTO DA EDUCAÇÃO	67
4	LIÇÕES DE CONDUTA: ATRIBUTOS MORAIS PARA FORMAR UMA MULHER VIRTUOSA	84
4.1	GUIANDO AS CONDUTAS, CULTIVANDO A VIRTUDE	85
4.2	LIÇÕES DE CONDUTA ATRAVÉS DAS NARRATIVAS SERIADAS	94
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
	FONTES	108
	REFERÊNCIAS	111

1 INTRODUÇÃO: OS INÍCIOS DA IMPRENSA NO BRASIL E O SURGIMENTO DA IMPRENSA FEMININA

O estabelecimento da imprensa no Brasil em 1808, com a criação da Impressão Régia por D. João VI, mudou a condição da América portuguesa, de ter permanecido durante três séculos desautorizada de realizar qualquer tipo de investimento tipográfico.¹ Coube à Impressão Régia a publicação dos papéis oficiais do governo, bem como das demais obras que viessem a ser publicadas, conforme determina o Decreto datado de 13 de maio daquele ano:

Tendo-me constado, que os prelos que se acham nesta Capital, eram os destinados para a Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra; e atendendo a necessidade que há da oficina de impressão nestes meus Estados: sou servido, que a casa, onde eles se estabeleceram, sirva interinamente de Impressão Régia, onde se imprimam exclusivamente toda a legislação e papeis diplomáticos, que emanarem de qualquer Repartição do meu real serviço; e se possam imprimir todas, e quaisquer outras obras; ficando interinamente pertencendo o seu governo e administração à mesma Secretaria. D. Rodrigo de Souza Coutinho, do meu Conselho de Estado, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, o tenha assim entendido, e procurará dar ao emprego da Oficina a maior extensão, e lhe dará todas as Instruções e Ordens necessárias, e participará a este respeito a todas as Estações o que mais convier ao meu real serviço. Palácio do Rio de Janeiro em 13 de Maio de 1808.²

Fruto da recém-instalada Impressão Régia, o jornal *Gazeta do Rio de Janeiro* foi o primeiro a ser impresso no Brasil, sendo redigido inicialmente pelo frei Tibúrcio da Rocha, que assumiu a redação pelo período de quatro anos, seguido de Manuel F. de Araújo Guimarães, o qual permaneceu até meados de 1821 e, por último, pelo cônego Vieira Goulart.³

No período anterior à instalação da tipografia da Impressão Régia, é sabido que existiam jornais produzidos na Europa que circulavam e eram lidos regularmente no Brasil,⁴

¹ SOUZA, Simone Cristina Mendonça de. Primeiras impressões: produção e circulação de romances no início do século XIX. *Revista Letras*, n. 67, p. 25-40, Curitiba, ed. UFPR, set./dez. 2005. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/letras/article/view/5527>. Acesso em: 10 mar. 2018, p. 25.

² BRASIL. Decreto de 13 de maio de 1808. Crêa a Impressão Regia. *Collecção das Leis do Brazil de 1808*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1891, p. 29-30. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/doimperio/colecao1.html>. Acesso em: 11 set. 2016.

³ MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (org.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 30.

⁴ Ibid, loc. cit.

dentre os quais o *Correio Braziliense*. Publicado em Londres por Hipólito José da Costa Furtado de Mendonça, esse periódico foi considerado por algum tempo como o primeiro jornal produzido na Europa a ser lido no Brasil, ideia mais tarde posta em questão tendo em vista que, de acordo com Marco Morel, desde 1778 circulava, na América portuguesa, inclusive no Rio de Janeiro, a *Gazeta de Lisboa*. Desta forma, ao menos desde o século XVIII, o Brasil recebia jornais vindos da Europa.

A instalação da imprensa possibilitou o crescimento dos materiais impressos que, como foi apontado acima, já circulavam no Brasil, porém a oficialização fez aumentar a circulação. Conforme esta crescia, as medidas de controle também aumentavam, e tais medidas estavam “sob responsabilidade da junta diretora, que foi logo em seguida substituída pela mesa do desembargo do Paço, a quem cabia examinar previamente todo o material a ser impresso”.⁵ Além disso, a existência de critérios para o confisco dos materiais estava amparada nos segmentos morais, religiosos e políticos,⁶ para que assim a ordem fosse preservada.

Foi por meio do Decreto de dois de março de 1821⁷ que a censura prévia para a imprensa em geral foi suspensa, porém era necessário que se observassem algumas disposições, como a de que o impressor deveria enviar, ao Diretor dos Estudos, “dois exemplares das provas que se tirarem de cada folha na imprensa”. Posteriormente, os censores régios analisariam o material e, de acordo com seu parecer, os escritos poderiam seguir para a impressão ou então ser suspensos, até que as “necessárias correções” fossem feitas, ou seja, deveria ser retirado do texto tudo o que estivesse contra “a religião, a moral e bons costumes, contra a Constituição e Pessoa do Soberano, ou contra a pública tranquilidade”. De igual modo, os livreiros deveriam submeter a lista dos livros a serem vendidos ao Diretor dos Estudos, para que procedesse à análise das obras.

A imprensa crescia tendo suas atividades controladas, e sua “liberdade” ocorria dentro dos limites do que melhor favorecia os princípios definidos pelo governo. Em nome da salvação pública, era preciso que este ficasse atento ao que estava sendo propagado através da imprensa, para que a ordem e a tranquilidade da união fossem preservadas. Nessa perspectiva,

⁵ JINZENJI, Mônica Yumi. **Cultura impressa e educação da mulher no século XIX**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p.46.

⁶ MOREL, 2013, p. 24.

⁷ BRASIL. Decreto de 2 de março de 1821. Sobre a liberdade da imprensa. **Collecção das Leis do Brazil de 1821, parte II**. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1889, p. 25-26. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/doimperio/colecao2.html>. Acesso em: 11 set. 2016.

o Decreto de 18 de junho de 1822⁸ previa a nomeação de cidadãos para ocuparem o cargo de “Juizes de Fato”, escolhidos entre os “homens bons, honrados, inteligentes e patriotas”, os quais seriam responsáveis por julgar os crimes de abuso da imprensa que se configurassem como “doutrinas incendiárias e subversivas, princípios desorganizadores e dissociáveis”.

Em 22 de novembro de 1823, foi publicado Decreto que permitiu a execução do projeto de lei sobre a liberdade da imprensa,⁹ determinando que nenhum escrito deveria ser sujeito à censura e que qualquer pessoa poderia publicar, vender e comprar livros, porém dentro das normas propostas na referente lei. Assim, a imprensa não deveria se opor à religião Católica Romana, atacar o governo, incitar a desobediência às leis, enfim, não deveria ser usada como meio de contraposição à moral e aos bons costumes.

Essas medidas – a liberdade da imprensa e o fim da censura prévia – malgrado os limites referidos acima, foram importantes para a divulgação de ideais através dos impressos. Discussões sobre diversas questões, inclusive políticas, foram disseminadas entre um público letrado,¹⁰ que teve suas ideias perpassadas por entre todos os que tinham acesso aos impressos, seja por meio da leitura direta, seja através da audição e de debates públicos.

O Brasil, que após se tornar independente buscava se estabelecer como nação, viu a imprensa periódica desempenhar a função de agente cultural, social e político e exercer uma forte influência através do seu discurso nas primeiras décadas do século XIX. Como frutos desse processo, podemos citar os periódicos *Aurora Fluminense*, *Gazeta do Brasil*, *Diário Fluminense*, *Nova Luz Brasileira*, *Revérbero: Constitucional Fluminense*, publicados no Rio de Janeiro; e *O Conciliador do Maranhão*, *O Compilador Mineiro*, *O Paraense*, *O Farol Paulistano* e *Diário de Pernambuco*, estes publicados nas províncias.¹¹

Nesse contexto de independência recente do Brasil, a imprensa, além de ter sido fundamental para a cultura política, também se configurou como um instrumento educacional, em que os periódicos passaram a ser vistos como fontes de conhecimento.

De acordo com Pallares-Burke, o processo de transmissão cultural, além de ser feito pelas instituições de ensino, também acontece de maneira informal através dos mais variados meios de comunicação, como as revistas e os jornais, que propagam informações e produzem

⁸ BRASIL. Decreto de 18 de junho de 1822. Crêa Juizes de Facto para julgamento dos crimes de abusos de liberdade de imprensa. **Decretos, Cartas e Alvarás de 1822, parte II**, p. 23-24. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/doimperio/colecao2.html>. Acesso em: 11 set. 2016.

⁹ BRASIL. Decreto de 22 de novembro de 1823. Manda executar provisoriamente o projecto de lei da Assembleia Constituinte sobre liberdade de imprensa. **Decretos, Cartas e Alvarás de 1823, parte II**, p. 89-94. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/doimperio/colecao2.html>. Acesso em: 11 set. 2016.

¹⁰ MOREL, 2013, p. 33.

¹¹ Ibid, p. 40-41.

“valores, atitudes e idéias” capazes de influenciar a todas as pessoas que os acessam. Neste sentido, a ação educativa pode se dar de diferentes maneiras, e uma delas é através da imprensa, importante meio de influência dos costumes e da moral pública, a partir de discussões levantadas em torno dos aspectos sociais e políticos.¹²

Pallares-Burke salienta, ainda, que o jornalismo latino-americano do século XIX, inclusive no Brasil, se caracterizou pela veiculação de ideais iluministas em busca de educar seus leitores a partir de parâmetros culturais europeus, levando a imprensa a ter uma importante função nesse processo. A inspiração ligada à propagação das luzes, adquirida pela imprensa do Brasil, pode ser percebida nos próprios títulos dos periódicos – dentre os quais temos como exemplos *A luz Bahiana*, *Luz Brasileira*, *Luseiro Fluminense*, *Lanterna Mágica* e *Pharol do Império* – o que expressa a função de guia, assumida diante da “ausência de outros agentes educativos, como leis e um sistema de educação pública, que, caso existentes, poderiam fazer mais sistemática e formalmente o que o jornalismo fazia informalmente”.¹³

Em meio ao posicionamento assumido pela imprensa no Brasil, periódicos dedicados ao público feminino passaram a ser veiculados na corte e nas províncias, estabelecendo-se a partir da publicação de conteúdos voltados para a instrução do “belo sexo”. Floresce, assim, a imprensa feminina em terras brasileiras.

Da mesma forma que os jornais que veicularam ideias iluministas traziam esta característica nos seus nomes, os periódicos destinados ao público feminino indicavam, já nos títulos, a quem estavam se dirigindo, pois costumavam utilizar nomes que faziam referência à mulher. Dulcília Buitoni observa que:

Entre a moda e a literatura, duas incentivadoras da fantasia, a imprensa feminina brasileira caminhava. Com nomes de flores, pedras preciosas, animais graciosos, todos metáforas da figura feminina, ou mencionando a mulher e seus objetos, tivemos no Rio, São Paulo e outras cidades, *A Camélia*, *A Violeta*, *O Lírio*, *A Crisálida*, *A Borboleta*, *O Beija-Flor*, *A Esmeralda*, *A Grinalda*, *O Leque*, *O Espelho*, *Primavera*, *Jornal das Moças*, *Eco das Damas* e assim por diante.¹⁴

Enquanto o surgimento da imprensa feminina, na Europa, se dá no século XVII, com a publicação do *Lady's Mercury* (Inglaterra, 1693), o qual, segundo Buitoni, é o primeiro de

¹² PALARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. A imprensa periódica como uma empresa educativa no século XIX. **Caderno de pesquisa**, n. 104, p. 144-161, Universidade de São Paulo, jul. 1998. Disponível em: www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/168.pdf. Acesso em: 05 jan. 2018, p. 147.

¹³ Ibid, loc. cit.

¹⁴ BUITONI, Dulcília Schroeder. **Imprensa Feminina**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990, p. 40.

que se tem notícia,¹⁵ no Brasil ela começa a nascer a partir do ano de 1820, “junto com a efervescência política da independência”.¹⁶

O primeiro jornal a fazer parte desse modelo de imprensa, de que se tem conhecimento, é *O Espelho Diamantino, periódico de politica, litteratura, bellas artes, teatro e modas – dedicado as senhoras brasileiras*, impresso nos anos de 1827 e 1828 no Rio de Janeiro, o qual buscava instruir as mulheres, lhes oferecendo artigos sobre política, ciências, artes e moda.¹⁷ Em seguida aparece o periódico *O Mentor das Brasileiras*, publicado entre 30 de novembro de 1829 e primeiro de junho de 1832¹⁸ na Vila de São João del-Rei, em Minas Gerais, sob a redação de José Alcibíades Carneiro.

Na busca por estes jornais, encontramos, logo nas primeiras páginas, o discurso que nos permite identificar o caráter educativo de ambos os periódicos. Os textos a seguir são da edição de número um do primeiro ano de cada jornal, sendo o ano de 1827 do *Espelho Diamantino* e de 1829 do *Mentor das Brasileiras*.

O nosso periódico, fraco ensaio, cujo maior merecimento consiste em abrir a carreira a mais hábeis, **tem especial destino promover a instrução e entretenimento do belo sexo desta Corte** apresentando-lhe as notícias, e novidades mais dignas de sua atenção.

[...]

Devemos aqui declarar que o título de Espelho Diamantino não foi meramente escolhido por fantasia. O espelho é o confidente mais estimado das Senhoras, e poucas há que com ele se não entretendam um bom bocado cada dia.¹⁹

É pois para dar maior expansão ao gênio, que tanto se desenvolve nesta *alma da sociedade* (como lhe chamou certo filósofo) que tomamos a árdua, mas interessante tarefa de redigir esta Folha, dedicada tão somente às estudiosas Brasileiras, que algum dia serão colocadas à par, e talvez acima das heroínas tão celebradas nas outras Nações civilizadas.

Este nosso Periódico não tem um outro maior merecimento que abrir o caminho para os mais hábeis escritores, que gratos aos benefícios que de suas Mães receberam hajam de pagar à posteridade com os frutos de sua instrução: **apresentaremos portanto ao belo sexo as notícias e novidades dignas de sua atenção**, e algumas vezes nos será indispensável dar algumas

¹⁵ BUITONI, 1990, p. 25.

¹⁶ Id. **Mulher de papel**: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira. São Paulo: Edições Loyola, 1981, p. 12.

¹⁷ BERÇOT, Fernando Santos. O Espelho Diamantino e os exemplos de virtude feminina no Rio de Janeiro do Primeiro Reinado (1827-1828). In: XV Encontro Regional de História – Ofício do Historiador: Ensino e Pesquisa - ANPUH, 2012, São Gonçalo, RJ. [Anais], p. 1-21. Disponível em: http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338382423_ARQUIVO_FernandoBercot-textocompleto.pdf. Acesso em: 11 mar. 2017, p. 1.

¹⁸ JINZENJI, 2010, p. 18.

¹⁹ **O Espelho Diamantino**: Periódico de Política, Litteratura, Bellas Artes, Theatro e Modas – dedicado as senhoras brasileiras (1827-1828), Rio de Janeiro, n. 01, p. 2-4, 1827. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/espelho-diamantino/700312>. Acesso em: 15 out. 2016. [grifo nosso]

lições sobre política, **persuadidos de que este sexo é bem capaz de conceber ideias sublimes**, e de dar um realce não pequeno à marcha e bom andamento do Sistema de Governo, que nos rege.²⁰

É visível, nos textos apresentados, a partir dos pressupostos de que vaidade e uma certa inferioridade intelectual constituíam características das mulheres locais, o esforço dos redatores de se colocarem como portadores da função pedagógica. E, ao fazerem da imprensa a sua ferramenta principal na instrução e entretenimento das senhoras, afirmavam ser digna de atenção cada página escrita em seus jornais. Seu objetivo, portanto, era prender a atenção de cada leitora dos periódicos com informações que, no seu entender, eram necessárias para a vida delas. Podemos dizer que esses jornais incluíam mais conteúdos que os redatores do sexo masculino imaginavam que seriam úteis às mulheres do que o ponto de vista delas mesmas.

Com o crescimento da imprensa no Brasil, algumas mulheres se destacaram na escrita jornalística. Embora os periódicos permanecessem sendo dirigidos por homens, elas conseguiram adentrar os meios letrados e colaborar, na imprensa, com a publicação de seus próprios textos, os quais estavam quase sempre relacionados com a educação feminina. Duas importantes personalidades que atuaram no meio jornalístico e que, diante da importância que tiveram, se faz necessário que citemos, foram Beatriz Francisca de Assis Brandão e Nísia Floresta Brasileira Augusta. As duas tiveram atuação destacada no que toca ao incentivo e valorização da educação feminina na sociedade brasileira do século XIX.

Beatriz Brandão nasceu na freguesia de Nossa Senhora do Pilar do Ouro Preto, Minas Gerais, em 1779²¹ e Nísia Floresta em Papari, Rio Grande do Norte, no ano de 1810.²² O ápice dos escritos e da atuação destas duas senhoras se deu, porém, no Rio de Janeiro, quando passaram a residir na capital imperial.

Beatriz Brandão mudou-se para o Rio de Janeiro em 1839, e ali trabalhou como “instrutora das filhas de famílias influentes”, escreveu para alguns periódicos da capital – a *Marmota Fluminense* e *O Guanabara*, entre os anos de 1852 e 1855 –, além de ter uma participação ativa nos “salões da Corte” e em algumas instituições literárias, em que recitou poesias e composições musicais.²³ Com uma produção literária que incluía poesia, prosa e

²⁰ **O Mentor das Brasileiras** (1829-1832), Minas Gerais, n. 01, p. 2-3, 1829. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/mentor-das-brasileiras/778672>. Acesso em: 6 fev. 2018. [grifo nosso]

²¹ PRIAMO, Fernanda Pires. Literatura Imperial: a escrita poética feminina de Beatriz Brandão. **Revista Contemporâneos – Revista de Artes e Humanidades**, n. 8, p. 1-19, maio-out. 2011. Disponível em: <http://www.revistacontemporaneos.com.br/n8/dossie/literatura%20imperial.PDF>. Acesso em: 12 mar. 2018, p. 7.

²² CASTRO, Luciana Martins. A contribuição de Nísia Floresta para a educação feminina: pioneirismo no Rio de Janeiro oitocentista. **Revista Outros Tempos**, v. 7, n. 10, p. 237-256, Dossiê História e Educação, 2010. Disponível em: http://www.outrostempos.uema.br/OJS/index.php/outros_tempos_uema/article/view/108. Acesso em: 12 mar. 2017, p. 238.

²³ PRIAMO, op. cit, p. 8.

tradução, Brandão, como escritora fruto da sociedade em que estava inserida, abrangeu em seus trabalhos o papel desempenhado pelas mulheres na corte, proporcionando o levantamento de questões acerca da produção feminina dentro da literatura, ao mesmo tempo em que contribuía para a mesma.²⁴ Segundo Fernanda Priamo,

Beatriz Brandão escreveu poemas, composições musicais, traduções de textos em francês e italiano, além de compor óperas, modinhas e hinos. Entretanto, foi a produção poética que obteve destaque em relação às suas publicações em jornais dos quais foi colaboradora. Por meio da sua produção literária, pôde-se perceber a mulher, a poetisa, a intelectual. Em outras palavras, alguém que estava, através de seus escritos, observando uma determinada sociedade da qual fazia parte. Era produto ao mesmo tempo em que produzia.²⁵

Esse passo em direção à publicação de textos que expressavam pensamentos, sentimentos e anseios foi dado por mulheres ilustradas, que faziam parte de uma pequena parcela da população do Brasil no século XIX. Mulheres que conquistaram espaço, ainda que pequeno, em um universo letrado dominado pelos homens.

Foi nesse espaço que a educadora e escritora Nísia Floresta posicionou-se em defesa dos direitos femininos, os quais, para ela, estavam alicerçados na educação. Nísia Floresta Brasileira Augusta, pseudônimo de Dionísia de Faria Rocha, que adotou “Nísia, em homenagem ao pai; Floresta, em lembrança do sítio onde nasceu; Brasileira pelo nacionalismo que então era voga; Augusta em memória do homem que amou”,²⁶ teve sua estreia na literatura no ano de 1831, no jornal *Espelho das Brasileiras*, em Pernambuco.²⁷

Seu primeiro livro, *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, apresentou uma abordagem em torno da opressão sofrida pelas mulheres, tendo sido uma tradução livre de *Vindication of the right of woman*, de Mary Wollstonecraft.²⁸ Além desta obra, Nísia Floresta publicou ainda outros textos, como o *Opúsculo humanitário*, coletânea composta por 62 artigos divulgados em dois periódicos do Rio de Janeiro: o *Diário do Rio de Janeiro*, no ano de 1853, e *O Liberal*, no período de julho de 1853 a maio de 1854.²⁹

Nísia Floresta escreveu, ainda, *Conselhos à minha filha*, *Discurso às educandas do Colégio Augusto*, *A mulher*, as novelas *Daciz ou a jovem completa* e *Fany ou o modelo das*

²⁴ PRIAMO, 2011, p. 17.

²⁵ *Ibid.*, p. 9.

²⁶ TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary Del (org); PINSKY, Carla Bassanezi (coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2009, p. 405.

²⁷ CASTRO, 2010, p. 247.

²⁸ *Ibid.*, p. 243.

²⁹ DUARTE, Constância Lima. Nísia Floresta e a educação feminina no século XIX. In: LÔBO, Yolanda; FARIA, Lia (org.); MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello [et al.]. **Vozes femininas do Império e da República**. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008, p. 109-110.

donzelas e o artigo *O abismo sob as flores da civilização*. Constância Lima Duarte aponta que, em todos estes textos, Floresta apresenta abordagens sobre a educação, seja com argumentos que defendem suas ideias, seja através de críticas ou propostas de mudanças.³⁰

Ainda no Rio de Janeiro, Nísia Floresta tornou-se pioneira na fundação de um colégio para meninas – o Colégio Augusto – onde se propunha uma “pedagogia diversa das que vinham sendo aplicadas até aquele momento”.³¹ A novidade trazida pelo colégio foi inovadora para os métodos educacionais daquele período, pois contemplava o ensino do latim, francês, italiano, inglês, geografia, história do país e aulas de educação física, além da quantidade limitada de alunas por sala, como forma de garantir um melhor aprendizado.³²

Duarte enfatiza que Nísia Floresta, em todas as suas ações – seja através da escrita, seja através da criação do colégio – defendia que o progresso social dependia da educação oferecida à mulher. Se, desde criança, as meninas fossem educadas de acordo com os preceitos da moral e da religião cristã, seu futuro como boas esposas e mães estaria garantido.³³ Esta aspiração foi compartilhada por outras mulheres, como as escritoras do periódico *O Jornal das Senhoras*. A relevância da atuação de Nísia Floresta pode ser percebida no referido jornal quando, em nota, a redação fez menção do retorno da escritora para o Brasil, tendo em vista a sua estadia por alguns anos na Europa. De acordo com o texto, Floresta era:

Tão conhecida [...] pela sua inteligência e ilustração; tão respeitada pelo seu longo magistério [...] empregado com desvelos na educação de suas patricias; e tão louvável e digna de [...] admiração por sua dedicada constância ao amor da sabedoria e ao engrandecimento de sua pátria.³⁴

Embora pareça contraditório que algumas mulheres fizessem uso da escrita para propor melhorias na educação das meninas pensando, a priori, no bom desempenho das suas ações dentro do lar, é importante reconhecermos que essas escritoras são frutos de um determinado momento histórico, em que as atividades da mulher ainda eram voltadas principalmente para o ambiente doméstico, através do seu exercício como filhas, esposas e mães. O que estas senhoras propunham era que a educação da mulher deveria lhe dar melhores condições para cooperarem na sociedade, a partir das funções exercidas no espaço da casa.

³⁰ DUARTE, 2008, p. 106.

³¹ CASTRO, 2010, p. 239.

³² DUARTE, op. cit., p. 107.

³³ Ibid, p. 110.

³⁴ **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica (1852-1855), Rio de Janeiro, n. 08, p. 63, 22 fev. 1852. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/jornal-senhoras/700096>. Acesso em: 13 ago. 2014.

Beatriz Brandão e Nísia Floresta fizeram parte do grupo de mulheres letradas que acederam ao mundo da escrita pública e que começaram a publicar seus textos nas páginas dos jornais que circulavam naquele período e, através desse espaço, lograram divulgar suas ideias. O crescimento de publicações dirigidas ao “belo sexo”, inicialmente, como foi observado, sob a direção de homens, contribuiu para o surgimento do *Jornal das Senhoras*, a partir do qual o Rio de Janeiro e as províncias teriam acesso a conteúdos “para mulheres” escritos por elas mesmas.

Em consonância com a tendência de promover a educação feminina, o *Jornal das Senhoras* se propunha a emancipar moral e intelectualmente as mulheres.

Focalizando o referido jornal, esta dissertação busca analisá-lo como um agente educador. O objetivo do trabalho é discutir os modos como o periódico investia na produção da mulher “ilustrada”, e compreender quais características ela deveria possuir para ser identificada como tal. Para tanto, está dividido em três capítulos.

O primeiro parte de uma análise mais voltada para os aspectos editoriais gerais e relativos à direção do periódico. São explorados os perfis das três redatoras, bem como os seus objetivos, associados ao debate em torno da educação feminina. Os perfis diferenciados das redatoras influenciaram a montagem do jornal e, desta forma, as seções que o compunham, bem como a linguagem dos textos, variaram conforme as mudanças na redação.

A estrutura do periódico, o conteúdo das seções que o formaram e o público a quem a escrita era destinada também são examinados no capítulo primeiro, procurando, na medida do possível, dar conta de um fator de grande relevância, a saber, seu alcance e recepção na sociedade brasileira de meados do século XIX. Estes aspectos foram fundamentais para a permanência e supressão de seções do jornal.

Para tratarmos do alcance e da recepção do *Jornal das Senhoras*, fazemos uso de citações de periódicos que circularam no Rio de Janeiro e nas províncias do Brasil no mesmo período. Esta discussão foi possível devido à pesquisa no acervo digital da Biblioteca Nacional,³⁵ onde se procurou, entre os anos de 1850 e 1859, jornais que referenciam o *Jornal das Senhoras*. As referências encontradas vão desde a sua fundação até o seu encerramento, passando pela divulgação do que era trazido em suas páginas e do que a redatora fundadora Joanna Manso propunha com a criação do jornal. A propaganda que esses diversos periódicos fizeram do *Jornal das Senhoras* colaborou grandemente para a sua

³⁵ O site da Biblioteca Nacional Digital está disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/>.

notoriedade, e trazer as citações neste trabalho contribui na análise em torno da amplitude do acesso ao conteúdo do jornal.

O segundo capítulo explora os conteúdos do *Jornal das Senhoras* referentes à educação e emancipação da mulher. O periódico exerceu papel educativo ao propor um padrão feminino através do que é qualificado como “ilustração”. No plano intelectual, a ilustração permitiria às mulheres adquirirem conhecimento do seu “verdadeiro” papel na sociedade. Era essa compreensão que as faria lutar por seu “melhoramento social” e conseqüentemente conquistarem a emancipação. Todos estes fatores estavam ligados à condição das mulheres no Brasil de meados do século XIX, em que sua atuação era voltada principalmente para o ambiente doméstico. Analisamos, portanto, quais elementos eram necessários, na visão da redatora fundadora do jornal, para que a emancipação fosse conquistada.

No plano comportamental, a ilustração contribuiria para o “aperfeiçoamento” da imagem da mulher, em que a aparência deveria ser valorizada. Neste sentido, o *Jornal das Senhoras* contou com a seção de Modas, encarregada de indicar, e por que não dizer determinar, os modos como as mulheres deveriam se apresentar: quais vestimentas, adereços e postura lhes cabiam. A aparência física teve tanta importância que o jornal também tratou de moda para crianças e homens, no entendimento de que seria inapropriado abordar a indumentária feminina e deixar de lado a dos esposos e filhos(as). As propostas educacionais trazidas no jornal indicam que existia uma maneira ideal de as mulheres se comportarem e se expressarem, e que ele estava ali para mostrar qual modo era este.

O terceiro e último capítulo discute os atributos morais difundidos no jornal, concernentes às mulheres, e que eram considerados imprescindíveis na sua formação. Em toda a discussão relativa à educação, proposta pelo *Jornal das Senhoras*, à mulher cabia o direcionamento da vida do homem, na infância ou na idade adulta. Essa responsabilidade lhes era atribuída tendo em vista a compreensão de que o bom andamento da sociedade estava ligado à moralidade dos homens, adquirida por meio dos valores recebidos em casa. Ou seja, as características morais das mulheres refletiriam nas dos homens. Neste sentido, os papéis de filha, irmã, mãe e esposa foram abordados em textos do jornal como de grande significado. Em cada uma dessas posições, a mulher precisava nutrir qualidades, como pureza, devoção religiosa, instrução e integridade.

As qualidades ligadas às mulheres podiam ser observadas, ainda, nas obras de ficção, publicadas no jornal semanalmente de maneira seriada. O terceiro capítulo também analisa

alguns desses textos, no intuito de demonstrar certas condutas trazidas nas narrativas, que foram importantes dentro do projeto educacional levantado pelo periódico.

O *Jornal das Senhoras*, ao propor a emancipação e ilustração das mulheres, mostrou que para tal fim determinadas práticas eram necessárias. É sobre essa imprensa, que apresenta padrões, que forma gostos e comportamentos, que esta pesquisa centra sua abordagem.

Cabe por fim indicar, nesta Introdução, que foram mantidas a grafia original dos títulos dos periódicos e das demais fontes utilizadas. Igualmente preservados os nomes próprios, a pontuação e as letras maiúsculas e minúsculas. No mais, a ortografia foi atualizada, para uma melhor leitura das fontes.

2 SOB A BRISA PERFUMADA DOS TRÓPICOS, EIS EM CAMPANHA O JORNAL DAS SENHORAS

A frase que dá título a este capítulo foi retirada do número inaugural do *Jornal das Senhoras*, do texto em que a primeira redatora, Joanna Manso, convidava as mulheres a participarem da construção do periódico:

Eis-nos pois em campanha; o estandarte da ilustração ondula gracioso à brisa perfumada dos Trópicos: acolhei-vos a ele, todas as que possuem uma faísca de inteligência, vinde. Confidente discreto das vossas produções literárias; elas serão publicadas debaixo do anônimo: porém não temais confiarmo-las, nem temais dar expansão ao vosso pensamento; se o possuis é porque é dom da Divindade, e aquilo que Deus dá, os homens não o podem roubar. Por carta fechada à redação do *Jornal* podem dirigir-se todas as Senhoras que desejarem honrar as nossas páginas. Feliz mil vezes se minha dedicação alcançar a vossa cooperação.³⁶

A citação resume o posicionamento de Joanna, de colaborar para a emancipação das mulheres, ao fundar o periódico. O convite para que elas remetessem suas produções para publicação era uma maneira de instigar-lhes a perceberem que, embora o mundo das letras ainda fosse dominado por homens, a atuação na escrita provaria que elas também “possuíam inteligência”, já que o ato de pensar havia sido dado por Deus sem restrições. Através das páginas do jornal, redatoras e colaboradoras dariam expansão aos seus pensamentos.

2.1 AS REDATORAS: QUEM ERAM E QUAIS OS SEUS PROPÓSITOS

A defesa, nos impressos, de uma educação que tinha como finalidade estabelecer uma mulher plena de virtudes denota que existia um modelo ideal e que cabia a eles apresentá-lo. E o papel do(a) redator(a), ao selecionar os assuntos a serem publicados, era justamente o de abordar os conteúdos de maior significância para o alcance dos seus objetivos.

As estratégias de redação e edição dos impressos são feitas de acordo com o que se quer alcançar e o público que se pretende atingir, compondo desta maneira o objeto impresso

³⁶ NORONHA, Joanna Paula Manso de. As nossas assignantes. *O Jornal das Senhoras*: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica, Rio de Janeiro, n. 01, p. 1-2, 1 jan. 1852.

com textos cuidadosamente escolhidos. Neste sentido, é relevante explorar o perfil das redatoras do *Jornal das Senhoras* e os seus propósitos.

De “família culta e progressista”,³⁷ a primeira redatora do jornal, Joanna Paula Manso de Noronha, nasceu em 26 de junho de 1819, em Buenos Aires. Por conta da ditadura de Juan Manuel de Rosas na Argentina, ela viveu a experiência do exílio, mudando-se, juntamente com seu pai, para Montevideu e posteriormente para o Rio de Janeiro, onde se casou, em 1844, com o músico português Francisco Sá Noronha.

Eliane Vasconcellos e Ivette Maria Savelli informam, ainda, que Joanna residiu com o seu marido nos Estados Unidos, país onde Francisco Noronha buscou, sem sucesso, alavancar a profissão de músico, e onde nasceu a sua primeira filha, Eulália. Durante breve estadia em Cuba, teve a segunda filha, Hermínia. De volta ao Brasil com sua família, Joanna naturalizou-se brasileira em 1852, por pretender estudar Medicina, porém não alcançou esse objetivo, tendo em vista que ela não teria sido aceita na Escola por ser mulher.³⁸ Nesse mesmo ano, ela fundou o periódico *O Jornal das Senhoras*.

Um dado que parece relevante é que, na mesma época, o esposo de Joanna relacionou-se com outra mulher e retornou para Portugal, separando-se dela.³⁹ Este pode ter sido um dos motivos de Joanna ter permanecido na redação do jornal apenas por seis meses. No ano de 1853 ela retornou para a Argentina, onde assumiu, em 1859, a direção da primeira escola primária mista da capital e contribuiu com sua escrita para alguns jornais locais, inclusive o primeiro periódico voltado para a educação.⁴⁰

Foi em primeiro de janeiro de 1852, sob o título “Às nossas assinantes”, que Joanna apresentou, na primeira página do *Jornal das Senhoras*, a motivação principal para a criação do mesmo, partindo de alguns questionamentos sobre a recepção e aceitação do jornal pelo fato de ser redigido por uma mulher. No Brasil recém-independente, que vivia um momento de formação da identidade nacional, que almejava soberania em relação a Portugal, o Rio de Janeiro, por ser sede da Corte e capital imperial, se beneficiava de um maior investimento cultural e social.⁴¹ Se países da Europa e os Estados Unidos caminhavam rumo “ao

³⁷ VASCONCELLOS, Eliane; SAVELLI, Ivette Maria. A imprensa feminina. **Verbo de Minas**, v. 6, n. 10, p. 89-102, Juiz de Fora, 2006, p. 89-102. Disponível em: <https://seer.cesjf.br/index.php/verboDeMinas/issue/view/24/showToc>. Acesso em: 10 mar. 2017, p. 92.

³⁸ LOBO, Luiza. Juana Manso: uma exilada em três pátrias. **Revista Gênero**, v. 9, n. 2, p. 47-74, Niterói, 2009. Disponível em: <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/issue/view/9/showToc>. Acesso em: 04 fev. 2018, p. 47-48.

³⁹ VASCONCELLOS; SAVELLI, op. cit., p. 93.

⁴⁰ Ibid, loc. cit.

⁴¹ SCHWARCZ, Lília Moritz. **As barbas do imperador**: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 101-124.

progresso”, era necessário que o Brasil fosse nesta mesma direção. Todos estes fatores eram, para Joanna, motivos para que o jornal fosse bem acolhido. Nas suas palavras:

Ora pois, uma Senhora a testa da redação de um jornal! Que bicho de sete cabeças será?

Contudo em França, em Inglaterra, na Itália, na Espanha, nos Estados Unidos, e Portugal mesmo, os exemplos abundam de Senhoras dedicadas à literatura colaborando diferentes jornais.

Por ventura a América do Sul, ela só, ficará estacionária nas suas ideias, quando o mundo inteiro marcha ao progresso e tende ao aperfeiçoamento moral e material da Sociedade?

Ora! Não pode ser. A sociedade do Rio de Janeiro principalmente, Corte e Capital do império, Metrópole do sul da América, acolherá de certo com satisfação e simpatia **O JORNAL DAS SENHORAS redigido por uma Senhora mesma: por uma americana que, se não possui talentos, pelo menos tem a vontade e o desejo de propagar a ilustração, e cooperar com todas as suas forças para o melhoramento social e para a emancipação moral da mulher.**⁴²

Conforme mencionado anteriormente, o propósito inicial do jornal era tratar principalmente da educação da mulher, com base na proposta de uma emancipação moral e intelectual, entendida pela redatora como o pleno conhecimento da importância que a mulher tinha para a construção da sociedade e da tomada de consciência de que, assim como o homem, ela compartilhava valores de suma importância para o progresso da nação brasileira.

Neste sentido, Joanna pretendia mostrar que as mulheres não poderiam ser vistas em posição de inferioridade intelectual em relação aos homens, pois as ações delas tinham influência direta sobre a humanidade. A ênfase que Joanna deu à criação do jornal é justamente a de que ele se encarregaria de propagar os valores concernentes às mulheres e de instruí-las neste propósito. Assim, formas de comportamento foram propostas nas páginas do *Jornal das Senhoras*, e cada seção que o compunha era referência para o desempenho de condutas por parte das mulheres e dos homens.

Joanna permaneceu na direção do periódico até o mês de junho de 1852. Em quatro de julho do referido ano, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco se apresentou como a nova redatora do jornal.

Nascida na Bahia, Violante Atabalipa era filha de Violante Lima de Bivar e do conselheiro imperial Diogo Soares da Silva de Bivar. Foi casada com João Antônio Boaventura Velasco, tenente oficial da marinha.⁴³ Fruto de uma educação apurada, Violante

⁴² NORONHA, Joanna Paula Manso de. As nossas assignantes. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica, Rio de Janeiro, n. 01, p. 1, 1 jan. 1852. [grifo nosso]

⁴³ SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital (org). **Dicionário Mulheres do Brasil**: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 521.

aprendeu desde cedo as línguas francesa, italiana e inglesa, o que possibilitou que atuasse como tradutora de diversas obras, inclusive compartilhando, no *Jornal das Senhoras*, algumas traduções suas quando se tornou redatora do periódico.

Dentre as informações sobre a vida de Violante consta que, em meados da década de 1840, ela conheceu Joanna Paula Manso e, quando o *Jornal das Senhoras* começou a ser publicado, ela passou a contribuir na sua escrita, antes de se tornar editora.⁴⁴ June E. Hahner sugere que provavelmente tenha sido Violante “a hesitante autora da seção de modas em *O Jornal das Senhoras*”.⁴⁵

O pai de Violante, Diogo Soares da Silva de Bivar, foi figura notável no Brasil do século XIX, e sem dúvida as funções exercidas por ele na Bahia e no Rio de Janeiro, contribuíram para a formação e também para a notoriedade da filha. Português de nascença, ele foi redator do *Idade d’Ouro do Brazil*, primeiro jornal impresso na Bahia, fundado pelo livreiro em Salvador e também português Manuel Antônio da Silva Serva. Silva Serva publicou ainda *As Variedades ou Ensaios de Literatura*, primeira revista nacional, lançada no ano de 1812. Diogo de Bivar é tido como o autor dos textos que compunham a referida revista.⁴⁶

Além das funções desempenhadas na imprensa, Diogo de Bivar foi um dos sócios fundadores do Conservatório Dramático Brasileiro, instituição criada em 1843, que tinha por finalidade decidir sobre a concessão de licença para peças teatrais.⁴⁷ Encarregado do despacho dos requerimentos, Bivar foi o responsável por assinar a autorização da encenação de duas peças cuja licença foi solicitada por Joanna Manso: *Os rapazes d’agora, ou As manias do século*⁴⁸ e *O ditador Rosas e a Mashorca*,⁴⁹ ambas divulgadas no *Jornal das Senhoras* no ano de 1853.

Em 22 de maio de 1853 foi anunciado, na seção “Correio das Senhoras” do referido jornal que, no dia 31 do mesmo mês “subirá a cena, pela primeira vez, o drama histórico original da Sra. D. Joanna Paula Manso de Noronha, em seis quadros e um epílogo – o

⁴⁴ SCHUMAHER; BRAZIL, 2000, p. 521.

⁴⁵ HAHNER, June E. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937**. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 40.

⁴⁶ DOURADO, Tatiana Maria. A revista “As Variedades ou Ensaios de Literatura” e os primeiros indícios de jornalismo especializado. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 2, n. 2, p. 223-229, Porto Alegre / São Paulo: Alcar / Socicom, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://www.ojs.ufpi.br/index.php/rbhm/issue/view/225/showToc>. Acesso em: 04 fev. 2018, p. 224.

⁴⁷ LEMOS, Valéria Pinto (Organização e indexação). **Os exames censórios do Conservatório Dramático Brasileiro**: inventário analítico. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2014. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/producao/publicacoes/exames-censorios-conservatorio-dramatico-brasileiro>. Acesso em: 24 jan. 2018, p. 18.

⁴⁸ Ibid, p. 128. Registro de exame censório da peça *Os rapazes d’agora, ou As manias do século*.

⁴⁹ Ibid, p. 181. Registro de exame censório da peça *O ditador Rosas e a Mashorca*.

Ditador Rosas e a Mashorca”.⁵⁰ No dia seis de novembro daquele ano, a seção “Crônica da Quinzena” informou que, no dia 26 do mês anterior, a peça *As Manias do Século* havia sido apresentada no teatro São Pedro.⁵¹

Violante também solicitou do Conservatório o exame censório para *O xale de caxemira verde*,⁵² peça de Alexandre Dumas e Eugène Sue e traduzida por ela. No Conservatório Dramático, Violante foi mais que uma requerente; ela fez parte dessa instituição atuando na emissão e designação dos pareceres.⁵³

Suas produções não se limitaram às páginas do *Jornal das Senhoras* e, além das que já citamos até aqui, podemos acrescentar a publicação da coletânea *Algumas traduções das línguas francesa, italiana e inglesa*, no ano de 1859, e a criação do jornal *O Domingo*,⁵⁴ publicado entre 1873 e 1875, no qual ela também foi redatora. Considerando as atividades citadas em conjunto, podemos inferir que o conhecimento adquirido por Violante e os cargos que ela pôde alcançar tiveram em muito a contribuição da figura paterna, tendo em vista a posição de destaque de Diogo de Bivar nos espaços em que ele atuou.

Mostrando-se empenhada na tarefa de dirigir o jornal, Violante solicitou o apoio das assinantes no intuito de que ele atingisse o “grau de perfeição de que é merecedor”. Para isso, ela afirmou que não voltaria atrás no passo dado por Joanna ao fundá-lo, e que daria prosseguimento aos objetivos do mesmo “enquanto os amigos da literatura continuarem a sustentá-lo com a dignidade que tem patenteado”.⁵⁵

Como redatora, Violante publicou no jornal uma maior quantidade de textos com temas religiosos. Ao apresentar Maria, mãe de Jesus, como o modelo de mulher que deveria ser seguido, ela fez da religião um dos meios, se não o principal, para a instrução da mulher, tendo em vista que, de acordo com Guacira Lopes Louro, “através do símbolo mariano se apelava tanto para a *sagrada missão* da maternidade quanto para a manutenção da pureza feminina”.⁵⁶ Além da temática religião, sob a direção de Violante houve uma abrangência de textos que realçavam as qualidades maternas e o comportamento das mulheres, fatores presentes também na ficção, novelas e romances-folhetins publicados no *Jornal das Senhoras*

⁵⁰ CORREIO das senhoras. **Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica, Rio de Janeiro, n. 21, p. 167, 22 maio. 1853.

⁵¹ CRONICA da quinzena. **Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes e theatros, Rio de Janeiro, n. 45, p. 358, 6 nov. 1853.

⁵² LEMOS, 2014, p. 186. Registro de exame censório da peça *O xale de caxemira verde*.

⁵³ Ibid, p.p. 90, 91, 94, 110, 111, 112, 115, 126, 128, 172, 184, 186, 191, 311, 313.

⁵⁴ SCHUMAHER; BRAZIL, 2000, p. 521.

⁵⁵ VELLASCO, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e. As nossas assignantes. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica, Rio de Janeiro, n. 27, p. 1, 4 jul. 1852.

⁵⁶ LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del (org); BASSANEZI, Carla (coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2009, p. 447.

e que ganharam um espaço importante nesse momento e também sob a direção de Gervásia Nunezia Pires dos Santos Neves.

Tendo permanecido na redação até o mês de maio de 1853, o objetivo primeiro de Violante, de dar prosseguimento à direção do jornal, foi cumprido. Embora alguns artigos tenham sido diversificados e adequados à sua linguagem e visão, ao continuar com a produção do periódico ela permitiu que a temática da educação da mulher permanecesse sendo discutida através das páginas do jornal. Em cinco de junho de 1853 assumiu a direção do periódico Gervasia Neves, terceira e última redatora.

No texto escrito por Gervásia para a sua apresentação, ela fala da missão que seria assumir a direção de um jornal anteriormente dirigido por “senhoras de reconhecido mérito literato”, mas mostra-se confiante nessa tarefa, acima de tudo por saber que seria auxiliada com os escritos das colaboradoras “para a realização desse grandioso edifício cujas bases já se firmaram”.⁵⁷

Das três redadoras do *Jornal das Senhoras*, Gervásia é a figura sobre a qual menos informações foram encontradas. No próprio periódico existe divergência em relação ao nome do seu pai, que em um momento é apresentado como Feliciano Nunes Pires⁵⁸ e posteriormente como Innocencio Nunes Pires.⁵⁹ Nessas duas edições em que se fala do pai de Gervásia, é informado também que ela havia se casado em 22 de maio de 1852, dias antes de assumir a direção do jornal, com Antonio José dos Santos Neves. Foi através do nome do seu esposo que conseguimos informações – poucas, porém importantes – sobre a última redatora.

Antonio José dos Santos Neves foi um dos iniciadores e redatores do periódico *Imprensa Evangélica*,⁶⁰ primeiro jornal protestante do Brasil, publicado entre 1864 e 1892 no Rio de Janeiro e criado por Ashbel Green Simonton, pastor norte-americano igualmente fundador da Igreja Presbiteriana do Brasil.⁶¹

Nesse jornal encontramos duas referências a Antonio José Neves, ambas nas notas de falecimento: uma relativa à morte de Gervásia e a outra à dele mesmo. Nos textos constam

⁵⁷ NEVES, Gervasia Nunezia Pires dos Santos. Minha apresentação. **Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica, Rio de Janeiro, n. 24, p. 185, 12 jun. 1853.

⁵⁸ CORREIO das senhoras. **Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica, Rio de Janeiro, n. 22, p. 175, 29 maio. 1853.

⁵⁹ MOVIMENTO dos salões. **Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica, Rio de Janeiro, n. 23, p. 177, 5 jun. 1853.

⁶⁰ A morte do Sr. Antonio José dos Santos Neves. **Imprensa Evangélica** (1864-1892), Rio de Janeiro, n. 07, p. 50, 4 abr. 1874. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/imprensa-evangelica/376582>. Acesso em: 28 jan. 2018.

⁶¹ LEONEL, João. O jornal *Imprensa Evangélica* e a formação do leitor protestante brasileiro no século XIX. **Protestantismo em Revista**, v. 35, p. 65-81, São Leopoldo (RS), set./dez. 2014. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/issue/view/267>. Acesso em: 26 jan. 2018, p. 65-67.

breves informações sobre ambos, que nos ajudam a entender a linguagem empregada por Gervásia no *Jornal das Senhoras*. A primeira nota, em que é anunciado o falecimento de Gervásia no dia 25 de dezembro de 1872 após uma grave enfermidade, diz que ela foi professora do Externato e organista da Igreja Presbiteriana, tendo confessado sua fé em Cristo havia algum tempo e tendo sempre mostrado “grande interesse pela doutrina d’aquele grande Mestre Divino que lhe havia dado paz à sua alma”.⁶²

No segundo anúncio é noticiado que Antonio José Neves tinha falecido no dia 25 de março de 1874, após uma enfermidade, e que, tendo abraçado o Evangelho havia cerca de 12 anos, “uniu-se com a Igreja Presbiteriana desta Corte, e até o dia de sua morte não vacilou em sua fé, nem hesitou em fazer qualquer sacrifício que fosse necessário para guardar a sua profissão”.⁶³ Ao final da nota, são oferecidas “sinceras simpatias” às três filhas menores de Gervásia e Antonio, que a partir de então ficaram órfãs de mãe e pai.

Com estas informações, sabemos que Gervásia teve pelo menos três filhas, foi casada com um dos principais contribuintes do primeiro jornal protestante fundado no Brasil e que, assim como seu esposo, ela ligou-se à religião protestante. Embora isso tenha acontecido anos após ter sido redatora do *Jornal da Senhoras*, a visão cristã, além de ter permanecido recorrente no periódico, ganhou força na elaboração de cada número que esteve sob a direção de Gervásia. Comparando os artigos que constituíram o jornal quando da direção de cada uma das três redadoras, percebemos mudanças significativas nos conteúdos presentes em cada um deles. A linguagem mais crítica empregada por Joanna foi deixando lugar para textos mais recreativos e informativos, e assim textos extraídos de livros e até de outros jornais e os romances-folhetim passaram a ocupar a maior parte das páginas do periódico.

Foi nos anos de 1854 e 1855 que o jornal passou por diversas modificações, dentre as quais estão as mudanças e alternâncias nos títulos e nas pessoas que colaboravam com a escrita dos artigos das seções de “Modas”, “Correio dos Salões”, “Crônica dos Salões”, “Crônica dos Teatros” e “Crônica da Quinzena” (esta última escrita também por Gervásia antes de assumir a redação, assinando como Gervina P.). Houve sobretudo mudanças na linguagem dos textos, que estiveram direcionados em grande parte para temáticas associadas às virtudes do ser humano.

⁶² FALLECIMENTO. *Imprensa Evangélica*, Rio de Janeiro, n. 01, 4 jan. 1873. Noticiário, p. 8.

⁶³ A morte do Sr. Antonio José dos Santos Neves. *Imprensa Evangélica*, Rio de Janeiro, n. 07, p. 50, 4 abr. 1874.

Gervásia compreendia que as bases sobre as quais o *Jornal das Senhoras* foi firmado já estavam alicerçadas,⁶⁴ e que ela então daria seguimento ao que já estava posto e assim continuaria mantendo a publicação do jornal. As palavras iniciais de Joanna Manso no momento de surgimento do periódico, que pretendiam demonstrar que as mulheres não eram inferiores em inteligência, que sobre elas recaía a grande função de ensinar os filhos e por isso suas ações eram de extrema importância para o futuro deles, palavras enfim que promoveram discussões em torno da melhoria da educação das mulheres para o alcance da sua “emancipação moral e intelectual”, não permaneceram no jornal, no decorrer dos anos, com a mesma força de antes. Ainda assim, não podemos deixar de enfatizar que, através da publicação do *Jornal das Senhoras* e durante os seus quatro anos de existência, ele possibilitou que os anseios, pensamentos e ideais de um determinado grupo fosse exposto. A voz de algumas mulheres ecoou a partir de suas páginas.

A imprensa feminina que, como já foi dito, se inicia com a criação de jornais com temas dedicados às mulheres e foi ganhando espaço no Brasil em meados do XIX, a partir de periódicos escritos por elas, tornou-se “um canal de expressão para as sufocadas vocações literárias das mulheres”⁶⁵ e o *Jornal das Senhoras* fez parte desse processo. A seguir, abordamos a divulgação do jornal no Rio de Janeiro e nas províncias, aspecto relevante para evidenciar a amplitude do acesso ao seu conteúdo. Finalizamos este tópico com um texto do periódico que, embora tenha sido escrito pela segunda redatora, Violante, resume o que as três – ela, Joanna e Gervásia – enfrentaram e buscaram proporcionar a partir da atuação na direção do jornal:

Trabalhos, sacrifícios e constância não nos têm faltado; mas temos a convicção de que alguma coisa havemos feito de vantagem ao país, se bem que muito pouco à medida dos nossos desejos. Nós fomos as primeiras senhoras que não trepidamos em nos apresentar em público para darmos vida e animação intelectual ao gênio fértil, à imaginação viva e ardente do nosso sexo, até então destinado a abafar no peito ou confiar às tiras de papel trancadas em seu gabinete o sentimento das mais belas inspirações de literatura.

[...]

Nós, enfim, as primeiras senhoras que, encetando um JORNAL desta ordem, travado de imensas dificuldades, sem lucros, sem recursos mais que a vossa cooperação, não trememos, não esmorecemos, prosseguimos, e tudo confiamos da Providência Divina que enxergava as nossas devotadas intenções e a nossa firme resolução.⁶⁶

⁶⁴ NEVES, Gervasia Nunezia Pires dos Santos. Minha apresentação. **Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica, Rio de Janeiro, n. 24, p. 185, 12 jun. 1853.

⁶⁵ BUITONI, 1990, p. 40.

⁶⁶ VELLASCO, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e. As nossas assignantes. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica, Rio de Janeiro, n. 42, p. 123-124, 17 out. 1852.

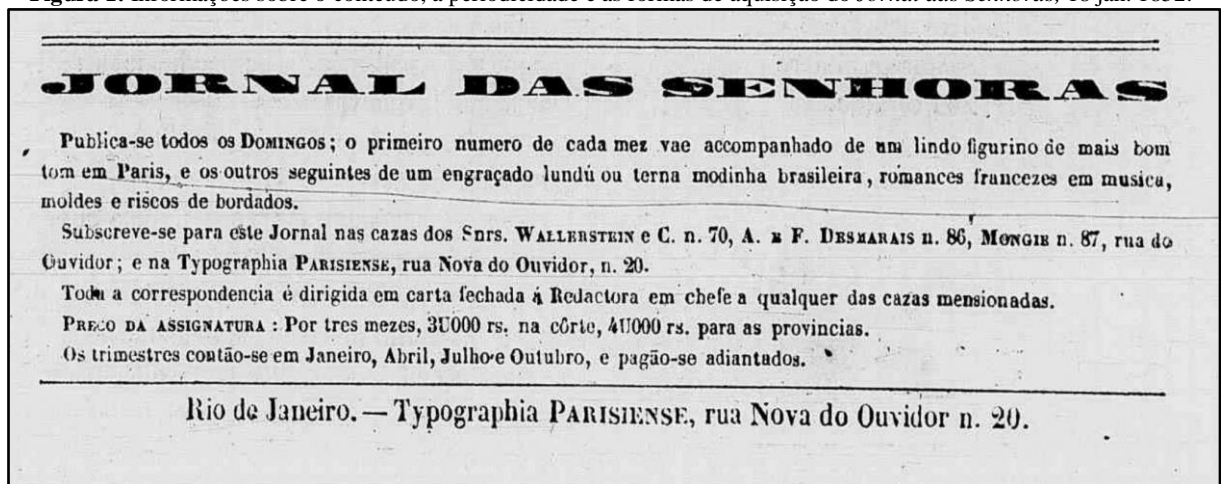
2.2 DIVULGAÇÃO E ALCANCE DO *JORNAL DAS SENHORAS*

Conforme já foi apontado, o periódico foi fundado em primeiro de janeiro de 1852 e circulou, ininterruptamente, até 30 de dezembro de 1855, no Rio de Janeiro e nas províncias, com um total de 209 números nos seus quatro anos de existência. Publicado semanalmente, aos domingos, era comercializado através de assinatura, sendo distribuído na Corte pelo valor de três mil réis e nas províncias por quatro mil réis, a ser pago trimestralmente. A partir de quatro de julho de 1852, juntamente com a mudança de redatora (Violante assumiu a partir de então) o valor do jornal também foi modificado, passando a custar seis mil réis na Corte e sete mil réis nas províncias, agora para assinatura semestral.

Sem anunciantes permanentes, o custo do jornal era suprido através das assinantes, que tinham o compromisso de pagar adiantado a cada três meses (periodicidade que esteve em vigência de 01/01/1852 a 27/06/1852) e a cada seis meses (de 04/07/1852 a 30/12/1852).

No que diz respeito à circulação do jornal, eram trazidas, ao final da última página de cada número, informações sobre o conteúdo, a periodicidade e as formas de aquisição:

Figura 1: Informações sobre o conteúdo, a periodicidade e as formas de aquisição do *Jornal das Senhoras*, 18 jan. 1852.



Fonte: *O Jornal das Senhoras*, n. 3, 18 jan. 1852, p. 24.

Além de indicar o dia de publicação, o valor e os locais onde o jornal podia ser adquirido, o anúncio de que ele também trazia figurinos, moldes de bordados e músicas era uma maneira de atrair e aumentar a sua procura, tendo em vista que esses “acompanhamentos” podiam ser adquiridos de forma avulsa. As informações constantes no periódico não fazem referência a essas vendas isoladas, porém, em alguns anúncios feitos pelo *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, um dos muitos que fizeram propaganda do *Jornal*

das Senhoras, é informado que a aquisição desses acompanhamentos poderia ser feita de maneira separada.

A partitura musical *Lundu das moças: para cantar no dia de S. Antonio*, de autoria de Francisco de Sá Noronha, esposo de Joanna, fez parte da composição do *Jornal das Senhoras* de 13 de junho de 1852 e podia ser comprada isoladamente em duas das casas que o subscreviam, a do *Mongie* e dos *Wallerstein*, pelo valor de 320 réis.⁶⁷ Outros exemplos de venda avulsa anunciada pelo *Jornal do Commercio* foram uma *Lyra*, composta por H. C. Stockmeyer, trazida pelo *Jornal das Senhoras* em 25 de julho de 1852 e que podia ser adquirida por 160 réis na loja do *Sr. Mongie*;⁶⁸ e uma estampa com sete figurinos de homens que, em atenção aos pedidos, seria vendida de maneira independente na casa dos *Wallerstein*.⁶⁹ Esse mecanismo de vendas avulsas em muito contribuiu para o acesso a determinados conteúdos do jornal por não assinantes e, além de possibilitar a divulgação dos trabalhos, fez com que o periódico se tornasse mais conhecido.

Outro fator que pode ter contribuído na divulgação do *Jornal das Senhoras*, foi a variedade das tipografias em que ele foi impresso ao longo dos quatro anos de circulação. Foram elas a tipografia *Parisiense* (no período de 01/01/1852 a 29/02/1852), *De Santos e Silva Junior* (07/03/1852 a 10/10/1852), *Do Jornal das Senhoras – de Santos e Silva Junior* (24/10/1852 a 27/02/1853), *Do Jornal das Senhoras de G. Leuzinger* (06/03/1853) e por fim a tipografia *Do Jornal das Senhoras* (13/03/1853 a 30/12/1855). Seus endereços também variaram entre a Rua Nova do Ouvidor, Rua da Carioca, Rua do Ouvidor, Rua da Alfândega e Rua do Cano.

Essas casas tipográficas estavam localizadas em pontos centrais do Rio de Janeiro. Todas as três lojas em que o *Jornal das Senhoras* podia ser subscrito (*Wallerstein e C*; *A e F Desmarais* e *Mongie*) e um dos espaços em que foi impresso se localizavam na rua do Ouvidor. Esses fatores nos fazem considerar que a efetivação das assinaturas do jornal nesses locais não foi aleatória e sem intenção, tendo em vista que a rua do Ouvidor sediava as mais variadas e importantes lojas de modas, perfumarias, joalherias, cafés, restaurantes, confeitarias e livrarias da cidade.⁷⁰

⁶⁷ ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio* (1827-2013), Rio de Janeiro, n. 161, p. 03, 12 jun. 1852. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=364568&pesq=>. Acesso em: 25 jan. 2018.

⁶⁸ ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, n. 205, p. 04, 26 jul. 1852.

⁶⁹ ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, n. 176, p. 03, 26 jun. 1853.

⁷⁰ SCHWARCZ, 1998, p. 105-106.

Na obra *Memórias da Rua do Ouvidor*,⁷¹ a qual traz as impressões de Joaquim Manuel de Macedo sobre essa rua, publicadas a princípio em formato de folhetim no *Jornal do Commercio* no Rio de Janeiro, encontram-se referências feitas pelo escritor às três casas em que o *Jornal das Senhoras* era subscrito. De acordo com Macedo,

O *Wallerstein* foi o Carlos Magno da *rua do Ouvidor*.
Ó loja do *Wallerstein*!... A lembrança dos seus primores faz ainda palpitar corações, não de velhas, porque não há senhoras que o sejam, mas de senhoras que foram meninas e jovens durante o florescimento daquele gênio do *bom gosto*, florescimento que perdurou desde o fim do primeiro reinado até além da coroação do Imperador o Sr. D. Pedro II.⁷²

Consta, nas memórias de Macedo, que existiam na rua do Ouvidor outras lojas que vendiam os mesmos produtos da do *Wallerstein*, como leques, sedas e xales, mas que não interessavam às moças e senhoras pelo fato de não serem procedentes da dita loja, demonstrando o quanto ela importava valor para as mulheres da alta sociedade.

A casa *Wallerstein e C.*, além de constituir um dos locais para assinatura do *Jornal das Senhoras*, foi uma das casas comerciais indicadas pelo periódico onde poderiam ser encontrados os figurinos apresentados na seção de “Modas”, uma das principais no jornal. Vestidos, xales, paletós, leques e lenços eram alguns dos artigos mais distintos vendidos na loja para a satisfação do “círculo do bom-tom”:

E para provar ao mundo elegante quanto o JORNAL DAS SENHORAS ambiciona merecer o conceito de todas e colocar-se na posição que lhe compete, reparem nas fazendas de seda, linho ou algodão, nos enfeites, quaisquer que eles forem, que vos apresentar mensalmente os nossos Figurinos.

[...]

Isto, por certo, é uma das grandes vantagens do JORNAL DAS SENHORAS; **a moda que ele anuncia está escrita, pintada, executada, e já nas prateleiras da casa dos Srs. Wallerstein e C.** postas à vista do apurado gosto do nosso mundo elegante.⁷³

Macedo também menciona, entre os principais espaços de grande frequência na rua do Ouvidor, a livraria de *Louis Mongie*, “preciosa fonte de civilização [...], frequentada pelos homens de letras, e pelos cultivadores das ciências, que achavam nela os melhores livros de publicação recente, e o gozo da conversação ilustrada e espirituosa com o livreiro”.⁷⁴

⁷¹ MACEDO, Joaquim Manuel de. **Memórias da Rua do Ouvidor**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, v. 41, 2005. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/1105>. Acesso em 15 jan. 2018.

⁷² *Ibid*, p. 128.

⁷³ MODAS. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica, Rio de Janeiro, n. 4, p. 26, 25 jan. 1852. [grifo nosso]

⁷⁴ MACEDO, op. cit., p. 193.

Menciona ainda a loja de perfumaria dos *Desmarais* que, à maneira da dos *Wallerstein*, contribuía para a elegância da alta classe e não ficou de fora dos prestígios recebidos socialmente:

A loja de perfumarias *Desmarais* teve no seu gênero a glória e a primazia de que gozou a do *Wallerstein*; exerceu o governo e fez o encanto do nariz, dos cabelos, e das barbas da cidade do Rio de Janeiro.

[...]

Essências, sabonetes, escovas, suavíssimas esponjas, adornos de toucador, vidrinhos de cheiro, espelhos, bonecas, cabelos anelados, etc., só as do *Desmarais*, a que, eu o creio, chegavam encomendas até de Goiás e de Mato Grosso.⁷⁵

Por terem ocupado um espaço de destaque na conceituada rua do Ouvidor, as lojas *Wallerstein e C*, de *Louis Mongie* e dos *Desmarais* foram de essencial importância para a notoriedade do *Jornal das Senhoras* e, através desses ambientes, pode-se ter uma ideia do perfil de quem tinha acesso direto à assinatura do periódico. Por outro lado, é relevante considerar que, embora o *Jornal das Senhoras* tenha trazido apenas um anúncio durante os seus quatro anos de circulação, que foi o da loja de calçados *Vianna e C.*, as referências a essas três lojas também consistiram em propaganda, ainda que de maneira indireta. Anunciá-las como pontos de venda do jornal possibilitou-lhes maior visibilidade, bem como dos produtos que nelas eram vendidos.

Não dispomos de informações sobre a quantidade exata de assinaturas ou mesmo de uma lista com os nomes das pessoas que assinavam o periódico, mas, tendo em vista que a sua obtenção era feita através de assinatura e diante das características das lojas em que poderia ser subscrito, é possível supor que as/os assinantes pertenciam às elites econômicas. Além disso, a linguagem dos artigos, as indicações de lugares a serem frequentados, as dicas de como se vestir, quais acessórios usar, em quais lojas os produtos podiam ser comprados, os tipos de literatura apresentados para leitura, mostram que o periódico foi escrito visando atingir homens e mulheres das classes altas.

Uma informação relevante a respeito da quantidade de assinantes do *Jornal das Senhoras* é apresentada pelo *Diário do Rio de Janeiro (1821-1878)* nas publicações dos dias 24 e 31 do mês de dezembro de 1853:

OS 1.000 ASSINANTES
Que subscreverem por um ano o *Jornal das Senhoras*,
JORNAL DE MODAS E LITERATURA

⁷⁵ MACEDO, 2005, p. 134.

Receberão de presente no ato da assinatura uma coleção de 24 lindos figurinos coloridos de senhoras e cavaleiros. – Modelos de toucas, camisinhas e mangas modernas. – Debuxos de diversos bordados. – Valsas, polkas, schottische, o que tudo forma um caderno recomendável pela diversidade de peças que apresenta.

Assina-se na casa dos Srs. Wallerstein e C., rua do Ouvidor n. 70.⁷⁶

Entre os anos de 1852 e 1855 o *Diário do Rio de Janeiro* trouxe em suas páginas diversos anúncios do *Jornal das Senhoras*, seja apresentando os artigos que compunham este periódico ou mesmo trazendo textos dele extraídos, indicando sempre onde ele poderia ser adquirido. O texto do anúncio acima sugere ser possível que o número de 1000 assinaturas pudesse ser atingido, provavelmente entre a Corte e as províncias, o que indica uma tiragem considerável.

Embora o primeiro exemplar do *Jornal das Senhoras* tivesse saído no ano de 1852, desde, ao menos, fins de 1851, já era divulgada propaganda da sua futura publicação, o que evidencia que, antes mesmo de vir a público, ele já era conhecido. O veículo que traz os anúncios é o *Jornal do Commercio*, informando ao “bom tom do Rio de Janeiro e de todas as províncias do império do Brasil” que, no início de janeiro de 1852, sairia “à luz” o *Jornal das Senhoras*,⁷⁷ e que a redatora Joanna Paula Manso convidava todas as senhoras a adquirirem-no através das assinaturas.⁷⁸ Traz também uma nota, sob o título “Manifestação da redatora em chefe”, em que são apresentadas as características e as condições de aquisição do *Jornal das Senhoras*. A nota, no entanto, vai além de um simples aviso sobre o jornal, e dá destaque para uma das principais distinções deste, que foi o fato de ser redigido por mulheres:

Já era tempo de aparecer nesta corte, capital do Império do Brasil, um jornal redigido por senhoras, a exemplo do que se pratica em todos os países civilizados da Europa e da América do Norte: a ilustração, em progresso, no homem brasileiro, deve também ser partilha da mulher, porque é ser que tem alguma vida, e pensa como ele.

D. Joanna Paula Manso de Noronha apresenta-se pois a todas as senhoras em geral, e a cada uma em particular, para lhes oferecer um jornal que será exclusivamente delas, e por isso tomou o título de JORNAL DAS SENHORAS.⁷⁹

O anúncio de que a aquisição do periódico era conveniente, de que as suas páginas eram compostas dos mais variados e importantes artigos, e a afirmação de que ele era escrito e

⁷⁶ ANNUNCIOS. *Diário do Rio de Janeiro* (1821-1878), Rio de Janeiro, n. B 344, p. 4, 24 dez. 1853; n. B 340, p. 4, 31 de dez. 1853. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=094170&pesq=>. Acesso em: 25 jan. 2018.

⁷⁷ ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, n. 314, p. 03, 15 nov. 1851.

⁷⁸ ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, n. 352, p. 04, 23 dez. 1851.

⁷⁹ ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, n. 350, p. 04, 21 dez. 1851.

direcionado às mulheres em muito contribuíram para a notoriedade do *Jornal das Senhoras*, antes mesmo do início de sua publicação.

Além dos anúncios do *Jornal do Commercio* e do *Diário do Rio de Janeiro*, entre os anos de 1852 e 1855, outros periódicos da Corte e das províncias também trouxeram propagandas ou a transcrição de textos do *Jornal das Senhoras*, cooperando para a sua divulgação e conseqüentemente para o número das assinaturas. Os jornais *Correio Mercantil*, *O Clarim Echo da União: Periódico Político Imparcial*, *Periódico dos Pobres*, *Marmota Fluminense* e *O Mágico* são exemplos dos do Rio de Janeiro, e o *Diario de Pernambuco* e *O Dezenove de Dezembro* das províncias de Pernambuco e do Paraná, respectivamente.

Nas páginas iniciais do *Periódico dos Pobres* era publicado constantemente o artigo “Visita das Primitivas”, apresentado em forma de diálogo, e nele apareceram algumas referências ao *Jornal das Senhoras*, feitas pelas interlocutoras das conversas, como a discussão sobre a emancipação das mulheres e as indicações de modas,⁸⁰ ou mesmo anunciando acontecimentos, como foi o caso da encenação de algumas peças escritas por Joanna Manso no teatro de São Pedro:

- Muito bem, tem a senhora criticado do teatro largamente, agora quero lhe pedir toda a sua proteção para um benefício no teatro de S. Pedro.
- De quem?
- Da autora dos dramas – *Esmeralda*, *Família Morel*, *Ditador Rosas*, etc. etc., da primeira redatora do *Jornal das Senhoras*.
- Para esse benefício corre-nos obrigação, porque **a Exma, Sra. D. Joanna Paula Manso de Noronha é a honra do nosso sexo**, e nós todas devemos pedir e rogar a fim de que na noite de 8 de outubro, o salão do teatro de S. Pedro esteja apinhado de povo.⁸¹

A qualificação de Joanna, no diálogo acima, como “a honra” do sexo feminino remete à ideia de que seu posicionamento e as discussões que levantou através do *Jornal das Senhoras* tiveram relevância na época. Embora esses diálogos, trazidos pelo *Periódico dos Pobres*, fossem apresentados no feminino, não sabemos se eles realmente foram escritos por mulheres. Ainda assim, o referido jornal não deixou de elogiar a atuação de Joanna e de recomendar que as peças teatrais escritas por ela fossem prestigiadas.

O Clarim Echo da União: Periódico Político Imparcial trouxe a reprodução do poema “A Virgem Mendicante”, publicado no *Jornal das Senhoras* em dez de outubro de

⁸⁰ VISITA das primitivas. **Periódico dos Pobres** (1850-1871), Rio de Janeiro, n. 14, p. 1, 7 fev. 1852; n.134, p. 3, 06 dez. 1853; n. 09, p. 2, 24 jan. 1854; n. 26, p. 1, 11 mar. 1854; n. 29, p. 2, 18 mar. 1854; n. 97, p. 2, 19 set. 1854. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/periodico-pobres/709697>. Acesso em: 26 jan. 2018.

⁸¹ VISITA das primitivas. **Periódico dos Pobres**, Rio de Janeiro, n. 107, p. 2, 29 set. 1853. [grifo nosso]

1852 e reproduzido no *Clarim* pelo fato de a leitura ser considerada relevante;⁸² traz também o “Hino à Tarde”, escrito por Salomon, um poeta que teve muitos textos publicados no *Jornal das Senhoras*, “por acharmos mui sublime, e digno de ser apreciado pelos nossos distintos leitores”.⁸³

No *Marmota Fluminense: Jornal de Modas e Variedades*, podemos citar referências ao *Jornal das Senhoras* na seção de “Modas”, em que era trazida a descrição dos figurinos feita por este periódico⁸⁴ e também a indicação de leitura de uma glosa escrita com base em mote também publicado pelo *Jornal das Senhoras*.⁸⁵ As referências em jornais da Corte incluem ainda anúncio no *Correio Mercantil*,⁸⁶ que informava a respeito do quarto ano de publicação do *Jornal das Senhoras*, e no periódico *O Magico*,⁸⁷ sobre o qual chamamos atenção de forma particular tendo em vista que foi neste jornal que o(a) autor(a) de uma carta assinada por “O Homem”, remetida a Joanna logo no início das discussões sobre a emancipação da mulher, teve algumas correspondências publicadas. A discussão por ele levantada é tratada no segundo capítulo desta dissertação.

No que se refere às províncias, foram levantados os anúncios feitos por dois jornais. No *Diario de Pernambuco*, encontramos anúncios em que era informado o local onde a assinatura do *Jornal das Senhoras* poderia ser feita nessa província,⁸⁸ e a reprodução da poesia “A Fada”, remetida ao *Diario* para publicação, por leitor(a) que diz:

Srs. Redatores. – Lendo o *jornal das senhoras*, folheto impresso no Rio de Janeiro, e deparando com uma poesia – A Fada – belíssima produção de L. F. da Veiga, não pude furtar-me ao desejo de publicá-la neste conceituado jornal.⁸⁹

⁸² **O Clarim Echo da União:** Periódico Político Imparcial (1849-1852), Rio de Janeiro, n. 08, p. 3-4, 24 out. 1852. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/clarim/738905>. Acesso em: 26 jan. 2018.

⁸³ **O Clarim Echo da União:** Periódico Político Imparcial, Rio de Janeiro, n. 09, p. 3-4, 31 out. 1852.

⁸⁴ MODAS. **Marmota Fluminense:** Jornal de Modas e Variedades (1854-1858), Rio de Janeiro, n. 547, p. 1, 2 fev. 1855; n. 550, p. 2, 09 fev. 1855; n. 552, p. 1, 13 fev. 1855. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/marmota-fluminense/706914>. Acesso em: 26 jan. 2018.

⁸⁵ MODAS. **Marmota Fluminense:** Jornal de Modas e Variedades, Rio de Janeiro, n. 550, p. 4, 09 fev. 1855.

⁸⁶ ANNUNCIOS. **Correio Mercantil** (1848-1868), Rio de Janeiro, n. 08, p. 3, 09 jan. 1855. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/correio-mercantil-instructivo-politico-universal/217280>. Acesso em: 25 jan. 2018.

⁸⁷ **O Magico** (1851-1852). Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/magico/717428>. Acesso em: 20 fev. 2018.

⁸⁸ AVISOS diversos. **Diário de Pernambuco** (1825-1984), Pernambuco, n. 95, p. 3, 28 abr. 1852; n. 96, p. 3, 29 abr. 1852; n. 97, p. 3, 30 abr. 1852. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=029033&pesq=>. Acesso em: 25 jan. 2018.

⁸⁹ CORRESPONDENCIAS. **Diário de Pernambuco**, Pernambuco, n. 120, p. 3, 26 maio 1854.

Por fim, *O Dezenove de Dezembro* anunciou que o *Jornal das Senhoras*, redigido por uma senhora e publicado na Corte,⁹⁰ podia ser subscrito na mesma tipografia que ele próprio e que trazia artigos diversificados, além dos figurinos de moda e peças de música.

O que pretendemos evidenciar, com as citações de alguns dos jornais que trouxeram em suas páginas informações relacionadas ao *Jornal das Senhoras*, é que este periódico foi amplamente divulgado e seu conteúdo bastante conhecido. Não podemos afirmar que ele tenha alcançado em algum momento a meta de 1000 assinaturas, mas é certo que as propagandas dos periódicos, inclusive a ênfase em que ele era escrito por senhoras, pode sim ter aguçado a curiosidade a seu respeito, principalmente através da abertura de espaço para que outras mulheres pudessem participar da escrita do jornal.

Além do acesso direto ao *Jornal das Senhoras*, entendemos que o seu conteúdo também pôde ter alcançado mesmo quem não era assinante, bem como pessoas que não sabiam ler, sendo apreendido mediante diferentes maneiras. Roger Chartier salienta que a apropriação de um texto acontece independente de classe social e que ele pode ser acessado de diversos modos. Aqueles que sabem ler, ao entrarem em contato com um determinado texto, não o leem da mesma forma; assim também os que não são alfabetizados podem se relacionar com o mesmo texto através da audição,⁹¹ evidenciando que determinadas estatísticas, como a de grau de instrução, não constituem, sem a devida problematização, um parâmetro para saber por quais pessoas o texto foi acessado.

É importante que se leve em consideração, porém, o grupo para o qual a escrita do jornal estava direcionada. Conforme já foi indicado, o *Jornal das Senhoras* propunha o “melhoramento social e emancipação moral da mulher”. Além de trazer aspectos relacionados à educação intelectual feminina, suas páginas também se configuraram como indicativo de moda, literatura, comportamento e beleza a todas as pessoas pertencentes ao “círculo do bom-tom”, expressão usada no jornal que tem como referência a educação, fineza e elegância, a partir de parâmetros europeus.

Estes aspectos evidenciam que sua escrita era direcionada a uma camada social economicamente elevada, à qual era possível ter acesso aos artigos apresentados pelo jornal, sejam as roupas, os adereços, os textos literários, bem como os espaços que permitiam a sociabilidade na capital da Corte imperial, como os bailes e teatros. O acesso ao seu conteúdo pode ter sido feito de variadas formas, porém sua linguagem tinha um alvo pretendido a ser

⁹⁰ ANNUNCIOS. **O Dezenove de Dezembro** (1854-1890), Paraná, n. 53, p. 4, 28 mar. 1855. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/Dezenove-de-Dezembro/416398>. Acesso em: 25 jan. 2018.

⁹¹ CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: UNB, 1994, p. 11-13.

alcançado, tendo em vista os impressos serem, em geral, cuidadosamente montados de maneira que haja uma identificação por parte do grupo ao qual a escrita é destinada.

Por reunir um conjunto de características com a finalidade de alcançar o público a que se dirigia, faz-se necessário que conheçamos a estrutura e os elementos editoriais que constituíram o *Jornal das Senhoras*.

2.3 ESTRUTURA E OUTROS ATRIBUTOS DO JORNAL DAS SENHORAS

A primeira referência que deve ser feita, aqui, diz respeito do título e subtítulo do jornal, modificados em determinados momentos. Muito provavelmente essas mudanças ocorreram devido às pretensões que cada redatora quis imprimir no periódico.

O título inicial era *O Jornal das Senhoras* e logo abaixo vinha o subtítulo “Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica”, o qual apontava para os assuntos que seriam tratados, permanecendo sem alterações durante todo o ano de 1852. A primeira modificação ocorreu durante a direção de Violante, em primeiro de janeiro 1853, quando foi retirada a palavra “crítica” do subtítulo. Em seis de março de 1853, juntamente com uma das mudanças de tipografia, é retirada a letra “O” do título e a palavra “crítica” é acrescentada novamente.

Outras mudanças também fizeram parte dos objetivos de Violante ao assumir a redação do jornal, como o aumento da quantidade de folhas, sem que interferisse no valor da assinatura, as quais estariam reservadas para se tratar sobre os bailes, modas, anúncios de lojas de perfumaria, de joalheria e de decorações, além dos moldes para bordados e partituras musicais. Tudo isso com o objetivo de fazer com que o jornal alcançasse “o grau de perfeição” de que ele era merecedor.⁹²

O aumento da quantidade de folhas, proposto por Violante, não foi permanente, e o jornal permaneceu com uma média de oito a nove folhas por número, sendo que normalmente os números que apareciam com 11 ou 12 eram devido às publicações de artigos mais extensos. No mais, os conteúdos garantidos por ela que estariam presentes no jornal foram efetivamente publicados.

Ainda a propósito das alterações no título e subtítulo do jornal, duas foram as modificações feitas posteriormente. Em dois de outubro de 1853, agora com Gervásia atuando na direção do jornal, a palavra “crítica” é removida novamente, desta vez de forma

⁹² VELLASCO, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e. As nossas assignantes. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica, Rio de Janeiro, n. 42, p. 123-124, 17 out. 1852.

permanente, e em primeiro de janeiro de 1854 é acrescentado mais um subtítulo: “Jornal da boa companhia”.

Figura 2: Página inicial do *Jornal das Senhoras*, 18 jan. 1852.



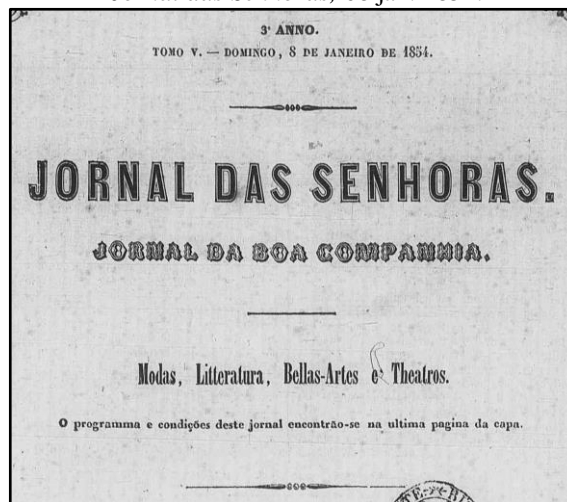
Fonte: *O Jornal das Senhoras*, n. 03, 18 jan. 1852, p. 01.

Figura 3: Página inicial do *Jornal das Senhoras*, 02 out. 1853.



Fonte: *Jornal das Senhoras*, n. 40, 02 out. 1853, p. 01.

Figura 4: Página inicial do *Jornal das Senhoras*, 08 jan. 1854.



Fonte: *Jornal das Senhoras*, n. 2, 08 jan. 1854, p. 01.

Um dado interessante é que a menção de que o periódico era “de boa companhia” havia sido feita antes do *Jornal das Senhoras* trazê-la em suas páginas, como pode ser observado em um anúncio do *Jornal do Commercio* no ano de 1852, demonstrando que esta já era uma referência atribuída ao jornal.

O JORNAL DAS SENHORAS

escrito por senhoras,

Jornal da boa companhia,

continua a ser publicado em todos os domingos do

ANO DE 1853,

debaixo das mesmas condições já estipuladas para o ano de 1852.⁹³

As modificações do título e subtítulo não foram mencionadas em possíveis explicações para elas que poderiam ter sido veiculadas pelas editoras, porém de alguma maneira elas se adequaram à linguagem do periódico. Como já foi ressaltado, o foco inicial do jornal era o de propagar a ilustração e contribuir para a emancipação das mulheres. Os textos que tratavam diretamente deste tema foram publicados com maior veemência quando a direção do jornal estava a cargo de Joanna.

Com Violante e Gervásia a temática da educação permaneceu nos escritos que compunham cada número do periódico, porém, com um acréscimo considerável de textos relacionados à religião, à moral e às virtudes. Joanna tinha um foco mais na reflexão crítica sobre a sociedade; Violante e Gervásia nos modelos de moralidade. Neste sentido, as alterações no título e subtítulo poderiam estar relacionadas à orientação que estas duas últimas redatoras introduziram no jornal.

Os demais elementos que integravam o *Jornal das Senhoras* eram poemas, música, romances em formato de folhetim, textos educativos, recreativos, artigos de moda (em que eram apresentados os modelos de vestimentas que deveriam ser usados de acordo com cada ocasião); textos sobre teatro, bailes e diversas festividades, trazendo informações a respeito dos espaços de sociabilidade do Rio de Janeiro bem como dos eventos que iriam ocorrer na capital e nos arredores. Havia ainda notícias sobre a chegada de pessoas notórias à capital imperial e sobre sua partida, bem como acerca de algumas transformações espaciais.

Além das mulheres convidadas por Joanna e posteriormente por Violante e Gervásia para escreverem os artigos fixos, o jornal também era composto por textos de autoria de quem os enviava ou extraídos de obras variadas e remetidos para publicação. No entanto, não eram produções feitas ou compartilhadas apenas por mulheres, já que o jornal trouxe em suas páginas diversos escritos e inclusive poemas de autoria masculina, dentre os quais podemos citar as músicas compostas por Francisco Noronha, esposo de Joanna, e também alguns poemas de Antonio José Neves dedicados à sua esposa, Gervásia.

Textos de autoria das redatoras e cartas enviadas pelas leitoras também compunham o *Jornal das Senhoras*. O romance *Misterios del Plata*, publicado no jornal em formato de

⁹³ ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, n. 351, p. 03, 21 dez. 1852.

folhetim entre janeiro e julho de 1852, tratando do contexto argentino durante a ditadura de Juan Manuel de Rosas, era de autoria de Joanna e começou a ser escrito por ela em 1846, sendo concluído em fins de 1849 e início de 1850.⁹⁴ Um texto sobre assuntos políticos, baseado em fatos reais, num jornal que pregava a educação da mulher, é mais um sinal apresentado por Joanna do quanto o crescimento intelectual feminino era necessário. Para ela, a percepção da verdade constituía um atributo dado por Deus, e, portanto, não poderia ser oculto ou esquecido, mas “revelado aos homens com voz sonora e porte altivo”.⁹⁵ Esta é a razão por ela apresentada para ter escrito o romance, para que o conhecimento sobre aquele momento histórico da Argentina fosse transmitido.

Além do romance *Misterios del Plata*, Joanna publicou no jornal algumas recordações de viagens a Cuba e aos Estados Unidos, que foram extraídas do seu diário particular.⁹⁶ O compartilhamento, no jornal, das impressões dos lugares que visitou pode ter sido mais um meio utilizado por Joanna para instruir as leitoras através de suas experiências. Ao colocar as leitoras em contato com uma variedade de informações, o jornal buscava corresponder aos seus interesses e expectativas. Partindo desta perspectiva, correspondências escritas por leitoras tecendo elogios a Joanna pela relevância do *Jornal das Senhoras* eram enviadas à redação, e posteriormente publicadas no periódico.

Através da análise de revistas femininas de destaque no Brasil nos anos de 1940 a 1960, Carla Bassanezi trata de um ponto fundamental da escrita desses impressos, que é a capacidade de “formar gostos, opiniões, padrões de consumo e de conduta”. Para Bassanezi, elas “acabam servindo muitas vezes como guias de ação, conselheiras persuasivas e companheiras de lazer”. Assim, apresentam-se como amigas de suas leitoras, dando-lhes uma sensação de conforto ao se mostrarem como uma referência através de suas páginas.⁹⁷

Embora os impressos analisados por Bassanezi sejam de um período bem posterior ao do *Jornal das Senhoras*, as características acima, apontadas por ela, são perceptíveis no jornal, em que as redatoras buscaram construir um elo entre elas mesmas e suas leitoras, evidenciado através de cartas que demonstravam a receptividade do periódico.

Sob o título “Correspondências”, publicado no dia oito de fevereiro de 1852, aparecem algumas cartas de leitoras, enviadas a Joanna, que ela fez questão de divulgar no

⁹⁴ NORONHA, Joanna Paula Manso de. Nota da autora. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica, Rio de Janeiro, n. 27, p. 08, 4 jul. 1852.

⁹⁵ MISTERIOS del Plata: Romance histórico contemporâneo. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica, Rio de Janeiro, n. 01, p. 07, 1 jan. 1852.

⁹⁶ RECORDAÇÕES de viagem. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica, Rio de Janeiro, n. 09, p. 68-70, 29 fev. 1852; n. 14, p. 107-108, 4 abr. 1852; n. 18, p. 137-138, 2 maio 1852.

⁹⁷ BASSANEZI, Carla Beozzo. **Virando as páginas, revendo as mulheres**: revistas femininas e relações homem-mulher, 1945-1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, p. 15-16.

jornal. Na primeira delas, a leitora que escreve é desejosa de contribuir para o periódico com alguns textos traduzidos ou extraídos de leituras que fazia e, sob anonimato, envia o texto “Pensamentos sobre a verdadeira amizade”, mostrando-se agradecida “a quem tão dignamente pugna pelos direitos da emancipação da mulher”.⁹⁸

Uma segunda carta é assinada por leitora com o nome Lina, em que ela diz ter tomado conhecimento do periódico através de um anúncio no *Jornal do Commercio* e imediatamente foi pedir a seu pai “que o mandasse buscar”. Satisfeita com o que leu nas páginas do jornal, o espaço concedido por Joanna para a contribuição das leitoras é também por ela preenchido, através do envio da poesia “Então me quer?”. Na referida carta, Lina ainda demonstra o seu sentimento ao ter contato com o jornal:

Apenas chegou, fui devorando-o, e logo no princípio acho um convite para todas as que quiserem concorrer com o seu cabedal, e ocupar um lugarzinho nas páginas do – JORNAL. – Foi o mesmo que se estivesse com muita sede e calor, e a senhora me oferecesse um sorvete.

[...]

A senhora veio-nos abrir um campo de atividade, em que podemos exercitar as nossas forças, e sair do nosso estado de vegetação. Como lhe agradeceremos?

Demais, que prazer o de escrever alguma coisa em letra redonda; saber que outras leem nossos pensamentos. Tanto que eu desejava isto, agora a senhora me oferece uma oportunidade.⁹⁹

Em todas as cartas é constante a menção aos benefícios que o *Jornal das Senhoras* vinha trazendo e à ideia de que, dado que ele apontava as verdades em favor das mulheres, elas deviam contribuir para a sua prosperidade. É este o pensamento apresentado por uma terceira leitora, Francina, ao considerar que todas as mulheres deveriam “contribuir com o [...] cabedal para a prosperidade do JORNAL DAS SENHORAS”.¹⁰⁰

Além destas três correspondências divulgadas no segundo mês de existência do jornal, em 20 de junho de 1852 é publicada mais uma carta onde a leitora, que assina Emilia Constança Ferreira de L., mostra sua gratidão a Joanna e oferece como testemunho de sua particular afeição, o texto “Tributo de afetuosa estima”.¹⁰¹ Na medida em que leitora e redatora dialogavam, a opinião externa tornava-se um retorno de suma importância para a existência do jornal, pois era uma maneira de mostrar o grau de aceitação da sua escrita.

⁹⁸ UMA assignante. **O Jornal das Senhoras:** modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica, Rio de Janeiro, n. 06, 8 fev. 1852. Correspondências, p. 44.

⁹⁹ LINA. **O Jornal das Senhoras:** modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica, Rio de Janeiro, n. 06, 8 fev. 1852. Correspondências, p. 44. [grifo nosso]

¹⁰⁰ FRANCINA. **O Jornal das Senhoras:** modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica, Rio de Janeiro, n. 06, 8 fev. 1852. Correspondências, p. 45.

¹⁰¹ L, Emilia Constança Ferreira de. **O Jornal das Senhoras:** modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica, Rio de Janeiro, n. 25, 20 jun. 1852. Correspondência, p. 198-200.

Vale considerarmos, no entanto, que é possível que redatores publiquem em seus jornais textos de sua autoria como se tivessem sido escritos por leitores, com o objetivo de justificar a mudança ou permanência de determinados conteúdos, ou mesmo para mostrar que seus leitores estavam atentos ao que era publicado no jornal.¹⁰² Assim, as cartas podem ter sido um artifício usado por Joanna para defender os seus ideais e mostrar que eles eram apoiados pelo público a quem o jornal estava primeiramente destinado: as mulheres.

Pontuamos isto, tendo em vista que as três primeiras cartas de leitoras, apresentadas anteriormente, foram publicadas no jornal um pouco abaixo do texto “Resposta”, escrito por Joanna, no qual ela se posicionou contra o discurso de uma correspondência anônima, que lhe foi enviada por “O Homem”, o qual discordava amplamente do ideal de emancipação trazido pela redatora. Esta sequência de publicação, primeiramente de uma crítica e logo após de palavras elogiosas, pode ter sido um artifício literário. Por outro lado, se as cartas foram escritas por leitoras, há aí uma demonstração de receptividade positiva do periódico.

As opiniões contrárias, porém, parecem ter tido maior influência sobre o *Jornal das Senhoras*, tendo em vista que, após a discussão levantada através da correspondência do “Homem”, os artigos que levavam o título “Emancipação moral da mulher” fizeram parte de pouquíssimos números do jornal, até deixarem de ser publicados por completo, o que pode ser uma ilustração da influência que a opinião pública tem sobre a escrita. Embora a composição do jornal tenha sido feita mediante a visão bem particular de cada redatora, a sua formação também estava em muito ligada às expectativas de quem os lia, e o olhar desses receptores parece ter sido relevante para a valorização de determinados temas em detrimento de outros.

A interrupção do *Jornal das Senhoras* foi informada por Gervásia em 30 de dezembro de 1855. Após dois anos e seis meses à frente do periódico, ela avisou que o jornal não seria publicado no ano seguinte, mas retornaria em 1857. Suas palavras são de gratidão às assinantes que sustentavam o jornal, pois “ainda não havia esmorecido, nem uma só, sua tão franca e leal proteção”, e afirma que “nem tão pouco nós esmoreceremos, Senhoras. Não esmoreceremos jamais”. E continua:

Fazemos apenas uma parada, que julgamos necessária, no próximo ano de 1856; e com o favor de Deus o JORNAL DAS SENHORAS reaparecerá em 1857, para prosseguirmos ao honroso fim a que nos propusemos, cultivando com esmero as imarcescíveis flores do caminho tão nobremente encetado pela nossa antiga redatora, a Sra. D. Joanna Paula de Noronha.

Para este tempo emprazamos todas as nossas assinantes, vós todas Senhoras que briosamente nos tendes ajudado, para que vossa proteção continue a fortalecer nossa árdua e fadigosa tarefa, e o JORNAL DAS SENHORAS

¹⁰² JINZENJI, 2010, p. 110-113.

seja então o que tem ele até hoje sido para vós cuidadoso e dedicado – o interprete fiel do que vos é útil e agradável.¹⁰³

Para o período em que o referido periódico estivesse suspenso, o *Correio Mercantil* informou em nota que, em continuação ao *Jornal das Senhoras*, seria publicado o *Recreio das Senhoras Brasileiras*, dentro de iguais condições, oferecendo “os mais modernos figurinos de Paris todos os domingos, bordados e músicas”. Ao fim do aviso foi dito que o primeiro exemplar seria distribuído aos antigos assinantes do *Jornal das Senhoras*, e que a concordância em assiná-lo era uma demonstração de proteção à “nova empresa”.¹⁰⁴

Não obtivemos maiores informações sobre o *Recreio das Senhoras*. Porém, cinco dias após o anúncio acima, trazido pelo *Correio Mercantil*, o *Jornal do Commercio* apresentou o seguinte aviso:

A redação e a empresa proprietárias do *Jornal das Senhoras*, em atenção aos seus dignos assinantes, declaram que não podem ter parte alguma na publicação do novo jornal – *Recreio das Senhoras* – por isso que pelo convite especial que dirigiram a cada um dos mesmos Srs. assinantes, os emprazaram para o futuro ano de 1857, época em que o *Jornal das Senhoras* reaparecerá e lhes será de novo distribuído.¹⁰⁵

Ao analisarmos o último número de 1855 do *Jornal das Senhoras*, percebemos que a decisão de suspender o jornal por um ano parece ter sido tomada de forma repentina. Esta observação deve-se ao fato de as escritoras dos artigos que o integravam não terem feito alusão à interrupção da publicação, tendo em vista ser algo comum nos artigos a menção de acontecimentos que se referissem diretamente ao periódico. Além disso, no aviso de parada do jornal, Gervásia pediu às suas “nobres” assinantes que relevassem a atitude de suspender a publicação, e esperassem pelo dia em que se justificaria essa decisão,¹⁰⁶ demonstrando que a interrupção do periódico não estava de todo esclarecida.

Com palavras de agradecimento e um saudoso “adeus, até o ano de 1857”, o desejo de Gervásia em dar continuidade ao periódico não foi realizado, e o jornal não voltou a ser publicado posteriormente. O seu curto tempo de existência, porém, proporcionou discussões importantes para a época, direcionando seus textos às mulheres com o objetivo de corresponder às expectativas das leitoras.

¹⁰³ AS nossas assignantes. **Jornal das Senhoras**: jornal da boa companhia - Modas, litteratura, bellas-artes e theatros, Rio de Janeiro, n. 52, p. 409, 30 dez. 1855.

¹⁰⁴ ANNUNCIOS. **Correio Mercantil**, Rio de Janeiro, n. 01, p. 3, 01 jan. 1856.

¹⁰⁵ ANNUNCIOS. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, n. 06, p. 03, 06 jan. 1856.

¹⁰⁶ AS nossas assignantes. **Jornal das Senhoras**: jornal da boa companhia - Modas, litteratura, bellas-artes e theatros, Rio de Janeiro, n. 52, p. 409, 30 dez. 1855.

No próximo capítulo, analisamos os textos que se referiam diretamente à discussão da educação e emancipação moral e intelectual da mulher, considerando que foi em torno desta temática que o *Jornal das Senhoras* foi constituído. Sua estrutura esteve alicerçada no aprimoramento da mulher e de seu lugar social através da instrução e, conscientes de tal objetivo, as redatoras estabeleceram o jornal como um espaço de diálogo, instrumento de difusão de hábitos e condutas, tornando-o propagador e formador de opinião.

3 A EDUCAÇÃO FEMININA ATRAVÉS DO *JORNAL DAS SENHORAS*

A educação tratada no *Jornal das Senhoras* abrangia desde o crescimento intelectual da mulher até as suas ações e a sua imagem. Os textos publicados em suas páginas versavam sobre a educação escolar, maneiras de se comportar em público, além dos trajes adequados para os diversos lugares e ocasiões.

No que diz respeito à educação escolar, vista como promotora do crescimento intelectual, o jornal trouxe artigos escritos tanto pelas redatoras quanto pelas diversas colaboradoras do periódico, nos quais o principal questionamento relacionava-se centralmente com a pouca profundidade e abrangência dos conteúdos escolares ensinados às meninas. O discurso do *Jornal das Senhoras* era o de que a responsabilidade de preparar os filhos para o progresso da humanidade era uma “missão” que recaía sobre a mãe. Era ela quem lhes moldaria o caráter. Assim sendo, era preciso que as meninas obtivessem uma educação mais “consistente”, pois a maternidade e o casamento lhes exigiriam a capacidade de cuidar bem do marido e dos filhos.

A concepção de educação mais ligada às boas maneiras e à conduta em espaços sociais, observada, entre outros aspectos, no vestuário, foi tratada de forma frequente em uma das principais seções do jornal – a de “Modas”. Ao apresentar a importância da moda para as senhoras, o periódico examinava desde as diferenças entre as vestimentas das mulheres solteiras e casadas, até como deveriam ir para os bailes, teatro, para o campo, ou mesmo como deveriam vestir-se em casa para receber visitas.

A seção de modas também trazia a imagem da vestimenta que estava sendo descrita em cada número do jornal, o que foi possível graças ao acordo das redatoras com o *Moniteur de la Mode*, jornal francês, que chegava mensalmente ao Rio de Janeiro em embarcações.

O jornal se propôs a ser um periódico que contribuiria, nos dizeres de Joanna, “com todas as suas forças para o melhoramento social e emancipação da mulher”. Consequentemente, ele estaria moldando essa mulher que, como foi observado, era principalmente branca e pertencente às elites econômicas. É importante ter em mente que o periódico tinha um público alvo a quem ele se destinava. O tipo de escrita trazida em suas páginas, os textos com os quais o jornal era composto não eram dirigidos a todas as camadas sociais.

Este capítulo tem por objetivo compreender como e por que a educação das mulheres do dito “círculo de bom-tom” foi almejada através da atuação do jornal, quais os modelos e padrões que se pretendia que adotassem, e assim entender o jornal também como um veículo constituído de poder, voltado para difundir condutas que eram esperadas dessas mulheres.

3.1 A EDUCAÇÃO DA MULHER COMO BASE PARA O PROGRESSO

Para um melhor entendimento dos motivos pelos quais o *Jornal das Senhoras* se posicionava a favor da emancipação moral e intelectual das mulheres, é necessário que se compreenda o ambiente no qual ele emergiu, ou seja, quais as características e padrões da sociedade brasileira em meados do 1800.

No Brasil do século XIX, a sociedade vivia legalmente sob o regime do patriarcado, com a mulher submetida à autoridade masculina: enquanto solteira, obedecia ao pai e, quando casada, a autoridade passava a ser do marido. June Hahner aponta que a supremacia do homem estava amparada tanto pela lei quanto pelo costume. O Código Filipino, “compilado em 1603 em Portugal e que se manteve efetivo no Brasil até a promulgação do Código Civil de 1916”,¹⁰⁷ designava o homem chefe da casa, “cabeça do casal” e, apenas em caso de viuvez, a mulher poderia assumir tal posição. Questões relacionadas à educação, criação e residência dos filhos também estavam sob o domínio masculino, e nestes pontos a mulher não tinha autoridade.¹⁰⁸

Conforme a proposição já clássica de Joan Scott, as diferenças sociais de gênero, construídas culturalmente, devem sempre ser analisadas de forma relacional, pois, quando tratamos dos papéis atribuídos aos homens, também estamos falando dos conferidos às mulheres, e vice versa.¹⁰⁹ Um exemplo da repartição de papéis esperados para cada um dos gêneros encontra-se no primeiro número do *Jornal das Senhoras*, quando Joanna Manso observa que, para muitas pessoas, um jornal encabeçado por uma mulher seria um “bicho de sete cabeças”.¹¹⁰ A afirmação de Joanna encontra fundamento tendo em vista a profissão de

¹⁰⁷ HAHNER, June E. Honra e distinção das famílias. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). **Nova História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 50.

¹⁰⁸ Id. **Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil. 1850-1940**. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003, p. 44.

¹⁰⁹ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 02, p. 71-99, Porto Alegre, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaorealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em 15 nov. 2018.

¹¹⁰ AS nossas assignantes. **O Jornal das Senhoras: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 1, 1 jan. 1852.

redator ser considerada uma atividade masculina, no momento em que o periódico surgiu. Deste modo, ela esperava estranheza e rejeição de grande parte da sociedade que, imersa no sistema do patriarcado, via de forma negativa os que se propunham a adentrar lugares que não lhes eram destinados.

Este foi um dos fatores que levaram tanto Joanna, quanto as demais autoras, a enfrentarem resistência em relação ao que escreviam no jornal. Texto apresentado em uma das seções de modas ilustra bem esse lugar a que a mulher havia sido destinada, quando é feita menção à qualidade da escrita do jornal. A autora do artigo, que assina como Christina, inicia o texto fazendo referência aos homens como “linguarudos”, que agiam com “arrogância e tolice”, quando afirmavam não acreditar que a linguagem do jornal fosse “linguagem de mulher”.¹¹¹ No contexto do argumento, isto parece querer dizer que a escrita do periódico era considerada como superior em qualidade à esperada de uma mulher. Este é um aspecto que merece atenção, pois, quando se dizia que determinada linguagem não era de mulher, esta estava sendo comparada com a de um homem e, na comparação, a linguagem do homem era tida como “superior”. O preconceito embutido nesse julgamento funda-se no fato de que, no Brasil do século XIX, a educação formal masculina era, em geral, superior à feminina. E este é um dos questionamentos levantados no jornal.

Ainda no tocante à crítica acima, a autora do artigo considerava inaceitável o discurso de que as mulheres não eram capazes de escrever, e remete esse pensamento à “força do gênio” dos homens:

Ora e porque não acreditam vossas mercês em tão pouca coisa? Isso é força de gênio. Pensam então que a mulher, que os criou, há de sempre ser a mesma por todos os séculos dos séculos? Que graça.
Não admitis no vosso coco, com seu lindo cabelo repartido, anelado, lustroso e cheiroso, que a mulher do vosso país pode escrever e falar, como muitas outras já escreveram e falaram em outro tempo, e como as que escrevem e falam hoje em toda a Europa?¹¹²

Assim como Joanna procurou embasar a criação do jornal, e a sua função de redatora, no fato de mulheres já terem assumido essa posição em outros países, Christina também o faz, apontando que a escrita feminina não era novidade em outros espaços.

Embora não concordem com as críticas, muitas colaboradoras do jornal entendiam que a educação escolar por elas recebida não tinha sido suficiente para dar-lhes segurança no momento em que enviavam seus escritos para publicação. No primeiro número do periódico,

¹¹¹ CHRISTINA. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica, Rio de Janeiro, n. 31, 01 ago. 1852, Modas, p. 33.

¹¹² Ibid, loc. cit.

uma autora da seção “Modas”, que não menciona o próprio nome (e que, desta forma, não sabemos se naquele momento já era Christina), aponta a dificuldade que estava tendo frente à responsabilidade de escrever para o jornal.

Suas palavras iniciais são de agradecimento a Joanna, por ter-lhe convidado para assumir uma seção tão importante, e de simpatia pela “coragem” da redatora na criação do periódico. Ela compara a qualificação de Joanna para a escrita com a sua imensa dificuldade e afirma estar “tremendo, suando e arfando de cansaço [...] e por ora ainda não me levantei da cadeira em que há boa meia hora estou assentada!”¹¹³ Esse estado de coisas, de acordo com a autora, se devia à educação. Não qualquer educação, mas aquela dada às meninas:

Esta educação! Esta educação! Pobre sexo feminino que tão mal tem sido compreendido!

Mas este meu medo, este meu suor copioso e este turbilhão de coisas, que quero dizer e não posso, o que mais é se não o efeito da incompleta educação que recebemos *tão cheia de festas no fim do ano?*

[...]

Mas eu estou outra vez fora da ordem há muito tempo, ou para dizer melhor, desde que principiei esta carta, ou artigo, ou como lhe quiserdes chamar, visto que o meu mestre de primeiras letras (José Lourenço por sinal se chamava ele; já morreu) não me ensinou regras e preceitos para escrever; contentou-se em fazer-me escrever os bens conhecidos *pãozinhos*, o feliz *bastardo*, e o antigo *bastardinho* e foi-se, como seriam n'outro tempo e vão-se no presente, os atuais *Josés Lourenços* que ensinam primeiras letras a meninas.¹¹⁴

Esse sentimento de “incapacidade” para com as letras não foi experimentado apenas pela autora acima, nem foi referido no *Jornal das Senhoras* somente uma vez. Outros textos, tanto de autoria de alguém que os remetia para publicação, quanto extraídos de obras conhecidas, também discutiam a forma como eram educadas as meninas e as consequências, para elas, de uma “má educação”.

Uma melhor compreensão desses questionamentos requer uma abordagem de como a educação era fornecida para homens e mulheres, no período.

No século XIX, era comum a educação doméstica no Brasil, ministrada por preceptores que viviam na mesma casa que os(as) seus alunos(as), dirigindo-os(as) nas lições

¹¹³ O vosso convite. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica, Rio de Janeiro, n. 1, p. 2, 1 jan. 1852.

¹¹⁴ *Ibid*, p. 2; 4.

do dia a dia, ou por professores(as) particulares, que iam até a casa dos seus educandos(as) para ministrar “aulas de primeiras letras ou de disciplinas específicas”.¹¹⁵

De acordo com Maria Celi Chaves Vasconcelos, esse modelo de educação se tornou importante no Brasil naquele período, tendo como inspiração a Europa. A educação doméstica fazia parte do cotidiano das famílias nobres daquele continente há séculos. No Brasil, a preceptoria era geralmente exercida por mulheres, em sua maior parte estrangeiras e, em menor grau, brasileiras, e ganhou espaço quando as classes abastadas da sociedade passaram a aspirar um estilo de vida europeu, baseado no ideal de “civilidade”.¹¹⁶

A ênfase na educação se intensificou quando o Brasil se tornou independente de Portugal, associada à ideia de que o progresso da recente nação também aconteceria através de um alargamento da instrução, inclusive da mulher. Ao se constituir como nação independente, o país requereu uma legislação que tratasse do sistema educacional, capaz de atender às diversas localidades do território nacional.¹¹⁷

Diante dessa necessidade, em 15 de outubro de 1827 surgiu a primeira lei referente à instrução pública do Brasil, a qual regulamentava o ensino primário através da criação de escolas de primeiras letras “em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império”.¹¹⁸ Embora se tratasse de um avanço no que tange à inserção da mulher no processo educacional, chamamos atenção para a distinção, trazida nessa lei, entre o ensino aplicado às meninas e aos meninos. Conforme o artigo 6º, os meninos aprenderiam:

a ler, escrever, as quatro operações de aritmética, prática de quebrados, decimais e proporções, as noções mais gerais de geometria prática, a gramática da língua nacional, e os princípios da moral cristã e da doutrina da religião católica e apostólica romana [...] preferindo para leituras a Constituição do Império e a História do Brasil.¹¹⁹

Quanto às meninas, as professoras lhes ensinariam o que constava no artigo sexto, com exceção da geometria e do conhecimento mais aprofundado da aritmética, pois deveriam aprender apenas as quatro operações. As mestras também estariam encarregadas de ensinar as

¹¹⁵ VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. Vozes femininas do Oitocentos: o papel das preceptoras nas casas brasileiras. In: LÔBO, Yolanda, FARIA, Lia (org.); MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello [et al.]. **Vozes femininas do Império e da República**. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008, p. 19-20.

¹¹⁶ Ibid, p. 19.

¹¹⁷ SAVIANI, Dermeval. O legado educacional do “breve século XIX” brasileiro. In: SAVIANI [et al.] **O legado educacional do século XIX**. Campinas, SP: Autores Associados, 2017. *E-book*.

¹¹⁸ BRASIL. Lei de 15 de outubro de 1827. Manda crear escolas de primeiras letras em todas as cidades, villas e logares mais populosos do Imperio. **Collecção das Leis do Imperio do Brazil de 1827, parte primeira**. Rio de Janeiro, Typographia Nacional, p. 71. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/doimperio/colecao2.html>. Acesso em: 11 set. 2016.

¹¹⁹ Ibid, p. 72.

atividades relacionadas aos deveres domésticos.¹²⁰ Embora esta lei garantisse a educação das mulheres, ela permitia que as meninas frequentassem somente as escolas elementares, ficando-lhes restrito o ensino mais avançado. Dessa forma, como aponta Hahner, “a tônica permanecia na agulha, não na caneta”.¹²¹

A lei de 15 de outubro de 1827, a que aqui fazemos referência, propõe a criação de escolas primárias a partir do método de ensino mútuo. De acordo com esse modelo, as atividades na classe eram dirigidas por um dos alunos que obtinha destaque em uma determinada área. Chamado de monitor, esse aluno recebia orientações e explicações dos conteúdos pelo professor para, posteriormente, transmitir os conhecimentos que havia recebido aos seus colegas de classe.¹²² Assim, a responsabilidade quanto ao ensino era repartida entre professor e monitor.

No Brasil, embora tenham sido proferidos argumentos favoráveis à proposta de implantação desse método de ensino, falas que o questionavam também foram recorrentes. Maria Helena Camara Bastos, ao abordar o ensino monitorial no país, lança mão de discursos de ministros para exemplificar a insatisfação quanto à qualidade da instrução pública e da ineficácia do referido método.¹²³ Aponta, ainda, que o ensino mútuo enfrentou dificuldades para se estabelecer em terras brasileiras, sobretudo pela ausência de prédios escolares adequados e de material para que as atividades fossem desenvolvidas.

As críticas constantes demandaram reestruturação na instrução pública do Brasil, e essa mudança veio através do Decreto n. 1.331 A, de 17 de fevereiro de 1854. Conhecido como Reforma Couto Ferraz, o Decreto aprovava o Regulamento para a reforma do ensino primário e secundário no Município da Corte.¹²⁴ Em que pese essa reforma tenha conferido maior abrangência à organização do magistério e ao currículo escolar, no que diz respeito à mulher, o processo educacional não visava o seu futuro profissional. E, ainda que o ensino primário a tenha contemplado na sua instauração, em 1827, as oportunidades de acesso estiveram restritas a determinados grupos.

¹²⁰ BRASIL. Lei de 15 de outubro de 1827. Manda crear escolas de primeiras letras em todas as cidades, villas e logares mais populosos do Imperio. **Collecção das Leis do Imperio do Brazil de 1827, parte primeira**. Rio de Janeiro, Typographia Nacional, p. 72.

¹²¹ HAHNER, 1981, p. 33.

¹²² BASTOS, Maria Helena Camara. O ensino monitorial/mútuo no Brasil (1827-1854). In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (org.). **Histórias e memórias da Educação no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005, p. 34-37.

¹²³ Ibid, p. 42-46.

¹²⁴ BRASIL. Decreto n. 1.331 A de 17 de fevereiro de 1854. Approva o Regulamento para a reforma do ensino primario e secundario do Municipio da Côrte. **Collecção das Leis do Imperio do Brazil de 1854, Tomo XVII, parte II**. Rio de Janeiro, Typographia Nacional, 1854, p. 45. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/doimperio/colecao5.html>. Acesso em: 11 set. 2016.

De acordo com Hahner, o primeiro censo nacional de 1872 (20 anos após o surgimento do *Jornal das Senhoras*) apontou que 19,8% dos homens e 11,5% das mulheres sabiam ler e escrever. Quarenta e cinco anos após a lei que criava escolas primárias no Brasil, uma parcela pequena da população era escolarizada, ficando ainda menor quando observamos a taxa referente às mulheres. Hahner salienta, ainda, que a educação no Brasil esteve restrita aos grupos privilegiados, “àqueles que tinham acesso a seus benefícios por conta de ‘berço’ ou posição social”.¹²⁵ Essa realidade nos leva à conclusão de que as redatoras, as colaboradoras e as assinantes do *Jornal das Senhoras* se encaixam no perfil dos “grupos privilegiados”. Os textos publicados demonstram que elas foram mulheres que obtiveram um nível alto de instrução. Neste sentido, ainda que elas requeressem através dos seus escritos uma “melhor educação”, este anseio não contemplava todas as mulheres.

Embora as escritoras do jornal estivessem submetidas à vontade de seus pais, irmãos, maridos, se comparadas a outros grupos de mulheres do Brasil do século XIX, sua posição era de privilégio. Os perfis das três redatoras do jornal, explorados no primeiro capítulo, indicam que Joanna Manso, Violante Atabalipa e Gervásia Neves se destacaram na sociedade do Rio de Janeiro. As viagens para outros países, o domínio de diversas línguas, os ambientes por elas frequentados – bailes, teatros, reuniões sociais –, e o próprio fato de redigirem e manterem um jornal em meados do século XIX no Brasil são fatores que indicam o seu lugar social. As demais escritoras do periódico não diferiam significativamente desse perfil.

Não podemos nos esquecer de que a publicação do *Jornal das Senhoras* se deu em um Brasil escravocrata, fortemente hierarquizado e que essas mulheres, pertencentes às classes altas, tinham o trabalho doméstico em seus lares executado por escravas ou criadas.

Todos estes fatores nos permitem inferir que, embora as redatoras, colaboradoras e demais mulheres a quem o jornal se destinava estivessem em posição de desigualdade em relação ao homem, o que é relativo ao gênero, elas permaneciam em posição de superioridade por sua condição econômica e principalmente por serem brancas. Uma expressão dessa condição é a crítica feita, na seção de “Modas”, à opinião das criadas, quando questionadas sobre a maneira como sua senhora está vestida.

As nossas criadas, que em geral são pretas, também cooperam em grande parte para isso: sem nenhuma experiência e sempre materiais, elas não sabem distinguir com olhar caprichoso o vestido bem feito do mal feito, e quando são consultadas ao toucador, onde muitas vezes sua senhora não pode se ver por detrás, respondem com todo o seu materialismo – *está bem bom sim senhora* – e a moça sai d’ali convencida de que está bem vestida,

¹²⁵ HAHNER, 2012, p. 57.

porque só se preparou por diante, e o resto confiou aos cuidados da mucama.¹²⁶

O texto trata do que deve fazer uma senhora para ser elegante e se vestir bem. A primeira recomendação diz respeito à escolha do modelo da roupa, seguida do lugar onde comprá-la e da escolha de quem iria confeccioná-la. Entre essas recomendações, para a autora, muitas mulheres passavam por deselegantes por conta da opinião de suas criadas, as quais ela salienta que normalmente “são pretas” e, desta forma, não familiarizadas com os padrões europeus.

Por esta perspectiva, fica evidente que a educação propalada no *Jornal das Senhoras* não abrangeria todas as mulheres da capital do Império e das províncias do Brasil, mas apenas as pertencentes aos setores economicamente abastados. E essa educação era direcionada para que pudessem exercer plenamente o seu destino, no domínio da casa, através das funções de esposa e mãe. Às meninas, competia alguma educação que lhes possibilitasse, quando casadas, serem boas companheiras para os seus maridos e, quando mães, instruir os filhos com bons princípios. Cabia a elas uma ação moralizadora dentro do lar, ao atuarem diretamente sobre a moral dos seus filhos e filhas, pois dessa maneira elas formariam homens de bom caráter, dos quais dependia o futuro e progresso da nação.¹²⁷

Com esse papel sendo moldado, as mulheres das classes altas passaram a ter importância para a valorização da família. Vistas como “guardiãs do lar”, “mantenedoras da ‘base moral’ da sociedade”, por meio da maternidade elas teriam “um papel mais significativo na vida da nação”.¹²⁸ Este foi um aspecto defendido por Joanna Manso, que se empenhou em demonstrar quão relevante é a influência de uma mulher na relação familiar, com seu esposo e filhos:

Pois a mulher pode ter outra influência que não seja sobre as panelas? outra missão além das costuras, outro porvir que não seja fazer o rol da roupa suja?

Deveras?!

Pois, escutai-me. E a educação de seus filhos?

[...]

É dos lábios da mãe que o filho ouvirá a voz, sagrada e imperiosa do dever, traçar-lhe a senda que tem de percorrer na vida; é da voz meiga e majestosa da mãe que ele deve aprender as primeiras lições de resignação, da paciência e da coragem, tão necessárias n’este mundo. É no silêncio da noite, na conversa íntima do esposo com a esposa, que ele relatará a aquela, que é metade de si mesmo, suas esperanças, seus projetos, e até as decepções que

¹²⁶ MODAS. *O Jornal das Senhoras*: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica, Rio de Janeiro, n. 7, p. 50, 15 fev. 1852.

¹²⁷ HAHNER, 2012, p. 57.

¹²⁸ Ibid, loc. cit.

de dia em dia marcam uma por uma as rugas de sua frente; e é dos lábios da esposa que ele tomará conselho para os projetos, fé para esperanças e consolação para as decepções, porque o coração da mulher, ilustrada sobre sua verdadeira missão, é o receptáculo das dores e dos prazeres da família.¹²⁹

A citação acima foi retirada do artigo intitulado “Emancipação moral da mulher”, publicado no segundo número do *Jornal das Senhoras*. Embora o texto não traga assinatura, a maneira como ele foi escrito e a forma de se dirigir aos leitores nos leva a inferir que Joanna o escreveu, sobretudo porque o referido artigo trazia explicações sobre a proposta da emancipação e o porquê da necessidade de se falar sobre esse assunto. O texto demonstra que a autora compreendia, de acordo com a mentalidade da época, que o ambiente doméstico ainda era o local centralmente reservado para as mulheres. Não concordava, porém, com a ideia de que as instruções recebidas pelas mulheres deixassem de lado o seu intelecto. Na sua concepção, de nada adiantava “ilustrar o espírito da mulher, e desampará-lo sob as bases do progresso”.¹³⁰

O texto evidencia que, ao cumprir o papel de boa esposa e mãe, a mulher estaria cooperando para o futuro da nação brasileira. A noção de que o futuro de uma sociedade, principalmente no aspecto moral, dependia da educação que as mulheres recebiam para, quando mães, educarem bem os seus filhos, foi marcante na construção do *Jornal das Senhoras*. A formação “moral e intelectual” que o periódico propunha estava intimamente relacionada a um “progresso” social do qual a mulher seria um importante componente.

Se o progresso da humanidade era possível através de homens íntegros, com uma moral “ilibada”, se a educação moral masculina deveria ser fruto da instrução recebida em casa, e a responsável por essa instrução era a mãe, então esta precisava ser formada intelectualmente para preparar bem os seus filhos. Com esse discurso, Joanna fundamentou a importância social do jornal, que era trazer à luz, na sociedade do Rio de Janeiro e das províncias, a “verdadeira missão da mulher”. Neste sentido, cabe-nos perguntar: qual era a missão da mulher na sociedade? Que direitos eram esses que lhes seriam roubados pelos homens?

Quem traz, a princípio, os textos sobre educação e emancipação moral e intelectual é a redatora fundadora do *Jornal das Senhoras*, Joanna Manso. Os escritos divulgados nas páginas do jornal estavam vinculados à sua visão e às suas expectativas. Assim, para nos aproximarmos do que significava a “emancipação” e compreendermos qual era a “missão” da

¹²⁹ EMANCIPAÇÃO moral da mulher. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica, Rio de Janeiro, n. 2, p. 14, 11 jan. 1852.

¹³⁰ *Ibid*, p. 12.

mulher na sociedade, nos debruçaremos sobre os textos que tratavam diretamente destes assuntos.

3.2 O JORNAL QUE EDUCA, A EMANCIPAÇÃO QUE SE BUSCA

O primeiro artigo sob o título “Emancipação moral da mulher” foi publicado no *Jornal das Senhoras* em 11 de janeiro de 1852. Nele, Joanna Manso explica, com algum detalhe, o sentido desta emancipação. Uma semana antes, porém, no número inaugural do periódico, Joanna já demonstrava que possuía “vontade e desejo de propagar a ilustração”¹³¹ e, para tanto, textos direcionados para esta temática comporiam o jornal. Destinado “exclusivamente às Senhoras”, o periódico trataria dos direitos e da educação das mulheres, “cuja principal tendência” seria a sua emancipação.¹³²

A redatora e fundadora do jornal acreditava que a mulher tinha um papel muito específico na sociedade, mas que esta mesma sociedade, através das ações do homem, não permitia a ela perceber essa “missão” e colocá-la em prática. Essa missão consistia em que, como esposa, a mulher deixaria de ser apenas uma “ocupante” da função e se tornaria a companheira do esposo, a sua amiga, aquela com quem ele dividiria a vida. Como mãe, os filhos deveriam aprender, por meio da sua voz, “as primeiras lições da resignação, da paciência e da coragem, tão necessárias neste mundo”.¹³³ Através da mulher, esposo e filhos teriam suas atitudes direcionadas. Havia, no entanto, uma barreira impedindo que a mulher assumisse esse lugar: o “egoísmo” do homem, que a objetificava e limitava suas ações na sociedade.

É importante destacar que Joanna considerava que as mulheres conheciam a forma injusta com que eram tratadas, e por isso o “convencimento” da necessidade da “emancipação moral e intelectual” não era para elas – pelo menos a princípio – mas sim para os homens:

Convencidas estão elas que têm essa alma que Deus lhes doou, e que o homem lhes nega; convencidas estão que o emprego útil de suas faculdades morais completa a obra do Criador.

¹³¹ AS nossas assignantes. **O Jornal das Senhoras:** modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica, Rio de Janeiro, n. 1, p. 1, 1 jan. 1852.

¹³² A mulher. **O Jornal das Senhoras:** modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica, Rio de Janeiro, n. 1, p. 6, 1 jan. 1852.

¹³³ EMANCIPAÇÃO moral da mulher. **O Jornal das Senhoras:** modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica, Rio de Janeiro, n. 2, p. 14, 11 jan. 1852.

Sim, a mulher conhece a injustiça com que é tratada, e reconhece perfeitamente a tirania do homem; não é a elas a quem temos de convencer da necessidade de sua emancipação moral.¹³⁴

Neste sentido, o jornal, que declarava ter sua escrita destinada às senhoras, e isto é visível deste o seu título, demonstrava que existiam assuntos específicos que deveriam ser discutidos também com os homens, assuntos estes que estavam vinculados à educação das mulheres.

Joanna postulava que a inferiorização da mulher se devia à falta de interesse dos homens em educá-la, o que a mantinha em estado de submissão. Sobre tal aspecto, a redatora evidenciou seu empenho na contribuição da educação das jovens, de maneira que elas pudessem ter acesso à instrução, através dos textos veiculados no jornal. A condição de submissão e de desigualdade entre os sexos também foi atribuída à falta de amor do marido para com sua esposa, por isso o discurso não deixava de ser direcionado aos homens:

Qual é esse sentimento único, que pairando luminoso, nos oferece a pequena porção de verdadeira ventura, que o mortal pode gozar neste mundo de lágrimas?

O amor!

Não encolhei os ombros, senhores materialistas: não comeceis a dar falsas interpretações a esta angélica palavra.

[...]

O amor!

Palavra que todos pronunciam – que poucos compreendem!

[...]

Chave de todas as virtudes, eco do Céu, repercutido no fundo da alma humana, na qual desperta, todos os sentimentos puros e generosos, todos os instintos benéficos que Deus derramou no coração do homem.

[...]

Sim, o amor, essa fusão misteriosa de duas almas confundidas em uma só.

Essa proteção mútua e constante de dois corações irmãos.

E porventura essa união inteiramente moral poderá nunca realizar-se entre o senhor e sua escrava?

Não.

Porque ante a superioridade de um dos sexos – o amor – se define, desaparece, e troca o seu fagueiro riso em lágrima silenciosa.¹³⁵

Na passagem acima, a relação amorosa é apontada como o único meio de fazer desaparecer as desigualdades. A mulher já não seria mais tratada como objeto e as suas qualidades seriam reconhecidas. No texto, há a compreensão de que existia uma divisão social das atividades desenvolvidas por ambos os sexos, como pode ser observado na citação a seguir:

¹³⁴ EMANCIPAÇÃO moral da mulher. **O Jornal das Senhoras:** modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica, Rio de Janeiro, n. 2, p. 12, 11 jan. 1852.

¹³⁵ Ibid, p. 13. [grifo nosso]

Nós sabemos perfeitamente, que toda a família necessita de um chefe, e que o chefe natural da família é o homem.

Sem dúvida, que há deveres naturais que prendem a mulher ao lar doméstico, porém é precisamente desde o seio de sua família que ela pode ter uma influência direta, sobre essa mesma família, sobre a nação, e sobre a humanidade inteira.¹³⁶

O questionamento, portanto, girava em torno de uma construção social que limitava a ação das mulheres por considerá-las naturalmente inferiores. Por isso, é afirmado, no artigo, que “deixa-se a mulher no ignorantismo mais profundo, e depois, asseveram que ela não tem suficiente juízo para se conduzir por si mesma”.¹³⁷

De acordo com os textos, os homens eram os responsáveis pela condição que a mulher enfrentava, e era deles o dever de possibilitar a melhoria dessa condição. Dessa forma, o jornal pareceu buscar um “consentimento” dos homens para a emancipação das mulheres, ao tentar convencê-los da capacidade intelectual que elas tinham.

Com o objetivo de evidenciar a culpabilidade dos homens na inferiorização das mulheres, são apontadas atitudes como o abuso de poder, o autoritarismo e a traição, as quais faziam prevalecer os desejos masculinos em detrimento dos das mulheres:

Quando a mulher souber que de todos os gozos e os direitos que lhe outorga a mão poderosa do Onipotente, ela foi despojada; quando houver uma *lei* que a proteja com a sua força moral; quando essa *lei* disser ao pai desnaturado – tu és pai e não tirano: quando disser ao irmão usurpador – o único direito que tens sobre a tua irmã é o de proteção; quando houver uma *lei* que puna a concubinação no mundo, como há a do adultério que infama a mulher, quando enfim mulher deixar de ser *coisa*: então acabar-se-á a guerra injusta, que se faz à sua inteligência no Brasil; e esse dia chegará, pese a quem pesar, porque o Brasil não é estacionário, nem pode sê-lo.¹³⁸

Dentre os direitos que teriam sido expropriados às mulheres estava o exercício de profissões no Brasil. Desde o primeiro número do *Jornal das Senhoras*, Joanna já tratava deste assunto, ao levantar a discussão sobre a dificuldade que haveria em se conceber uma mulher na direção de um jornal. O que a faz chamar atenção para a realidade de outros países, onde havia a presença de mulheres na escrita literária e na colaboração em jornais.

Nos demais números em que a emancipação foi tratada, novamente foi apontado que, nos Estados Unidos e na Europa, a mulher exercia “quase todas as profissões que entre nós a

¹³⁶ EMANCIPAÇÃO moral da mulher. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica, Rio de Janeiro, n. 2, p. 14, 11 jan. 1852.

¹³⁷ Ibid, p. 13.

¹³⁸ NORONHA, Joanna Paula Manso de. Emancipação moral da mulher. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica, Rio de Janeiro, n. 43, p. 131-132, 24 out. 1852.

preocupação lhe nega”,¹³⁹ com uma vida laboriosa, ativa, e até mais inteligente que a do homem.¹⁴⁰

Na realidade do Brasil no século XIX, contexto em que o *Jornal das Senhoras* era publicado, o universo das mulheres das classes altas era doméstico. A participação feminina em trabalhos fora de casa foi restrita e, entre outras instituições, a Igreja Católica contribuía para que isto ocorresse, o que reforçava a “hierarquia existente entre homens e mulheres e o ideal de reclusão feminina”. Dessa forma, não lhes era possível um espaço de atuação muito além dos seus lares, tendo em vista que as opções disponíveis estavam vinculadas aos interesses da família,¹⁴¹ dentre os quais estava a preservação da posição social e financeira através de casamentos arranjados, em que as moças não tinham a última palavra na escolha dos seus noivos, e o amor romântico não prevalecia sobre esses interesses.

A redatora, que veio da Argentina para residir no Brasil e já tinha viajado por outros países, conhecia diferentes culturas, e não deixou de compará-las aos costumes. Ela aponta que a repulsa à emancipação da mulher era local e, como os ideais do “progresso” não poderiam ser perdidos, o *Jornal das Senhoras* levantaria discussões com o objetivo de promover a melhoria da sociedade brasileira através do crescimento moral e intelectual da mulher.

Joanna tinha consciência de que as ideias expostas no jornal poderiam sofrer algum tipo de resistência, o que demonstrou já na segunda semana de publicação do periódico, no texto “Quem eu sou e os meus propósitos”:

Quem sabe, se o inocente JORNAL DAS SENHORAS, não vai sofrer algum auto de fé privado.
Falar dos direitos, na missão da mulher, na sua emancipação moral!
Mau, mau; isto não é leitura que se deva permitir nas casas de família.¹⁴²

Possivelmente, antes mesmo de ser lançado, o *Jornal das Senhoras* estava sendo esperado com certo preconceito por determinada parcela da sociedade do Rio de Janeiro e demais províncias onde o periódico circulava, tendo em vista que, conforme tratado no primeiro capítulo, a sua publicação já era divulgada desde pelo menos finais de 1851, quando

¹³⁹ EMANCIPAÇÃO moral da mulher. **O Jornal das Senhoras:** modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica, Rio de Janeiro, n. 2, p. 14, 11 jan. 1852.

¹⁴⁰ NORONHA, Joanna Paula M. de. Resposta. **O Jornal das Senhoras:** modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica, Rio de Janeiro, n. 06, p. 42, 08 fev. 1852.

¹⁴¹ HAHNER, 2012, p. 48.

¹⁴² QUEM eu sou e os meus propósitos. **O Jornal das Senhoras:** modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica, Rio de Janeiro, n. 02, p. 12, 11 jan. 1852.

o *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro recomendava a assinatura às senhoras da capital imperial e províncias.

O desagrado com o posicionamento de Joanna a respeito da emancipação não demorou a aparecer, e foi nas páginas do próprio jornal que a redatora apresentou às assinantes do periódico o desconforto que as suas ideias estavam gerando. O primeiro texto que tratou dessas questões foi publicado em 25 de janeiro de 1852, três semanas após o surgimento do jornal, sob o título “Declaração – sobre as minhas ideias da emancipação moral da mulher”.

Duas semanas após essa publicação, Joanna voltou a tratar do incômodo que suas declarações continuavam gerando, agora, porém, com um diferencial: o texto, intitulado de “Resposta”, era uma espécie de “réplica” a uma carta não identificada, enviada de maneira privada a Joanna antes da publicação do segundo número do jornal, na qual, segundo ela, “atacavam-se ideias que ainda não tinham sido expostas [...], chamavam-se subversivas as doutrinas, que ainda não tinham visto a luz pública”.¹⁴³

Ao buscarmos maiores informações sobre a correspondência recebida pela redatora, nos deparamos com o jornal *O Magico*, contemporâneo do *Jornal das Senhoras*, publicado também no Rio de Janeiro, com suas atividades inauguradas em 23 de novembro de 1851. As palavras iniciais, de quem provavelmente era o redator do periódico, traziam aos assinantes a sua principal missão: “como pensador, amigo do talento e das boas ideias aceito tudo o que me remeterem escrito, e publicarei o que for de interesse e agrado geral”.¹⁴⁴ Foi dessa forma que algumas cartas, direcionadas a Joanna Manso a respeito de sua proposta de emancipação, foram publicadas por *O Magico*. Os autores dessas correspondências buscaram manter um diálogo com a redatora do *Jornal das Senhoras* em pelo menos sete números do *Magico*, sendo que o primeiro deles foi em 25 de janeiro de 1852 e o último em 14 de março do mesmo ano.

A correspondência que teria sido remetida a Joanna, sobre a qual ela escreveu a “Resposta”, não foi publicada no *Magico* e, como a redatora não expôs com detalhe o seu conteúdo, não conhecemos o teor da carta. O tom da sua resposta, porém, faz perceber que o(a) autor(a) anônimo(a) discordava amplamente do que a redatora propunha, o que a levou a tornar público o episódio.

¹⁴³ NORONHA, Joanna Paula M. de. Reposta. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica, Rio de Janeiro, n. 06, p. 41, 08 fev. 1852.

¹⁴⁴ ALGUMAS palavras. **O Magico**, Rio de Janeiro, n. 01, p. 1, 23 nov. 1851.

Também não sabemos se, posteriormente a 14 de março de 1852, *O Magico* publicou algum outro texto que tratasse da emancipação ou educação da mulher, tendo em vista que, na pesquisa realizada, encontramos apenas 28 números do referido jornal, dentre os quais apenas os sete mencionados acima se referiam diretamente à proposta de Joanna. Diante do teor dos textos, e principalmente pelo fato de Joanna ter se referido em seu periódico a uma das correspondências, consideramos relevante tratar do conteúdo dessas cartas publicadas no *Magico*, além de ser uma maneira de percebermos a recepção do ideal de emancipação.

Luiza E. aparece como a primeira pessoa a escrever cartas dirigidas a Joanna através de *O Magico*. A primeira delas foi publicada em 25 de janeiro de 1852, e qualificava as declarações de Joanna sobre a emancipação como ideias “novas” no país, mais especificamente para a sociedade do Rio de Janeiro, e por isso muitos senhores não estavam permitindo que o *Jornal das Senhoras* fosse lido em suas casas, “para que essas ideias não se infiltrem no espírito de suas mulheres e filhas”.¹⁴⁵

O conteúdo da segunda carta escrita por Luiza E., publicada em 29 de fevereiro de 1852, não fugiu às concepções da autora já trazidas na primeira. Em ambas, ela, tratada aqui no feminino por ter se apresentado nas páginas do *Magico* como mulher, entendia que a forma como a sociedade estava organizada – provavelmente estivesse tratando da brasileira, de modo específico – não permitia à mulher tal emancipação. Além disso, apontou que algumas das restrições enfrentadas pelas mulheres talvez não estivessem tão ligadas à falta de emancipação; para ela, o problema estava no tratamento arbitrário do homem. Assim, Luiza E. considerou que seria mais importante falar sobre a maneira como os pais e maridos tratavam suas filhas e esposas, do que sobre a emancipação propriamente dita, pois não era dela que a mulher precisava “para passar uma vida feliz”, mas sim de um tratamento justo, em que seus sentimentos fossem respeitados.¹⁴⁶

Em nenhum momento do *Jornal das Senhoras* Joanna falou sobre essa autora, apesar de o texto “Declaração”, que esclarecia as suas propostas, ter sido publicado no seu periódico no mesmo dia em que a primeira carta de Luiza E. foi no *Magico*. Talvez a menção não ocorreu devido ao fato de as correspondências de Luiza E. terem sido remetidas a um jornal, no caso *O Magico*, e não diretamente a Joanna, como o fez “O Homem”. Foi em diálogo com a argumentação desse autor que Joanna se posicionou no texto “Resposta” e, embora ela não mantivesse qualquer tentativa de troca de opinião ou de debate através da escrita, “O Homem”

¹⁴⁵ LUIZA E. Minhas reflexões. *O Magico*, Rio de Janeiro, n. 10, p. 4, 25 jan. 1852.

¹⁴⁶ *Ibid*, loc. cit.

permaneceu se correspondendo com Joanna, direcionando a ela os textos publicados no *Magico*.

Em primeiro de fevereiro de 1852, *O Magico* publicou a segunda carta direcionada a Joanna pelo “Homem”. Nas duas semanas seguintes foram publicadas a terceira e quarta cartas e, alguns dias depois, em sete e 14 de março, foram divulgados dois textos, que tinham por título “Ao bello sexo”, os quais, embora não estivessem remetidos a Joanna, dialogavam indiretamente com o *Jornal das Senhoras*. Analisaremos, inicialmente, os textos direcionados a Joanna e ao seu ideal de emancipação.

O principal objetivo de “O Homem”, ao direcionar algumas correspondências a Joanna, era propor uma discussão com a redatora, através da troca de opiniões por escrito, em que ele pudesse argumentar contra a emancipação da mulher. Diante disso, seu primeiro posicionamento foi o de trazer o significado da palavra emancipação, que seria o ato pelo qual o filho sai de sob o poder do pai e, no que tange à mulher, ele aponta que seria um “ato pelo qual a mulher deixa de reconhecer o poder marital”.¹⁴⁷ Explicado o conceito, o autor considerou inapropriado e sem sentido que fosse levantada, no Brasil, discussão a favor da emancipação das mulheres, tendo em vista que, em terras brasileiras, a preocupação estava muito mais relacionada com sua honra do que com seu intelecto ou com lhe fazer “igual” ao homem.

Em sua “Declaração”, Joanna declarou que não tinha por pretensão “inverter” a ordem das coisas, ou contrariar a natureza. Assim, a emancipação da mulher não teria ligação com o descumprimento da “missão” designada por Deus, que era a de ser mãe e esposa, nem com seu afastamento da “proteção” do homem. Salienta, no entanto, que essa proteção, ou submissão da mulher poderia até ser considerada “justa”, desde que a base dela fosse a amizade entre ambos os companheiros. E, mais uma vez, Joanna evidenciou que a sua proposta estava ligada à “ilustração” da mulher, a partir da qual ela adquiriria conhecimento dos seus deveres de filha, esposa e mãe, e também de conteúdos que fossem relevantes para o desenvolvimento do seu intelecto, posicionamento este duramente criticado por “O Homem”, nas páginas do jornal *O Magico*:

Quereis que enquanto os filhos precisam remendar uma calça, ela estude Geografia, que enquanto choram por falta de alimento, ela leia história, em vez de lhe dar a mama: que enquanto o marido se afadiga na rua para ter sua

¹⁴⁷ O homem. A illustre redactora do Jornal das Senhoras – segunda carta. **O Magico**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 2, 01 fev. 1852.

casa farta e limpa, e seus filhos bem pensados e asseados, ela abandone seu lar para ir ouvir lições de matemática!¹⁴⁸

A citação acima evidencia os papéis atribuídos aos homens e mulheres, e a distinção entre eles marca os espaços de atuação de ambos: a mulher submissa, servindo na casa; o homem provedor, chefiando o lar. É esta construção social que leva “O Homem” a questionar, também, a fala de Joanna de que, tendo em vista que homens e mulheres eram dotados de inteligência e sabedoria, dadas por Deus, a relação entre ambos não poderia ser baseada na superioridade de um dos sexos. Neste ponto, o autor recorre à formação biológica para justificar que a mulher necessita ser protegida por alguém “superior a toda criação”, considerando que ela é um ser frágil por natureza.¹⁴⁹ Sua pretensão era demonstrar que não havia justificativa para uma igualdade entre homem e mulher, já que ambos possuíam características distintas: a mulher seria dotada de amor e o homem de poder. Portanto, na sua concepção, o máximo que poderia existir seria a complementaridade entre um e o outro, de acordo com as características próprias de cada sexo:

O amor da mulher buscou sempre o poder do homem para alimentar-se à sua sombra, e o poder do homem esqueceu sua força, para vir repousar-se no regaço do amor da mulher.

[...]

Esqueçamos essas pretensões de igualdade de direitos e regalias: a mulher é um ser de uma formação muito distinta do homem, que tem um destino muito diverso, que tem um domínio muito diferente; é um astro que conquanto gire ao lado do homem tem uma órbita diferente, e precisa da atração emanada dele, para equilibrar-se, e deixar de aniquilar-se no caos da miséria.

[...]

A mulher é um astro d’amor, que derrama esse sentimento em tudo que o rodeia: é uma fonte ou antes uma flor cujo aroma forma em torno dela uma atmosfera, que ensopa tudo que abrange em seu âmbito. **Para que deslocá-la? A emancipação não viria dar-lhe outros interesses, e retirá-la a seus instintos?**¹⁵⁰

A discussão levantada pelo autor do comentário não teve a intenção de dialogar apenas com Joanna, mas também com os assinantes de *O Magico*, tentando convencê-los do “real” significado da emancipação, e dos riscos que as senhoras corriam ao manterem contato com os textos do *Jornal das Senhoras*: “e havemos de permitir que nossas filhas se eduquem

¹⁴⁸ O homem. A illustre redactora do *Jornal das Senhoras* – segunda carta. **O Magico**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 2, 01 fev. 1852.

¹⁴⁹ O homem. A illustre redactora do *Jornal das Senhoras* – terceira carta: o que é a mulher. **O Magico**, Rio de Janeiro, n. 12, p. 2, 08 fev. 1852.

¹⁵⁰ *Ibid*, loc. cit. [grifo nosso]

sob estes princípios?! Nem um Jornal que prega tais ideias deve ter entrada no centro de famílias!”¹⁵¹

Para o autor, o melhoramento da condição da mulher só seria possível quando ocorresse primeiramente o do homem, ou seja, na medida em que este crescesse, ele mesmo elevaria a posição da mulher, que dependia mais da ilustração do homem do que da própria ilustração.¹⁵² Sua conclusão é de que a mulher nasceu pura e simplesmente para amar, e que essa “emancipação”, que na sua concepção seria “retirar-se” da tutela do pai ou do marido, não ocorreria em terras brasileiras.

Talvez tenha sido este o motivo que o levou a escrever pelo menos duas cartas às senhoras, também publicadas no *Magico*, com o título “Ao bello sexo”. As correspondências dirigidas diretamente a Joanna cessaram, mas os textos do “Homem” no *Magico* permaneceram, contra qualquer tipo de “doutrina” que pudesse desviar as mulheres da sua natureza dependente e subordinada. Assumindo um papel de “salvador” das mulheres, o escritor pretendia, através do seu discurso, “destruir todas essas ideias sediciosas, que vos querem inculcar”.¹⁵³

Ambos, Joanna e “O Homem”, se lançaram como construtores e formadores de opinião, ao indicarem ao público a quem se dirigiam, maneiras de pensar e agir, concernentes à educação da mulher no Brasil.

Ainda que Joanna pretendesse seguir com o seu propósito inicial, de “propagar a ilustração e emancipar moralmente a mulher”, o texto “Resposta” foi o último, enquanto ainda era redatora do *Jornal das Senhoras*, a tratar diretamente sobre a emancipação. Artigos com esta temática só voltaram a ser publicados em momentos específicos, quando a redação do jornal estava sob a responsabilidade de Violante Atabalipa.

O primeiro deles foi um posicionamento crítico de Joanna ao periódico *Novo Correio das Modas*, também contemporâneo do *Jornal das Senhoras*, editado pelos irmãos Eduardo e Henrique Laemmert, que circulou no Rio de Janeiro entre os anos de 1852 e 1854.¹⁵⁴ A motivação de Joanna em escrever o texto foi a de replicar uma publicação do referido jornal, que tratava dos ideais da emancipação.

¹⁵¹ O homem. A illustre redactora do Jornal das Senhoras – segunda carta. **O Magico**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 3, 01 fev. 1852.

¹⁵² O homem. A illustre redactora do Jornal das Senhoras – terceira carta: o que é a mulher. **O Magico**, Rio de Janeiro, n. 12, p. 3, 8 de fev. 1852.

¹⁵³ O homem. Ao bello sexo. **O Magico**, Rio de Janeiro, n. 16, p. 3, 7 mar. 1852.

¹⁵⁴ CRUZ, Antonio Roberto Seixas da. SENA, Fabiana. *Correio das Modas e Novo Correio das Modas: modos de ser mulher em Lisboa e no Rio de Janeiro do século XIX*. **Revista Graphos**, vol. 14, nº 2, p. 67-80, 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/view/13486>. Acesso em: 06 ago. 2018, p. 76.

Assim como no *Magico*, Joanna não apresentou o teor do artigo escrito no *Novo Correio das Modas*. Na busca por esse jornal, o referido texto não foi encontrado, portanto, não conhecemos o seu conteúdo. As palavras de Joanna, porém, deixam evidente que o artigo trazia uma compreensão “contrária” àquilo que o *Jornal das Senhoras* propunha no projeto emancipatório:

Sempre que uma pena estúpida ou mal intencionada pretenda manchar, torcer ou desfigurar as minhas doutrinas, eu levantarei a luva de desafio e sustentarei princípios reconhecidos hoje e outrora pelas sociedades civilizadas, e jamais consentirei que o hálito impuro da calúnia e do ridículo obscureça verdades eternas debaixo de cujo domínio estamos, e que cada dia conquistam novos privilégios.¹⁵⁵

O posicionamento de Joanna sugere que, mesmo não estando mais na direção do *Jornal das Senhoras*, ela acompanhava os debates por ele gerados e contribuía para o objetivo central do periódico, a saber, o de cooperar com o desenvolvimento moral e intelectual das mulheres. Talvez esse objetivo principal tenha sido o motivo que levou Violante a aceitar para publicação textos de um colaborador anônimo, que pretendia mostrar quão importante seria o apoio da sociedade à ilustração da mulher. Os três textos escritos por esse contribuinte foram os últimos trazidos pelo jornal sobre a emancipação feminina. A passagem a seguir serve de ilustração do teor desses textos.

Principiemos porém a grande obra da nossa reforma social pela base da sociedade, que é a família, e ainda pela base desta, que é a mulher! Começemos pela regeneração da mulher, eduquemo-la livremente para o destino que lhe foi dado por Deus, não impeçamos, não profanemos a sua augusta missão na terra, não lhe arrochemos os débeis pulsos com os grilhões de um ímpio e covarde despotismo, não a desfiguremos com as falsas cores dos prejuízos das velhas sociedades, não façamos dela um ente contrafeito, e moldado ao gosto dos nossos loucos caprichos, restituamos-lhe os foros que a Natureza lhe outorgou, façamos dela não uma escrava, mas uma companheira, uma amiga, uma irmã carinhosa que nos acompanhe nas escabrosas sendas da existência!¹⁵⁶

É importante salientarmos que, embora o(a) autor(a) da carta pareça apoiar as ideias trazidas por Joanna sobre a emancipação da mulher, o uso dos termos “começemos”, “eduquemo-la”, “não impeçamos”, “não a desfiguremos”, “não façamos dela”, “restituamos-lhe” e “façamos dela”, indica que era sobretudo através do aval do homem que a posição da mulher na sociedade poderia mudar e essa emancipação seria possível. Um posicionamento

¹⁵⁵ NORONHA, Joanna Paula Manso de. Emancipação moral da mulher. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica, Rio de Janeiro, n. 43, p. 130, 24 out. 1852.

¹⁵⁶ NINGUEM. Artigo 1º. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica, Rio de Janeiro, n. 44, p. 140, 31 out. 1852.

que, em certa medida, também foi afirmado por Joanna, quando os textos, em determinados momentos, foram dirigidos para os homens, “requerendo” deles a educação que elevaria a mulher socialmente.

Através do projeto emancipatório, Joanna pretendeu estimular as mulheres a perceberem seu potencial e demonstrar que elas possuíam capacidade intelectual, bastando-lhes apenas um impulso, o qual seria dado pelo jornal. Quando, em seu discurso, Joanna demonstrou que não estava propondo uma mudança nos papéis dos homens e mulheres, ou sugerindo que estas abandonassem o lar, enquanto o homem ficava em casa cuidando das atividades domésticas,¹⁵⁷ muito provavelmente não era uma emancipação que invertesse papéis ou retirasse a mulher do “cuidado” do homem que ela pretendia. O conceito da emancipação pareceu estar mais próximo do desenvolvimento do intelecto das mulheres, para provar que a capacidade delas era semelhante à dos homens.

Ao analisar a imprensa feminina oitocentista, Dulcília Buitoni aponta que esta foi construída sob duas perspectivas distintas: “a tradicional, que não permite liberdade de ação fora do lar e que engrandece as virtudes domésticas e as qualidades ‘femininas’; e a progressista, que defende os direitos das mulheres, dando grande ênfase à educação”.¹⁵⁸

Num primeiro momento, poderíamos identificar os textos sobre a emancipação, no *Jornal das Senhoras*, como que direcionados pela visão progressista apresentada por Buitoni. Porém, ainda que as redatoras do jornal dessem ênfase à educação e sempre abordassem “os direitos das mulheres”, é preciso levar em conta que, nos muitos artigos circulados nas páginas do periódico, e até mesmo nos que tratavam sobre esses direitos, também existia o tradicionalismo, que valorizava as virtudes da mulher e que indicava como deveria ser o seu comportamento não apenas no ambiente doméstico, mas também socialmente.

Nesse sentido, rupturas e permanências caminharam lado a lado por entre as páginas do *Jornal das Senhoras*, na busca por tentar redimensionar a posição exercida pela mulher na sociedade oitocentista. À primeira vista, toda a discussão levantada pelas redatoras do jornal parece propor uma quebra de paradigmas a partir da defesa de alguns direitos das mulheres. Por outro lado, há uma constante reafirmação de qualidades morais, como a prudência, a doçura, a paciência e a pureza, que elevariam os papéis da mulher – de filha, esposa e mãe – para os quais ela estaria destinada.

¹⁵⁷ DECLARAÇÃO: sobre as minhas ideias da emancipação moral da mulher. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica, Rio de Janeiro, n. 04, p. 27, 25 jan. 1852.

¹⁵⁸ BUITONI, 1981, p. 28-29.

A educação pretendida no jornal não se baseava apenas no desenvolvimento do intelecto. Ela também se constituía de gestos, modos de falar, de se comportar, e maneiras de se vestir. Todos estes fatores eram tidos como consequências do princípio que é a educação, ou seja, diziam respeito ao aperfeiçoamento da moral de cada ser humano, em que as suas atitudes tivessem por fim “a retidão, a honra, a justiça, a probidade”.¹⁵⁹

A postura adotada pelo *Jornal das Senhoras* marcou seu posicionamento dentro do campo educacional assumido pela imprensa que, ao ganhar espaço no Brasil do século XIX, ambicionou se tornar guia da sociedade. Defendendo direitos para as mulheres, com destaque nos aspectos que diziam respeito à sua instrução, o jornal realçou valores e qualidades que deveriam estar presentes em todas as ações das mulheres, e assim pretendeu alcançar sua finalidade, que era lhes mostrar como o desempenho das suas funções poderia ser feito com mais “inteligência e devoção”.¹⁶⁰

3.3 MOSTRE-ME COMO TRAJAS QUE TE DIREI QUEM ÉS: A MODA COMO ASPECTO DA EDUCAÇÃO

Nas páginas do *Jornal das Senhoras*, foram propagados ideais ligados à imagem da mulher, em que a beleza era um atributo a ser valorizado. Ao informar e indicar os padrões estéticos que deveriam ser adotados por aqueles que pertenciam ao “círculo do bom-tom”, o periódico se tornou um importante espaço para se tratar da elegância através da moda.

Nos quatro anos de circulação, o jornal trouxe artigos sobre moda baseados em produtos europeus, mais especificamente franceses, os quais eram considerados pelas autoras como de maior sofisticação para serem apreciados e experimentados. Isto se deve ao fato de o Rio de Janeiro, no século XIX, ter sua cultura inspirada, sobretudo, na França, de onde adquiria especialmente leitura e moda.¹⁶¹ Neste sentido, o *Jornal das Senhoras* se posicionou como “o intérprete fiel” daquilo que devia “determinar o bom gosto de todas as suas assinantes”,¹⁶² enfatizando nos artigos o que se julgava apropriado para o cumprimento dos bons hábitos do “belo sexo”.

¹⁵⁹ ESTUDOS sobre a educação. **O Jornal das Senhoras:** modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica, Rio de Janeiro, n. 07, p. 51, 15 fev. 1852.

¹⁶⁰ NORONHA, Joanna Paula M. de. Reposta. **O Jornal das Senhoras:** modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica, Rio de Janeiro, n. 06, p. 42, 08 fev. 1852.

¹⁶¹ JINZENJI, 2010, p. 177.

¹⁶² MODAS. **O Jornal das Senhoras:** modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica, Rio de Janeiro, n. 04, p. 27, 25 jan. 1852.

Segundo a primeira autora do artigo “Modas”, o que seria por ela divulgado era fruto do que havia presenciado em Paris, bem como das explicações dadas pelas mulheres “elegantes” que ela teve o privilégio de conhecer. Diante de tão importante aspecto, ela considerava inaceitável uma mulher se vestir mal, tendo em vista as instruções que seriam dadas pelo jornal:

Por consequência só darei explicação daqueles Figurinos que em minha alma e consciência os julgar dignos de serem apresentados as vossas dignas assinantes pelo *Jornal das Senhoras*, que deve ser, como penso, jornal de muito bom gosto. E que outros apresentem aqueles que bem lhes parecer; para que fica o direito salvo a todas elas de escolherem o que mais lhe convier e agradar; não vejo que isso seja pecado.

Mas fiquem certas as moças, que daqui em diante se vestirem mal, e que nenhuma razão terão para isso a vista do pouco dinheiro que custa por mês a assinatura do *Jornal das Senhoras*, que pouco me custará dizer-lhes mesmo na bochecha – minha querida, o vosso toilette está de muito mau gosto.¹⁶³

O trecho deixa claro que a assinatura do jornal e todas as definições dadas por ele seriam de grande valor para a vida e postura de suas assinantes, que as maneiras por ele propostas eram tidas como as mais adequadas. Isso nos leva à compreensão do quanto o jornal buscou se posicionar como o único com condições de indicar a moda às suas assinantes, mostrando-se superior até mesmo a algumas modistas.

A moda ocupa um papel importante na vida do indivíduo quando, através dela, a posição social é representada. Conforme Gilda de Mello e Souza,¹⁶⁴ através de certos “sinais exteriores”, dentre os quais está a vestimenta, a classe social tende a se revelar, o que possibilita a distinção entre os grupos. Neste sentido, a seção “Modas” do *Jornal das Senhoras* destinava suas dicas às mulheres das elites econômicas. As demais, que seguissem o que o periódico propunha, estariam se aproximando dos grupos superiores através do vestuário.

A disseminação da moda no Rio de Janeiro foi influenciada pelo investimento cultural e social na cidade. Os bailes, teatros, festas, óperas, se tornaram importantes espaços de sociabilidade burguesa, levando à ampliação das aparições públicas e consequentemente ao destaque nos modos de se vestir.

De acordo com Maria Ângela D’Incao, conforme as cidades e a vida burguesa se desenvolviam no Brasil, com maior intensidade a partir de meados do século XIX, a mudança

¹⁶³ MODAS. **O Jornal das Senhoras:** modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica, Rio de Janeiro, n. 01, p. 4, 1 jan. 1852.

¹⁶⁴ SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas:** a moda no século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 111.

nas relações sociais influenciou tanto os espaços públicos, quanto o espaço privado da casa, onde as famílias mais ricas abriam seus lares para os jantares e saraus noturnos, com a presença de familiares e amigos.¹⁶⁵ D’Incao salienta que, conforme esses eventos aconteciam, as famílias, em especial as mulheres, tinham o seu comportamento avaliado pelos olhares ao redor. Se, anteriormente, a conduta da mulher era examinada pelo pai e o marido, agora também o era pela sociedade. E, diante disto, ela precisou aprender a se comportar em público.

A imagem da mulher também passou a ser importante para a valorização da família, tendo em vista que o status social do seu esposo era ressaltado através das suas virtudes. Neste ponto, a moda entra como peça central, pois, como já foi dito, as vestimentas têm o poder de comunicação, tornando visível o lugar social ao qual a pessoa pertence.

Analisando-se as páginas do *Jornal das Senhoras*, delas emerge a pretensão de formar uma mulher específica, com características elevadas, as quais iam deste a sua intelectualidade, ao seu comportamento e aparência. Dessa forma, a seção de modas se transformou em peça chave no amoldamento das senhoras ao estilo proposto pelo jornal.

A referida seção era composta por um texto, em que a autora dialogava com as leitoras do periódico, trazendo informações sobre as mais recentes novidades do mundo da moda, indicações de lojas onde as peças do vestuário poderiam ser adquiridas e do seu próprio posicionamento quanto às atitudes esperadas pelas senhoras a quem o jornal se dirigia. Logo após esse texto, vinha a descrição minuciosa do figurino que estava sendo trazido no jornal, apontando-se a cor, o formato, o tipo de tecido, além dos acessórios, como os chapéus, lenços, laços, luvas e joias.

Os figurinos apresentados no *Jornal das Senhoras* eram retirados de outro jornal, o periódico francês *Moniteur de la Mode*, que concedeu autorização para que suas gravuras fossem publicadas no jornal brasileiro. De acordo com a articulista Christina, o *Moniteur* era “o primeiro dos mais bem conceituados JORNAIS de modas de Paris”.¹⁶⁶ E, já que era a moda parisiense que se pretendia trajar, nada mais adequado do que apresentar os figurinos da mesma maneira que eram publicados naquele país. Dessa forma, as assinantes conheceriam “o

¹⁶⁵ D’INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, Mary Del (org); BASSANEZI, Carla (coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed, São Paulo: Contexto, 2017, p. 228.

¹⁶⁶ CHRISTINA. Modas. **Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica, Rio de Janeiro, n. 13, p. 98, 27 mar. 1853.

que há de mais moderno e de mais bem aceito em Paris” e se tornariam “habilitadas” em tudo quanto dissesse respeito à moda.¹⁶⁷

Neste sentido, segundo o jornal, uma das primeiras atitudes que uma mulher elegante deveria ter era se certificar de que a pessoa a quem estava entregando os cuidados do seu vestuário conhecia a moda. Obviamente, não qualquer moda, tendo em vista que o *Jornal das Senhoras* fundava sua estética nos padrões europeus. Também era necessário que não fizesse uso de costureiras de custo modesto, pois, no intuito de economizar, as senhoras poderiam ser vistas como “mal vestidas ou mal feitas”, muitas “belezas gentis e fascinadoras confund[iam] a sua natural elegância por entre os vestidos mal talhados e contrafeitos”.¹⁶⁸

Por se considerar que a elegância no vestuário dependia de um corte bem feito e de uma “cintura bem calculada”, era indicado que as mulheres, além de frequentarem as melhores modistas, se vestissem de acordo com o formato do seu corpo. E aqui entra um aspecto trazido pela escritora, que chama atenção, quando ela classifica a si mesma, e provavelmente as mulheres que assinam o jornal, como “magrinhas”. Em contraposição, estavam as consideradas “gordas”, que deviam ajustar suas vestes conforme seu tamanho:

Se ela for gorda por certo que os seus vestidos e os seus enfeites devem sofrer uma modificação em todas as suas dimensões e caprichos, os quais se alteram pelo contrário em *nós magrinhas*, guardando sempre, como levo dito, as competentes proporções.¹⁶⁹

O argumento apresentado na citação acima parece indicar que a articulista privilegiava a mulher que não possuía um corpo por demais avantajado, o que demonstra uma seletividade até mesmo dentro do grupo de mulheres das elites econômicas, ao qual o *Jornal das Senhoras* dedicava suas páginas. O direcionamento dado por ela era o de que as mulheres devessem se vestir conforme o corpo, o cabelo, a cor da pele, e o seu estado: se solteira, casada, ou grávida, tendo a conveniência como prioridade.

A necessidade de adequar o vestuário ao corpo foi tratada no jornal em outros momentos e, mais de uma vez, foram feitas distinções entre os corpos mais magros e os mais volumosos. Ao descrever dois vestuários para passeio, a articulista, que os avaliou como bonitos e modernos, considerava que eles não deveriam ser usados por qualquer mulher, simplesmente por terem lhe agradado, conforme fica evidenciado na passagem seguinte:

¹⁶⁷ CHRISTINA. Modas. Descrição da estampa. **Jornal das Senhoras:** modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica, Rio de Janeiro, n. 17, p. 129, 24 abr. 1853.

¹⁶⁸ MODAS. **O Jornal das Senhoras:** modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica, Rio de Janeiro, n. 7, p. 49, 15 fev. 1852.

¹⁶⁹ Ibid, p. 50.

Mas vede, querida leitora, **como seria impróprio numa moça baixinha e gorducha** essas mangas de três fofos ornando seu bracinho muito bonito, porém curto e grosso. **Como seria de mau gosto, n'outra muito gorda**, essa jaquetinha de veludo, abotoada, descrevendo com justeza as avantajadas formas. **E, ao contrário, quanto irá graciosamente bem na moça magrinha**, aspiral, essa justa e abotoada *basquine* de veludo; em outra, alta, braços desenvolvidos, essas mangas de três fofos; o que quer dizer, que ambos os objetos são da moda, mas nem em todas as senhoras poderão ir bem, sem que hajam as conveniências e modificações.¹⁷⁰

Diante desse posicionamento, ela pontua que seu desejo estava em “ver uma senhora bem vestida; quero que em seu *toilette* se revele a moda; mas quero conhecer que ela foi modificada [...] e apropriada à senhora”.¹⁷¹ O texto evidencia que o periódico se voltou também para a aparência das suas assinantes, levando a seção de modas a conquistar não apenas um espaço nas páginas do jornal, mas, principalmente, a atenção das leitoras.

A importância dada à aparência, sobretudo na maneira de se vestir, tinha um objetivo, conforme apontou Christina, uma das autoras dos artigos de modas. No seu entender, a moda foi criada para uma função bem específica, que era possibilitar às pessoas não serem vistas, repetidamente, com as mesmas vestimentas e ornamentos. No que concerne à mulher, a variedade das vestes fazia multiplicar a sua existência, ao produzir “cem imagens diferentes do mesmo tipo original”.¹⁷² E uma das principais razões para essa variedade era fazer com que a imagem da mulher não se tornasse cansativa aos olhos dos homens, pois, não obstante a sua beleza, era essencial o uso da “arte” para ser admirada.

Se os homens vissem a mulher que amam por seis meses trajando sempre as mesmas roupas, entrançando o cabelo por um sistema exclusivo e constante, e preferindo perpetuamente as mesmas cores, achá-la-iam monótona, feia, insuportável.

[...]

A mulher assim pelo privilégio da moda é [...] uma borboleta que experimenta cada dia uma metamorfose. Os cabelos ora lhe caem em longos anéis ao longo do rosto [...] ora desenham a curvatura elegante dos bandós. O corpinho do vestido, ora largo, ora esguio [...] umas vezes deve deixar perceber o distinto das formas femininas, ora recatar num razoável equívoco a beleza das proporções. A saia, umas vezes larga e tufada, se encrespa numa infinidade de folhos e volantes, e deixa ver o pé mimoso encerrado num sapatinho de cetim encantador.¹⁷³

¹⁷⁰ CHRISTINA. Modas. **Jornal das Senhoras**: jornal da boa companhia - Modas, litteratura, bellas-artes e theatros, Rio de Janeiro, n. 29, p. 226, 16 jul. 1854. [grifo nosso]

¹⁷¹ Ibid, loc. cit.

¹⁷² CHRISTINA. Modas. **Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e crítica, Rio de Janeiro, n. 16, p. 121-122, 17 abr. 1853.

¹⁷³ Ibid, p. 121.

Nesse sentido, a moda teve um importante papel, que foi o de gerar encantamento, não só entre casais, mas, especialmente, entre as jovens solteiras, o que remete à ideia de que sobre a mulher recaía o dever de se vestir bem e de ter um bom comportamento, para nutrir a atração masculina. Quanto a este aspecto, Gilda de Mello e Souza aponta que, para a mulher do século XIX, não existiam muitas alternativas além do casamento, por isso houve uma amplitude na arte da sedução, e para este fim, a moda foi fundamental.¹⁷⁴ A autora chama atenção, porém, para as regras de comportamento, pois, embora o casamento fosse para a mulher o único meio de realização, ela deveria saber como se portar diante dos homens, já que as relações deveriam se estabelecer com muita cautela.

As autoras dos artigos de modas do *Jornal das Senhoras* se posicionaram de acordo com esse aspecto, equilibrando as dicas de elegância, beleza, sedução e decência. Em um poema direcionado às jovens, foi-lhes dado o seguinte conselho:

Precisamos, com talento,
Nossa idade embelezar;
É mau gosto, é pouco siso
Os enfeites desprezar.

Inda a mulher sendo bela,
E bela por natureza,
Deve fazer, com ornatos,
Realçar sua beleza.

Mil exemplos nos atestam,
Que lá vem a ocasião
Em que a gente pelos olhos
Vai direita ao coração.

Se, pois, a moça quiser
Alheias vistas captar,
Deve com gosto e talento
A moda sempre trajar.¹⁷⁵

O poema destaca dois atributos da moda apontados anteriormente, quais sejam, a valorização da beleza e o seu poder de atração. Sobre este último aspecto, o *Jornal das Senhoras* ofereceu, nas dicas de vestuário para as jovens, a distinção da sua indumentária em relação à das mulheres casadas, apresentando-lhes todas as atitudes necessárias para a sua conduta enquanto moças solteiras. Além dos textos escritos, foi trazida uma imagem, que reproduzia essa diferenciação. As gravuras serviam como ferramenta para ilustrar o que estava sendo dito no texto, proporcionando às mulheres a visão do padrão que deveriam

¹⁷⁴ SOUZA, 1987, p. 91-92.

¹⁷⁵ Modas. **Jornal das Senhoras**: jornal da boa companhia - Modas, litteratura, bellas-artes e theatros, Rio de Janeiro, n. 41, p. 321, 14 out. 1855.

adotar. É o que podemos perceber na imagem a seguir. Nela, a vestimenta da esquerda é descrita pela articulista Christina como um traje para ir ao teatro ou a grandes jantares, em contraposição à do lado direito, que representa uma roupa de baile.

Figura 5: Estampa publicada pelo *Jornal das Senhoras*, 4 jul. 1852.



Fonte: *O Jornal das Senhoras*, n. 27, 4 jul. 1852.

As diferenças entre elas, no entanto, iam além, pois o primeiro traje representava, ainda, uma jovem solteira, tendo em vista que seu “elegante peito e pescoço estão nus – nem os brincos aparecem” enquanto que o segundo revelava uma mulher casada, pois estava “carregado de pérolas e diamantes”.¹⁷⁶ Uma informação importante, apresentada pela autora, foi a de que essas distinções eram seguidas à risca pelas mulheres parisienses. Sendo assim, foi proposto às assinantes do jornal que procedessem de igual modo.

O uso da renda, como uma espécie de véu, e das flores no penteado, assim como o buquê segurado em uma das mãos da jovem, numa aparência que remete à de uma noiva, sugerem a imagem de uma moça pura, que se comporta e se veste adequadamente, e que se prepara para o casamento. No universo da jovem solteira era indicado, ainda, um equilíbrio entre a beleza natural e o uso da arte, com destaque para a “graciosidade”, a “docilidade”, a “candura” e a “simplicidade do trajar”, onde o realce devia estar, sobretudo, na naturalidade da sua beleza e no seu “estado feliz”.¹⁷⁷

Todas as posturas esperadas das mulheres, retratadas até aqui, manifestavam-se de forma mais expressiva nos espaços festivos, que favoreciam a exposição das suas vestimentas e do seu procedimento. No *Jornal das Senhoras* era possível encontrar, na seção “Chronica da Semana”, também chamada posteriormente de “Chronica da Quinzena”, “Chronica dos Salões” e “Chronica dos Theatros”, indicação dos eventos que aconteceriam na capital imperial, e assim as mulheres eram informadas das novidades, podendo desfrutar das opções de lazer na cidade. Dessa forma, além de dar dicas de como se vestir e se comportar, o jornal também indicava os lugares a serem frequentados.

Dentre esses espaços, estavam os teatros Lírico, Provisório, São Pedro de Alcântara e São Januário, a Academia de Belas Artes, o Clube Fluminense, e os salões de baile Sociedade Campestre e Cassino Médico. Vejamos o que afirmaram duas autoras, incumbidas de trazer notícias no jornal, sobre alguns desses ambientes e sobre o que se esperava encontrar neles:

O Cassino Médico, esse baile brilhante, suntuoso, cheio de animação, de elegância e beleza [...]. Ali estava o luxo a par do bom gosto em tudo. Ricos e lindos *toilettes*, peregrinas belezas, rutilantes estrelas, rainhas e vassalos, formavam o mais belo conjunto da mais bela e escolhida reunião.¹⁷⁸

¹⁷⁶ CHRISTINA. Modas. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e crítica, Rio de Janeiro, n. 27, p. 3, 4 jul. 1852.

¹⁷⁷ CHRISTINA. Modas. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e crítica, Rio de Janeiro, n. 33, p. 50, 15 ago. 1852.

¹⁷⁸ MODAS – Movimento dos Salões. **Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e crítica, Rio de Janeiro, n. 23, p. 178, 5 jun. 1853.

Em breve começarão as nossas interessantes a retirar-se para a cidade com o fim de se prepararem para os bailes do corrente ano, que devem ser esplêndidos; e, a calcular os progressos da civilização e do bom gosto, devemos esperar que neles se observe alguma coisa de maior aperfeiçoamento tanto na elegância dos *toilettes* e na encantadora amabilidade das pessoas que os frequentam, como mesmo no serviço e adornos dos nossos magníficos salões.

Não queremos com isto dizer que uns ou outros tenham até agora merecido censura alguma por negligência ou desprezo das regras do bom tom; porém esperamos que as frequentes chegadas dos paquetes provenientes da Europa, [...] continuem a importar-nos duas vezes por mês todas as inovações admitidas na sede do mundo elegante. Por esta razão imaginamos ver nas próximas reuniões mil inovações prendendo as atenções pela originalidade do gosto, ou pela excentricidade das combinações ou por caprichosos aperfeiçoamentos de coisas que já nos são conhecidas e mesmo familiares.¹⁷⁹

Estas passagens evidenciam como os espaços apontados foram lugares oportunos para a exposição da imagem de homens e mulheres, tendo em vista serem locais onde os olhares estavam atentos para a aparência. Revelam, ainda, a participação das autoras nos ambientes sociais, atentas aos movimentos e indumentárias de todos. Elas mesmas avaliavam e indicavam onde e como as assinantes do periódico deveriam ir. E, mais uma vez, buscavam enfatizar que os conteúdos fornecidos pelo jornal, além de eficientes, eram suficientes para a “perfeição” no modo de trajar. Os figurinos apresentados eram dos mais modernos, pertencentes apenas “à classe daqueles, que foram escolhidos e são preferidos pelo mundo elegante de Paris”.¹⁸⁰

Ainda no que corresponde ao traje de baile, as joias foram um elemento de grande relevância. Era sugerido às assinantes do jornal que visitassem a joalheria de Mr. Valais, localizada na rua do Ouvidor, e que apreciassem as “delicadas e perfeitíssimas obras de ouro, esmalte, brilhantes, e mais pedras preciosas, de um subido merecimento, e do mais apurado gosto dos salões de Paris”.¹⁸¹ Recomendava-se às mulheres irem até os locais indicados no jornal e olharem as vitrines, para visualizar o que era apresentado no periódico, incitando o consumo de peças que as fariam se assemelhar aos padrões estéticos preconizados. Para cada produto apresentado no jornal, existia um espaço onde este poderia ser encontrado, e a sugestão das articulistas era a de que as mulheres fossem pessoalmente conhecê-los.

¹⁷⁹ ALINA. Chronica dos Salões. **Jornal das Senhoras**: jornal da boa companhia - Modas, litteratura, bellas-artistes e theatros, Rio de Janeiro, n. 2, p. 9, 14 jan. 1855.

¹⁸⁰ MODAS. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artistes, theatros e crítica, Rio de Janeiro, n. 14, p. 105, 4 abr. 1852.

¹⁸¹ CHRISTINA. Modas. **Jornal das Senhoras**: jornal da boa companhia - Modas, litteratura, bellas-artistes e theatros, Rio de Janeiro, n. 32, p. 250, 6 ago. 1854.

A manifestação do bom gosto deveria estar presente em qualquer indumentária, porém cada ocasião requeria um traje específico. Enquanto os salões exigiam um maior requinte, formalidade e rigor, os momentos cotidianos requeriam modelos leves, simples e naturais, sem muitos adereços. São estas as características trazidas em um dos artigos de modas do jornal, para as vestimentas de passeio e de estar em casa.¹⁸² No passeio familiar houve destaque, ainda, para a graciosidade e a ternura, atributos que, de acordo com o exposto no periódico, deveriam fazer parte do caráter das mulheres, e que eram evidenciados, também, no seu modo de trajar:

Figura 6: Estampa publicada pelo *Jornal das Senhoras*, 6 mar. 1853.



Fonte: *Jornal das Senhoras*, n. 10, 6 mar. 1853.

¹⁸² MODAS. **O Jornal das Senhoras:** modas, litteratura, bellas-artes, theatros e crítica, Rio de Janeiro, n. 5, p. 34, 1 fev. 1852.

A imagem acima representa mãe e filhas em um dia de passeio, e o enfoque principal, trazido pela autora do artigo, é a revelação que os figurinos trazem. Segundo ela, não seria preciso contemplá-los por muito tempo para que se percebesse a presença do “amor e da complacência maternal”, assim como do “amor e respeito filial”:

Ah! sim, querida leitora, vós já reconhecestes nessa estampa a mãe carinhosa e grave, a par dos ternos penhores do seu coração, distribuindo suas atenções a uma e a outra com aquela complacência, com aquele cuidado, que só sabe ter e pode despender uma mãe inteligente.¹⁸³

A conduta das mulheres se manifestaria nas vestimentas, em que não só as características físicas seriam avaliadas, mas também as morais. E o *Jornal das Senhoras* não deixou de mostrar a distinção que poderia ser feita entre as mulheres, simplesmente pela apreciação de elementos da sua indumentária, nos quais se acharia facilmente “o segredo da natureza particular, e dos hábitos daquela que os traz”.¹⁸⁴ A seção de modas¹⁸⁵ destacou, com alguns exemplos, a influência que o caráter exercia sobre os trajes de uma mulher. A religiosa e de costumes austeros não usava muitas joias, sua roupa não continha tanto brilho e seu peito e braços estavam sempre cobertos. A mulher jovem, bela e modesta, usaria da elegância e do bom gosto com naturalidade. A ordem reinaria em todo o seu ser, pois a isso teria se habituado “no seio de uma vida doce e regulada: o seu traje será enfim, como a sua natureza, rico e ao mesmo tempo simples”.

Para se conhecer a mulher leviana, bastaria observar o seu vestuário cercado de brilho e o exagero nos adereços, como as joias, rendas, flores e fitas. Ela usaria vestidos de cores claras, “porque isso tem alguma coisa de mais sedutor” e seu o colo e braços estariam sempre à mostra, pois sua intenção era agradar aos olhares. Já aquela de costumes equívocos, teria sua indumentária totalmente ao contrário dos padrões. Suas roupas seriam chamativas e excêntricas. Considerada um “anjo decaído”, estaria destinada ao “esquecimento e compaixão”. Portanto, o conhecimento das modas, da maneira exata de se vestir, era um aspecto que fazia parte da educação proposta pelo jornal, onde a idealização da mulher estava, igualmente, nas roupas.

Considerando que os aspectos educacionais trazidos no jornal, e que deveriam estar presentes na vida das mulheres, também abrangiam a sua família, o periódico divulgou, em

¹⁸³ CHRISTINA. Modas. **Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e crítica, Rio de Janeiro, n. 10, p. 80, 6 mar. 1853.

¹⁸⁴ MODAS. **Jornal das Senhoras**: jornal da boa companhia - Modas, litteratura, bellas-artes e theatros, Rio de Janeiro, n. 43, p. 337, 28 out. 1855.

¹⁸⁵ Ibid, p. 337-338.

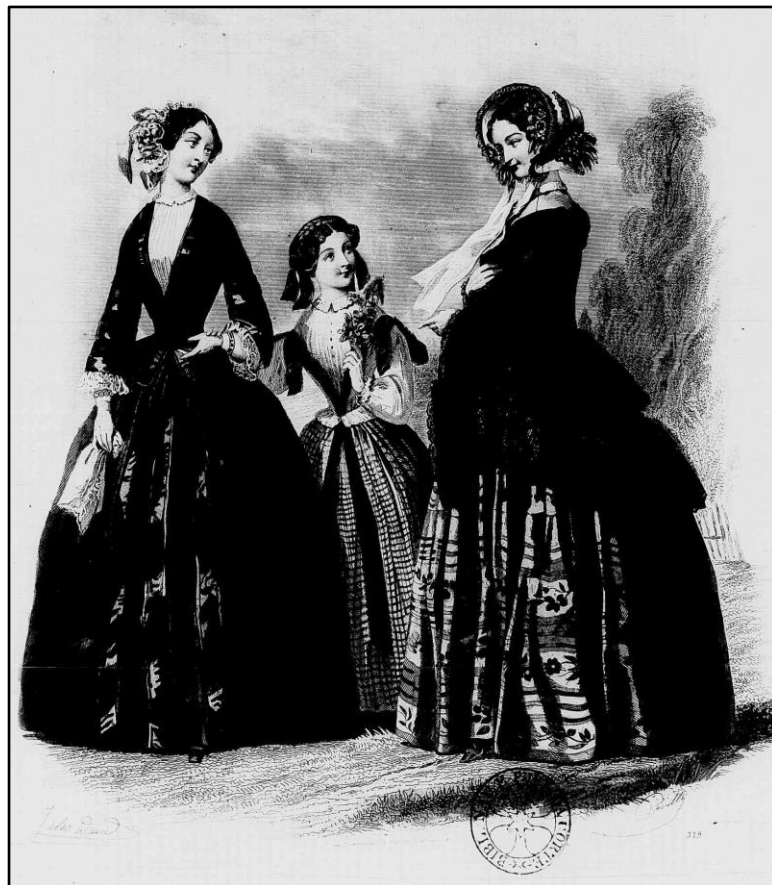
alguns dos seus números, peças de roupa infantil e masculina. A motivação para essas publicações se deu mediante a importância de, desde cedo, meninas e meninos serem amoldados ao padrão que a moda impunha naquele período. Quanto aos homens, era de valor vê-los elegantes e modestamente bem trajados, pois a “elegância e o bom gosto estão muito longe da exageração e do ridículo”.¹⁸⁶

Da mesma forma que o jornal tratou das diferenças existentes nos trajes femininos, também abordou que era preciso saber vestir as crianças adequadamente, conforme a idade, e assim, através da vestimenta, seria demonstrada a sua “inocência e candura”:

Em toda a Europa a criança é criança, e como tal é tratada, até aos 10 anos; daí aos 16 é menina; moça é só aos 20; e entra então a fruir as distinções e cortejos da sociedade. Que resultados tão felizes não se tira desta invariável educação.

[...] O traje da criança, da menina e da moça, são apropriadamente empregados; o luxo está sempre na razão da idade.¹⁸⁷

Figura 7: Estampa publicada pelo *Jornal das Senhoras*, 12 set. 1852.



Fonte: *O Jornal das Senhoras*, n. 37, 12 set. 1852.

¹⁸⁶ CHRISTINA. Modas. **Jornal das Senhoras:** modas, litteratura, bellas-artes, theatros e crítica, Rio de Janeiro, n. 25, p. 195, 19 jun. 1853.

¹⁸⁷ CHRISTINA. Modas. **O Jornal das Senhoras:** modas, litteratura, bellas-artes, theatros e crítica, Rio de Janeiro, n. 37, p. 82, 12 set. 1852.

A estampa na imagem sete foi a primeira divulgada no jornal que tratava sobre o vestuário infantil. Conforme a articulista, a menina que aparece ao centro tem 12 anos, e está vestida de maneira apropriada à sua idade. A descrição, no periódico, do formato, da cor, do tipo de tecido e dos enfeites do vestido pretende demonstrar, a cada leitora, essa adequação. Embora seja apontado que a figura representa uma criança, os seus traços físicos – o rosto fino, a cintura bem desenhada – mais parecem os de uma pessoa adulta, o que pode sugerir a preparação da criança, desde cedo, para as fases futuras, em que deverá apresentar os perfis (de moça e de mulher casada) já apresentados nesta seção do capítulo.

A imagem a seguir é concernente a outro momento em que o jornal trouxe dicas de moda para crianças, agora apresentando estampas de fantasias de bailes infantis.

Figura 8: Estampa publicada pelo *Jornal das Senhoras*, 3 abr. 1853.



Fonte: *Jornal das Senhoras*, n. 14, 3 abr. 1853.

Conforme já foi apontado neste trabalho, as vestimentas divulgadas no *Jornal das Senhoras* eram retiradas de um jornal francês, apropriadas, portanto, para serem usadas naquele país. A indumentária para bailes de crianças foi trazida no jornal brasileiro porque a autora considerava relevante que as crianças desfrutassem de divertimento, proporcionado por essa festividade. Além disso, no seu entender, os bailes seriam úteis às crianças, vantajosos à sua educação e “aos seus futuros hábitos de viver em sociedade – se quereis reformar costumes [...] principiai por educar para esse fim a mocidade”.¹⁸⁸

O *Jornal das Senhoras* mostrava, para todas as pessoas que tinham acesso ao seu texto, como se adequar, desde muito cedo, aos padrões sociais e culturais de uma sociedade “refinada”. Tendo-se em conta que o acesso a esses padrões não poderia ser feito por qualquer classe social, os únicos capazes de seguir as suas instruções foram aqueles pertencentes às classes mais abastadas. Para essas pessoas, era imprescindível cumprir regras no uso da indumentária.

Além de ser um indicador da posição social, distinguindo as classes, o vestuário também diferia os gêneros. Para homens e mulheres, as vestimentas tinham formato e objetivos diversos. De acordo com Souza,¹⁸⁹ a indumentária, no século XIX, acentuou as diferenças entre os sexos, já existentes na atribuição das tarefas, nos hábitos e nas relações sociais. Enquanto a roupa feminina era dirigida pelo princípio da “sedução ou atração”, ornada pelas rendas, fitas e bordados, a vestimenta masculina se tornou mais simples, desprovida dos muitos elementos decorativos. Essa mudança, porém, não fez o homem abandonar a elegância dos trajes, e sua afirmação social também estava na indumentária, realçada, a partir de então, na estética do rosto e no uso de distintivos que simbolizavam poder, como as joias, os chapéus, os charutos e as bengalas.¹⁹⁰

Quando o *Jornal das Senhoras* divulgou, em 1852, a primeira peça de roupa masculina, a autora pontuou que, durante todo o ano, havia publicado apenas figurinos femininos, e por isso achava justo indicar trajes também para os homens. Ainda que os artigos de modas fossem direcionados às mulheres, eles tinham por objetivo tratar da elegância, o “vestir-se bem” e, neste sentido, era relevante indicar vestimentas para os homens:

E vossos maridos, irmãos, tios e primos, que há 50 domingos não veem senão figurinos de senhora, não merecerão também as nossas contemplações? Não gozarão de um Domingo seu, de um dia que todas nós

¹⁸⁸ CHRISTINA. Modas. **Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e crítica, Rio de Janeiro, n. 14, p. 105, 3 abr. 1853.

¹⁸⁹ SOUZA, 1987, p. 58-60.

¹⁹⁰ Ibid, p. 75.

Ihe oferecemos? Oh! O JORNAL DAS SENHORAS não se comportaria de outra forma.¹⁹¹

A atitude que o jornal não teria, apontada na citação acima, era se passar por “soberbo” e “egoísta”,¹⁹² limitando as publicações das seções de modas aos trajes femininos. A quantidade de figurinos de homens, divulgada no periódico, foi ínfima se comparada com as vestimentas para mulheres, mas, já que a imagem masculina também deveria ser valorizada, se tornou apropriado disponibilizar dicas de “toilette” para a qualidade no seu modo de vestir.

Figura 9: Estampa publicada pelo *Jornal das Senhoras*, 19 dez. 1852.

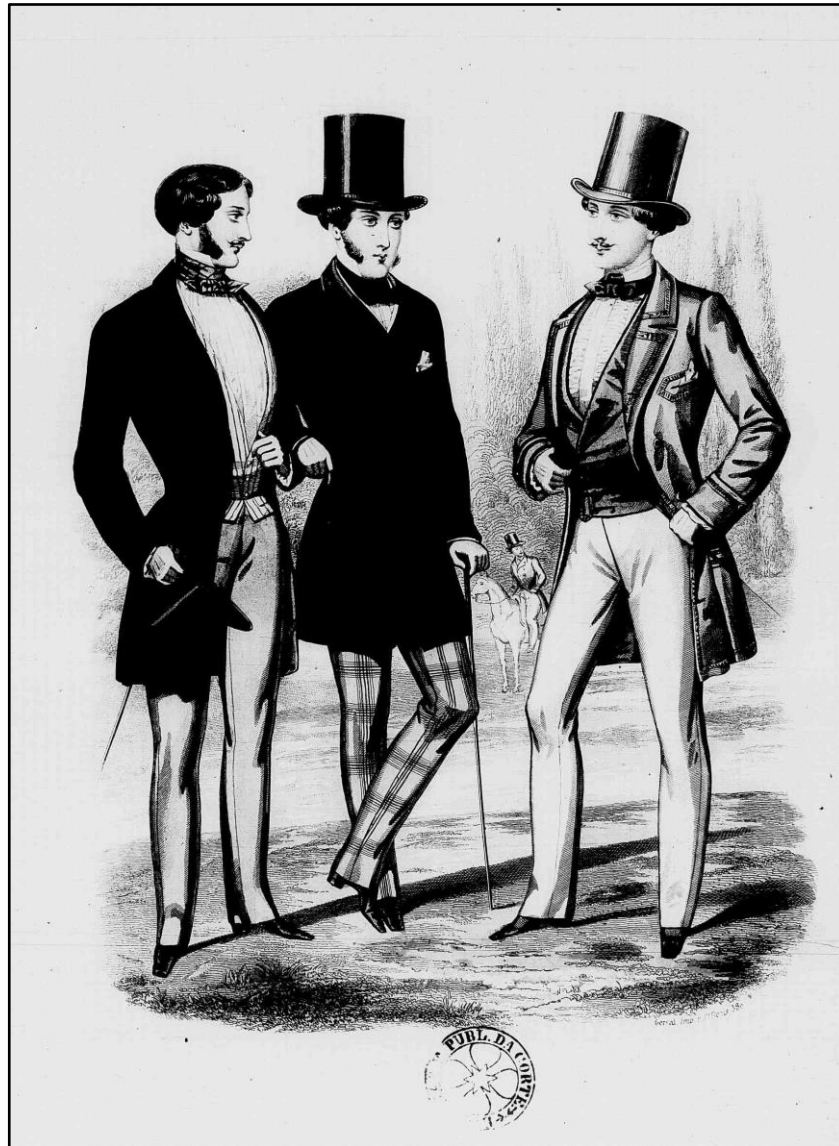


Fonte: *O Jornal das Senhoras*, n. 51, 19 dez. 1852.

¹⁹¹ CHRISTINA. Modas. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e crítica, Rio de Janeiro, n. 51, p. 194, 19 dez. 1852.

¹⁹² CHRISTINA. Modas. **Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes e theatros, Rio de Janeiro, n. 40, p. 314, 2 out. 1853.

Figura 10: Estampa publicada pelo *Jornal das Senhoras*, 2 out. 1853.



Fonte: *Jornal das Senhoras*, n. 40, 2 out. 1853.

As imagens nove e dez apresentam os homens com uma indumentária que foi marcante no século XIX, composta pela casaca, cartola e calças.¹⁹³ As cores das vestimentas masculinas também variaram, e os tons mais escuros se tornaram preponderantes. Assim, enquanto o modo de trajar das mulheres era marcado pelos variados adornos, o masculino simplificou, tornando-se mais discreto. Dentre os elementos da indumentária masculina, valorizados pelo *Jornal das Senhoras*, estavam, ainda, a modéstia, a simplicidade e a seriedade, pois também eram tidos como parte da elegância.¹⁹⁴

¹⁹³ SOUZA, 1987, p. 64-65.

¹⁹⁴ CHRISTINA. Modas. *Jornal das Senhoras*: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e crítica, Rio de Janeiro, n. 25, p. 195, 19 jun. 1853.

Da mesma maneira que as autoras da seção de modas apontaram que não haveria mais motivos para as mulheres se vestirem mal, diante de todas as instruções dadas através do jornal, os homens também foram alertados dos benefícios que o periódico trazia, para não correrem o risco de se passarem por mal vestidos. Os meninos foram igualmente contemplados nas indicações do vestuário, e mais uma vez, o *Jornal das Senhoras* evidenciou que o trajar “sério, delicado e de bom gosto”¹⁹⁵ deveria ser comum desde a infância. A imagem nove foi a primeira divulgada no jornal com figurinos de homens, e nela há a presença de um menino de 14 anos, já experimentando dos modos da “boa sociedade”.

As roupas tiveram um papel importante no século XIX, em que a classe social e a posição exercida por homens e mulheres na sociedade eram indicadas, entre outros aspectos, pelo modo de vestir. A seção de modas, uma das principais que compunham o *Jornal das Senhoras*, apontou essa diferenciação, e seus textos, fundados em padrões europeus, influenciaram o amoldamento daqueles que tinham acesso ao seu conteúdo e condições para executar o que lhes era indicado. O periódico, que teve a educação como temática direcionadora, apresentou, através dos artigos de modas, os atributos desejáveis para os homens e mulheres do “bom-tom” do Rio de Janeiro e províncias, e a adoção dos “modos adequados” para vestir-se.

O capítulo a seguir discute as características morais postuladas no *Jornal das Senhoras*, as quais também deveriam reger as ações da mulher por ele idealizada.

¹⁹⁵ CHRISTINA. Modas. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e crítica, Rio de Janeiro, n. 51, p. 194, 19 dez. 1852.

4 LIÇÕES DE CONDUTA: ATRIBUTOS MORAIS PARA FORMAR UMA MULHER VIRTUOSA

A partir do ano de 1853, após Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco assumir a redação do *Jornal das Senhoras*, passou a ser veiculada, nele, uma maior quantidade de textos relacionados às virtudes do ser humano, sobretudo das mulheres. Esta orientação tinha por base a concepção de que o futuro da família estava sob a sua responsabilidade, pois, de acordo com uma das articulistas, “os destinos da sociedade dependem da moralidade dos homens; e esta provém em maior parte, senão completamente, das qualidades e da instrução das mães de família”.¹⁹⁶

Em que pese ser esse o período em que se observa uma maior ênfase na temática, desde a sua fundação o jornal versou sobre os atributos que as mulheres deveriam apresentar, para que desempenhassem com perfeição o seu papel de filhas, esposas e mães. No capítulo anterior, tratamos do modelo de formação intelectual bem como da aparência e características físicas femininas propostos pelas redatoras e colaboradoras do periódico. No presente capítulo, abordamos os deveres morais nele apresentados, entendidos como imprescindíveis na composição da “mulher virtuosa”. A análise visa examinar as principais qualidades da mulher que o *Jornal das Senhoras* pretendeu formar.

Dentre os textos publicados no periódico, as novelas, os romances e outras histórias de ficção obtiveram um espaço importante, sobretudo no período sob direção de Gervásia Neves. Embora fictícios, esses tipos de texto trazem em seu conteúdo aspectos da realidade e ideais partilhados socialmente, permitindo uma identificação dos(as) leitores(as) com as histórias, as quais tinham o potencial de influenciar os seus modos e costumes. Neste sentido, trazemos também para discussão o conteúdo de algumas dessas narrativas, pois elas apresentavam em seu enredo atitudes esperadas das mulheres, no matrimônio, na maternidade ou na vida social de forma geral.

¹⁹⁶ BARONESA de ***. Educação do sexo feminino. **Jornal das Senhoras**: jornal da boa companhia - Modas, litteratura, bellas-artes e theatros, Rio de Janeiro, n. 8, p. 63, 25 fev. 1855.

4.1 GUIANDO AS CONDUTAS, CULTIVANDO A VIRTUDE

Conforme apontado em diversas passagens desta dissertação, o *Jornal das Senhoras* divulgava a concepção de que a instrução moral e intelectual era de fundamental importância para o “belo sexo”, com base no entendimento de que a mulher seria o principal instrumento para o bom andamento da sociedade. Essa compreensão emergiu a partir da apropriação de novos valores na sociedade brasileira, em que a busca pelo “progresso” da nação proporcionou às mulheres das classes altas diferentes papéis sociais. D’Incao aponta que, nesse momento, as mulheres casadas se tornaram importantes contribuintes no “projeto familiar de mobilidade social”, por meio do seu comportamento nos salões, bem como nos lares, sendo boas e dedicadas mães e esposas. Neste sentido,

Os cuidados e a supervisão da mãe passam a ser muito valorizados [...], ganha força a ideia de que é muito importante que as próprias mães cuidem da primeira educação dos filhos e não os deixem simplesmente soltos sob influência de amas, negras ou ‘estranhos’, ‘moleques’ da rua.

Da esposa do rico comerciante ou do profissional liberal, do grande proprietário investidor ou do alto funcionário do governo, das mulheres passa a depender também o sucesso da família, quer em manter seu elevado nível e prestígio social já existentes, quer em empurrar o *status* do grupo familiar mais e mais para cima.¹⁹⁷

Conforme observa Adriana Dantas Reis, em livro intitulado *Cora: lições de comportamento feminino na Bahia do século XIX*, a defesa de uma mulher “civilizada, ilustrada, e, sobretudo, boa mãe e esposa”, se tornou recorrente no Brasil a partir da segunda metade do século XIX, sob a inspiração dos ideais das “Luzes”. A autora assinala que a pretensão dos adeptos das Luzes era a de “moldar um ser social novo”¹⁹⁸ e, para este fim, as mães teriam um papel de suma importância: elas educariam os “novos homens” que formariam a sociedade.

Foi esse entendimento que levou José Lino Coutinho, médico, filósofo, poeta e político baiano, a escrever cartas sobre como deveria ser a educação da sua filha, Cora, na infância e juventude, e sua preparação para a idade adulta. As cartas analisadas por Reis tinham, de acordo com a autora, a finalidade de “formar o físico e o espírito”¹⁹⁹ de Cora. As suas instruções iam desde a moralidade e os cuidados com o corpo, até as tarefas a serem desempenhadas por Cora quando se tornasse esposa, mãe e dona de casa, o que evidencia a

¹⁹⁷ D’INCAO, 2017, p. 229.

¹⁹⁸ REIS, Adriana Dantas. **Cora**: lições de comportamento feminino na Bahia do século XIX. Salvador: FJCA; Centro de Estudos Baianos da UFBA, 2000, citações p. 202 e 200, respectivamente.

¹⁹⁹ *Ibid*, p. 151.

preocupação de Lino Coutinho com as virtudes da sua filha. Essa preocupação também permeou os ideais das redatoras do *Jornal das Senhoras*.

Igualmente publicado no século XIX, o *Diccionario da lingua portuguesa* de Antonio de Moraes Silva²⁰⁰ definia “virtude” como “o exercício dos deveres morais, civis, sociais, ou religiosos”. Uma pessoa considerada virtuosa era aquela que colocava em prática essas obrigações. No que diz respeito à formação da mulher virtuosa, de acordo com o enfoque do *Jornal das Senhoras*, atributos como a instrução, a prudência, a singeleza, a gracilidade e a devoção eram imprescindíveis. A defesa da educação das mulheres estava interligada com a sua atuação. Logo, as qualidades mencionadas deveriam fazer parte da formação da mulher, pois ela era “a fonte de onde dev[iam] correr todas as felicidades da espécie humana. E educá-la [era] trabalhar para um fim aproveitável a todos”. Assim, uma mulher instruída moral e intelectualmente estaria preparada para assumir a posição de mãe e esposa exemplar, tendo em vista que “seu destino é todo espiritual; é uma missão divina, que tem por objeto a regeneração da humanidade, para a felicidade d’aquém e d’além túmulo”.²⁰¹

Para explicar a concepção de que cabia à mulher “regenerar” o ser humano, o *Jornal das Senhoras* publicou artigos que discutiam as razões pelas quais ela era qualificada para esse papel. Em um deles, “A mulher perante Deus e o mundo”, publicado em alguns números do jornal de maneira consecutiva, foi demonstrado que essa função, entendida como específica da mulher, havia começado na Criação. Conforme o texto, Adão, após ser formado, teria olhado em sua volta e compreendido que tudo aquilo que havia sido criado lhe pertencia, o que gerou um sentimento de orgulho em seu ser. Para que este homem não ficasse sem limites, buscando a sua vontade, obedecendo apenas ao seu “instinto de mandar” e se esquecesse do “pai que o havia criado tão sabiamente”, surge a mulher, a qual, apontada no texto como o “raio puro e suave da porção diviníssima da alma do Céu”, estaria encarregada de educar a alma do homem, direcionando o seu caráter, e assim garantindo que ele não seguisse os seus próprios instintos.²⁰²

Considerava-se, portanto, que a mulher não havia sido criada apenas para ser a companheira do homem, mas, inclusive, para equilibrar as ações dele na terra. Para tanto, a formação cristã foi apontada como um dos pontos chave para a perfeição da moral que

²⁰⁰ SILVA, Antonio de Moraes. **Diccionario da lingua portuguesa** - recompilado dos vocabularios impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813. Disponível em: <http://dicionarios.bbm.usp.br/en/diccionario/2/virtude>. Acesso em: 8 out. 2018, p. 857.

²⁰¹ J. Educação da mulher. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes e theatros, Rio de Janeiro, n.7, p. 54, 13 fev. 1853.

²⁰² A MULHER perante Deus e o mundo. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e crítica, Rio de Janeiro, n. 36, p. 76, 5 set. 1852.

elevaria a mulher na sua divina missão. A religiosidade direcionaria as suas condutas. E, em consonância com essa concepção, Maria era o parâmetro de mulher exemplar. No catolicismo, a mulher foi representada a partir da construção da dicotomia entre Eva e Maria. A primeira, desobediente aos mandamentos de Deus, foi identificada como a que trouxe danos para a raça humana. A segunda, através da obediência e da pureza, é apresentada como aquela que “reabilitou a mulher como ser puro e respeitável”,²⁰³ tornando-se o modelo em relação ao qual as jovens deveriam estabelecer as suas vidas.

A figura de Maria também estava associada ao arquétipo de mãe exemplar. Em texto publicado no *Jornal das Senhoras*, as qualidades maternais de Maria, como a atenção, os cuidados e as carícias que ela ofereceu a Jesus, foram tidas por “inimitáveis”. Além disso, a sua valorização estava pautada no fato de tê-lo trazido ao mundo, pois se considerava que Jesus foi quem constituiu verdadeiramente a mulher.²⁰⁴ O jornal argumentava que, no decorrer da história, o egoísmo do homem teria sufocado a efetivação do destino da mulher, qual seja, o de guiar as ações do ser humano para a formação do seu caráter, ao vê-la apenas como um instrumento “que servia à reprodução”.²⁰⁵ O nascimento de Jesus, porém, mudaria os fatos. Utilizando a imagem de Cristo, o jornal aponta que foi a partir D’Ele que houve uma transformação na forma de se pensar sobre o valor, a sabedoria e a inteligência da mulher, sendo Ele o responsável pela sua “reabilitação”:

E Cristo que havia apresentado Sua Mãe como o tipo das mulheres, para quem Ele tivera sempre o amor de um santo Filho, queria que a *mulher* fosse tida e avaliada na humanidade como um ente privilegiado.

[...]

A sabedoria de Jesus-Cristo tinha mostrado para que havia sido criada a mulher, a quem se deveria sempre ligar a ideia do amor.²⁰⁶

Diante desta concepção, reabilitada a mulher através do cristianismo, ela se tornaria a fonte de inspiração da humanidade. Seus direitos, ao serem restabelecidos, levariam à valorização da sua influência no lar e na sociedade:

Nasceu Jesus Cristo.
Foi uma estrela em noite caliginosa!
Foram os olhos que se abriram à luz!
Foram as trevas que se dissiparam!

²⁰³ REIS, 2000, p. 81.

²⁰⁴ A MULHER perante Deus e o mundo. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e crítica, Rio de Janeiro, n. 39, p. 99, 26 set. 1852.

²⁰⁵ A MULHER perante Deus e o mundo. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e crítica, Rio de Janeiro, n. 37, p. 83, 12 set. 1852.

²⁰⁶ A MULHER perante Deus e o mundo. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e crítica, Rio de Janeiro, n. 40, p. 106-107, 3 out. 1852.

Foi a luz que se irradiou por todo o universo.

O cristianismo reabilitou a mulher.

[...]

A conversão ao cristianismo é a regeneração da humanidade, porque o cristianismo é a morte do egoísmo.²⁰⁷

A concepção do cristianismo como regenerador da humanidade e de Maria como o ideal de mulher foi estimulada pela Igreja Católica, no Brasil do século XIX. Reis informa que, na Bahia oitocentista, alguns representantes da instituição, ao discutirem a educação feminina, incentivavam a devoção mariana, enfatizando o valor de Maria por ter “redimido o erro de Eva”. Além disto, consideravam o cristianismo como o “restituidor” da dignidade da mulher. A autora faz menção a D. Romualdo Antônio de Seixas, arcebispo baiano, como um dos que compartilharam essa concepção.²⁰⁸ Havia uma preocupação da Igreja e de seus defensores em direcionar a conduta das mulheres através da doutrina católica, e essa maneira de reverenciar Maria e o cristianismo representou esse controle.

Quando as redatoras do *Jornal das Senhoras* publicavam textos com temáticas relacionadas à religião, influenciadas, sobretudo, por essa visão a respeito de Maria, buscavam assegurar que a devoção constituía uma das virtudes da mulher. A relevância das práticas religiosas, para essas mulheres, levou ao amplo incentivo do seu exercício através do jornal:

Como não é sublime e singular uma mulher cheia de instrução e da religiosidade que lhe é sempre natural, no exercício das suas sagradas funções de esposa e mãe! Ela educa e forma o homem, o homem apenas cuida depois na continuação daquilo que a mulher organizou.²⁰⁹

Considerando que o papel da mulher-mãe era direcionar as ações dos filhos, era considerada dela a responsabilidade de gravar em seu ser a importância da vida cristã. Cuidá-los de maneira “piedosa”, desde o seu nascimento, “rogando” a Deus que os abençoasse, eram atitudes que, de acordo com o jornal, os tornariam, futuramente, “pai[s] querido[s] e esposo[s] extremoso[s]”.²¹⁰ O texto “O amor materno” serve de exemplo para mostrar a influência da mãe “verdadeiramente cristã”. Conta a história que uma mulher, felicitada pela criação dos seus filhos, é questionada sobre os meios que usara para instruí-los, ao passo que a sua resposta evidenciou que não havia um só momento em que a devoção não estivesse presente

²⁰⁷ J. Educação da mulher. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes e theatros, Rio de Janeiro, n.7, p. 54, 13 fev. 1853. [grifo nosso]

²⁰⁸ REIS, 2000, p. 83-86.

²⁰⁹ A MULHER perante Deus e o mundo. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e crítica, Rio de Janeiro, n. 40, p. 106, 3 out. 1852.

²¹⁰ O AMOR materno. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e crítica, Rio de Janeiro, n. 32, p. 45, 8 ago. 1852.

nas suas ações. Quando amamentava, pedia a Deus que lhe concedesse a graça de fazê-los “herdeiros do céu”; quando os vestia pela manhã, suplicava para que, um dia, eles fossem revestidos “com o manto da justiça de Cristo”; ao lhes preparar a refeição, orava para que eles recebessem em suas almas “o pão do Céu”; ao irem à igreja, rogava a Deus que os “santificassem, para se tornarem os templos do Espírito Santo”; quando as crianças iam à escola, orava por proteção sobre a inocência deles; e chegada a noite, pedia silenciosamente ao Criador que os abençoasse.²¹¹

O *Jornal das Senhoras* pretendeu mostrar que as atitudes da mãe deixavam marcas nos filhos, e os seus conselhos seriam por eles sempre lembrados. Tendo em vista que era ela quem lhes dirigia “as primeiras impressões”, as suas palavras eram recebidas com confiança. Portanto, conforme o espírito da criança fosse se desenvolvendo, a mãe deveria instruí-los com bons preceitos. A expressão “minha mãe o disse” era “um argumento suficiente para convencer o menino das mais importantes verdades”. Em contraposição, haveria consequências negativas para o filho que não tivesse a educação baseada nos princípios cristãos: “[se] o espírito só de loucuras e erros for nutrido, essa criatura tão preciosa crescerá na ignorância de Deus e do caminho que conduz à vida eterna”.²¹²

Em meados do século XIX, houve na Bahia uma intensificação dos discursos de que a “vida mundana” causava prejuízos para a religião e para os bons costumes.²¹³ A crítica se deu mediante o crescimento das sociabilidades e a mudança no comportamento das pessoas, tendo em vista o “ideal de civilidade” proposto no período. A concepção de que esses fatores influenciavam a conduta das mulheres e as suas práticas religiosas levou representantes da Igreja, bem como periódicos baianos, a reprovarem a maneira como algumas senhoras se vestiam para irem à igreja e às festas religiosas, além de considerarem os bailes e teatros “perigosos” para o seu caráter, por serem ambientes que acentuavam a vaidade.

No Rio de Janeiro, o próprio *Jornal das Senhoras* traz evidências de que esse controle também existia. Em nota publicada, Violante Atabalipa fez menção a uma pastoral, em que o Bispo solicitava reverência de “todos os fieis cristãos do império”, e que observassem a ida à igreja aos domingos. Essa atitude sugere que poderia estar havendo uma redução da frequência nos templos. A redatora, por considerar a devoção essencial na vida da mulher, pediu que as leitoras do jornal se aproximassem mais da Igreja, com a finalidade de cooperarem com a instituição na execução do “verdadeiro culto”, através dos “ardentes votos

²¹¹ O AMOR materno. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e crítica, Rio de Janeiro, n. 32, p. 43-44, 8 ago. 1852.

²¹² Ibid, p. 44.

²¹³ REIS, 2000, p. 86-91.

de mãe, de amiga, de esposa”. Violante enfatizou, ainda, que uma mãe que guiasse os filhos no caminho do respeito a Deus estaria direcionando-os para uma boa posteridade, e essa atitude a tornaria abençoada. Afirma:

Convencidas estamos que só esta [a religião] é a base sobre a qual o edifício social se poderá erguer e sustentar-se inabalável, de cujo poder nascerão bons filhos, bons cidadãos, bons pais e bons maridos, exultamos de prazer vendo para esse fim começados os primeiros passos da igreja, que os acompanharemos com as nossas débeis forças.²¹⁴

Ao postular que as mulheres seguissem os preceitos cristãos, o jornal estava propondo que, ainda na infância, as meninas deveriam ter na sua educação uma sólida formação religiosa, a qual traria como benefício último o desenvolvimento do caráter dos homens. Pode-se observar, na citação acima, que ao tratar da importância da religião, a redatora faz uso somente de palavras no masculino – filhos, cidadãos, pais, maridos –, transmitindo a ideia, já referida neste capítulo, de que a mulher estaria cumprindo o seu papel de guia da humanidade quando fosse capaz de imprimir bons princípios nos homens.

Para enfatizar o valor do cultivo da virtude, o *Jornal das Senhoras* publicou textos extraídos do periódico *Ilustração Brasileira*, alguns deles escritos por religiosos e por membros das elites governantes (ministro, senador, general, barão e visconde), em que eram abordados certos atributos tidos como imprescindíveis nas mulheres. Essa não foi a primeira vez que as redadoras do jornal lançaram mão de textos escritos por homens para validar suas ideias. Os escritos reproduzidos foram qualificados como “lindos”, “judiciosos” e “sublimes”, “derivados de penas [...] hábeis e abalizadas”.²¹⁵ Dentre essas produções, o jornal cita poema que reforça a vinculação da virtude nas mulheres com a fé cristã:

Queres que a estrela
Se te não mude,
Toda esperança
Põe na virtude.

Sopro Divino
Trouxe-te a vida;
Volve com ele,
Filha querida.

Coluna d’oiro
Aos céus erguida
Seja o emblema

²¹⁴ O JORNAL das senhoras. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e crítica, Rio de Janeiro, n. 29, p. 17, 18 jul. 1852.

²¹⁵ **Jornal das Senhoras**: jornal da boa companhia - Modas, litteratura, bellas-artes e theatros, Rio de Janeiro, n. 45, p. 354, 5 nov. 1854.

Da tua vida.

Com ela subas
A Deus no amor
A dar-lhe d'alma
Todo o primor.

Não penses sem Fé,
Não queiras sem Esperança
Não ames sem Caridade.²¹⁶

Outro texto ressalta a necessidade de empenho para manter viva a virtude. A ideia de que ela proporcionava alegria à vida, além de trazer resignação e consolação nos momentos de aflição, foi usada como meio de persuasão da importância do seu cultivo, desde a juventude. Mais uma vez emerge a ideia de que, sendo a virtude valiosa para o sexo feminino, as mães deviam preparar as filhas para nutrirem essa característica:

A virtude é o ornamento mais precioso de uma senhora: os dotes naturais, as graças, as honras, as riquezas e as mesmas considerações sociais, sem ela, são como o clarão fugitivo do relâmpago. Feliz quem a cultiva; ela só é que nos pode dar a doçura de uma boa consciência, formar um bom natural, e conservá-lo puro para Deus.

[...]

Sede solícita no seu cultivo: sei que é a melhor flor do jardim da vossa mocidade, não a deixeis murchar.²¹⁷

Como já foi observado, em muitos momentos era no papel de mãe que a influência da mulher sobre a vida do homem era destacada no *Jornal das Senhoras*. Mas o periódico também tratou das funções específicas da “mulher esposa” e da “mulher irmã”. O texto “Influência da educação da mulher sobre a vida do homem” aborda esses pontos, argumentando que:

É a mulher, representando neste mundo os mais nobres e interessantes papeis – de Mãe, – de Esposa, – e de Irmã, – a companheira inseparável do homem em todas as fases desse tirocínio, que se chama vida.

[...]

Em nenhuma época de sua peregrinação por este páramo de misérias, o homem pode prescindir da mulher, e deixar de reclamar sua presença, sempre doce e carinhosa, sempre consoladora e benigna, sempre cheia de ternura e de prazer!²¹⁸

²¹⁶ COELHO, Francisco Ramiro de Assis. **Jornal das Senhoras**: jornal da boa companhia - Modas, litteratura, bellas-artes e theatros, Rio de Janeiro, n. 45, p. 355, 5 nov. 1854.

²¹⁷ SILVEIRA, Manoel Joaquim da. Bispo do Maranhão. **Jornal das Senhoras**: jornal da boa companhia - Modas, litteratura, bellas-artes e theatros, Rio de Janeiro, n. 45, p. 355, 5 nov. 1854.

²¹⁸ Ph. A. Influência da educação da mulher sobre a vida do homem. **Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e crítica, Rio de Janeiro, n. 10, p. 73, 6 mar. 1853.

O primeiro papel, o de mãe, que teria início com o nascimento do filho, promoveria importantes mudanças em seu ser. Ela deixaria de ser a mulher de antes, a “virgem tímida e delicada”, para se tornar “animosa e forte, capaz de sacrifícios e de heroísmo, por amor de seu querido filhinho”. A maternidade é apontada como o divisor de águas a partir do qual a mulher passaria a exercer a grandiosa função de “direcionadora da humanidade”. O texto afirma que, em uma primeira etapa, a da infância do filho, toda a vida dele depende apenas da mãe. O intelecto da criança vai se desenvolvendo com base no que ela lhe ensina, nas suas influências, até a chegada do tempo em que o filho já tivesse obtido instrução suficiente para a sua “emancipação”, ou seja, quando ele já não mais necessitasse dos cuidados maternos. No entanto,

Aqueles primeiras ideias, [...] aquelas primeiras impressões, que ele recebera, servindo-lhe de base para o aperfeiçoamento de suas faculdades, intelectuais e morais, jamais se extinguirão nele. Todos os atos de sua vida se ressentirão dessa primeira educação; todas as noções, mais ou menos obscuras, que então bebera no seio maternal, ficarão gravadas em sua alma para nunca mais se apagarem; todas aquelas impressões da infância, estampadas em seu tenro coração, o tempo não as extinguirá jamais.²¹⁹

A concepção transmitida é a de que as atitudes futuras do filho já homem, seja para o bem ou para o mal, teriam, em grande medida, influência da educação dada por sua mãe. Não foi sem razão que Joanna Manso, quando tratou dos direitos da emancipação moral e intelectual, considerou que era encargo das mães retirar dos filhos a ideia de superioridade em relação às mulheres. E, para que esta mãe pudesse transmitir boas influências ao seu filho, ela precisaria, primeiramente, ter consciência de que ser mãe não correspondia simplesmente a um estado, mas, sobretudo, ao cumprimento de um propósito dado por Deus. Para tanto, necessitaria nutrir, também, a pureza e a retidão em suas próprias ações:

A mulher deve ter consciência de si, e de sua alta missão, para devidamente preenche-la; pois dela depende a educação moral do homem; **seu coração deve ser puro, como a florzinha do campo; seu espírito deve ser reto e esclarecido**; para que ela seja o anjo da terra, ante quem todos tributarão respeito e veneração, gratidão e amor.²²⁰

Por outro lado, o texto argumenta que, chegado o tempo em que o homem, emancipado, deixa os cuidados maternos e sai para o “mundo”, ainda que as instruções por ele recebidas na infância fossem significativas, elas não seriam suficientes em sua totalidade.

²¹⁹ Ph. A. Influência da educação da mulher sobre a vida do homem. **Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e crítica, Rio de Janeiro, n. 10, p. 74, 6 mar. 1853.

²²⁰ Ibid, loc. cit. [grifo nosso]

Seriam significativas porque, se lhe foi ensinado a discernir o bem do mal, a seguir pelo caminho da justiça e sua alma foi “ornada de virtudes”, ele saberá “afrontar *o tropel das paixões*, assoberbar as tentações do vício, fechar os olhos ao crime, e seguir”. Mas não seriam suficientes de todo tendo em vista que o homem estaria no mundo rodeado de desejos intensos, “onde as seduções apresentam-se a cada passo, cheias de todo o seu esplendor mentido, para embriagar os sentidos, desvairar a razão, e perturbar o espírito”. De acordo com o texto, é nesse exato momento que Deus, movido por piedade para com o homem, coloca na vida dele aquela que nortearia a sua direção, numa espécie de continuidade ao que a mãe havia começado:

É a esposa, terna e virtuosa, qual anjo de consolação, quem agora tem de guiar e conduzir o homem no caminho da vida; é o conselheiro fiel, o amigo sincero e devotado, que no peito lhe vaza a ternura, e a consolação na alma.²²¹

Para a mulher-esposa, também eram exigidas qualidades: seu coração deveria ser “nobre” e “sensível”, seu espírito “ilustrado” e a alma “cheia de virtudes”. Apenas aquela que possuía essas características poderia cumprir a “missão celeste” de direcionar a vida do homem, livrando-o do “abismo, inspirando-lhe o amor do que é justo, e o horror do que é crime”. Se porventura esse homem, no decorrer dos seus dias, se deparasse com a orfandade ou a viuvez, ele ainda teria quem o socorresse. Alguém que, além de continuar livrando-o do caminho do erro, seria a fonte de apoio para as suas dores: a mulher-irmã.

É ela, quem, muitas vezes, tão dignamente preenche todo esse vazio imenso, já com sua piedosa consolação; já com o doce recordar dos dias passados, em que ambos, descuidosos do porvir, se sorriam à uma carinhosa mãe!
[...]
Quis Deus ainda, que ele encontrasse mais esse oásis no decorrer de seus dias, como o viajor o encontra no decurso de sua peregrinação pelas areias do deserto.²²²

Para cumprir o que lhe cabia, a irmã deveria ser “sensível, terna, virtuosa, toda candura e inocência” e de “alma esclarecida”. Possuir essas características demonstrava sua aptidão para oferecer ao homem conforto, esperança e renovação da fé. Após a instrução recebida da mãe e o direcionamento das ações pela esposa, o homem permanecia sendo amparado pela mulher: a irmã influenciaria sua vida para o bem, por meio de sábios conselhos.

²²¹ Ph. A. Influência da educação da mulher sobre a vida do homem. **Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e crítica, Rio de Janeiro, n. 10, p. 74, 6 mar. 1853.

²²² *Ibid.*, p. 75.

Demonstrar para a mulher que, não importava o papel por ela representado, se mãe, esposa ou irmã, a sua presença seria constante na vida do homem, se tornou uma das incumbências do *Jornal das Senhoras*. Apresentá-la como a portadora da “sagrada missão” de guiar o ser humano para o mais alto e verdadeiro caminho reforçou a necessidade da valorização dos atributos que a tornariam completamente virtuosa. A missão ela já possuía, pois havia sido dada por Deus. Bastaria o conhecimento desse seu papel e a prática das boas ações. E isso o jornal se encarregou de fornecer, através de vários dos conteúdos veiculados:

Mulher! que sublime e majestosa que és, quando compreendes tua missão e sabes desempenhá-la nobre e dignamente! Oh! todos te olham repassados de gratidão e respeito; abençoada por todos, és chamada o anjo da terra, que Deus nos dera para agorentar e suavizar o martírio da peregrinação amargurada por esse vale de padecimentos!

Patrícias! ó minhas patrícias! sede todas assim.²²³

Os artigos publicados também indicam a intenção de convencer os homens de que necessitavam das mulheres por toda a existência; de convencê-los de que elas eram a força motora da humanidade. Os textos que buscavam definir a mulher virtuosa relacionavam-se aos que reivindicavam a sua emancipação moral e intelectual. Incutir nos homens que a missão da mulher tinha como finalidade última o benefício de todos era uma maneira de mostrar que, para que esse fim fosse alcançado, ela necessitava ser bem formada. Para as redatoras e colaboradoras do jornal, a aceitação de que a mulher possuía um nobre papel traria proveito geral. Plena de virtudes e conhecimento, ela estaria qualificada para cumprir tal missão.

4.2 LIÇÕES DE CONDUTA ATRAVÉS DAS NARRATIVAS SERIADAS

Entre os conteúdos divulgados no *Jornal das Senhoras*, que tratavam do comportamento das mulheres em sociedade, estavam os apresentados mediante textos fictícios, alguns em formato de folhetim. Esses escritos parecem ter tido o objetivo de atrair e prender a atenção das leitoras, sobretudo porque as histórias eram publicadas semanalmente em partes.

²²³ Ph. A. Influência da educação da mulher sobre a vida do homem. **Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e crítica, Rio de Janeiro, n. 10, p. 74, 6 mar. 1853. [grifo nosso]

O termo “folhetim” tem sua origem no século XIX, na França, e foi usado, inicialmente, para falar de um lugar específico no jornal, o rodapé, espaço que tinha por finalidade o entretenimento. Segundo Marlyse Meyer,

Aquele espaço vale-tudo suscita todas as formas e modalidades de diversão escrita: nele se contam piadas, se fala de crimes e de monstros, se propõem charadas, se oferecem receitas de cozinha ou de beleza; aberto às novidades, nele se criticam as últimas peças, os livros recém-saídos [...]. E, numa época em que a ficção está na crista da onda, é o espaço onde se pode treinar a narrativa, onde se aceitam mestres e noviços do gênero, histórias curtas ou menos curtas e adota-se a moda inglesa de publicações em série se houver mais textos e menos colunas.²²⁴

Esse espaço onde, inicialmente, eram veiculadas variedades, passou a ser dedicado à publicação de textos de ficção, em especial de escritores iniciantes, de maneira seriada, dando início à chamada fase do folhetim-romance. Esse formato atraía a atenção dos leitores, ao gerar expectativas sobre a continuação das histórias marradas. Meyer faz referência ao folhetim-romance como “filé mignon do jornal”, tendo em vista sua importância na conquista dos assinantes.²²⁵

O sucesso do gênero folhetinesco cruzou os mares e alcançou outros países, inclusive o Brasil. Aqui, o precursor na sua publicação foi o *Jornal do Comercio*, no ano de 1838.²²⁶ Mas não demorou muito para que os demais jornais da corte e os das províncias inserissem esse modelo de narrativa em suas páginas. A princípio, os textos publicados nos jornais brasileiros eram, em sua maioria, tradução de romances-folhetins de autores franceses, dentre os quais se destacaram Alexandre Dumas e Eugène Sue, duas grandes referências para os escritores que quiseram enveredar pela escrita seriada. Progressivamente, autores brasileiros passaram a produzir eles mesmos esse tipo de escrita, tendo aí uma grande oportunidade para divulgar suas obras.

No *Jornal das Senhoras*, desde a sua inauguração, foram publicadas obras que tiveram por base o modelo folhetinesco. Alguns com maior extensão que outros esses textos foram amplamente publicados no periódico, chegando a ocupar de cinco a seis páginas. No jornal, os romances não eram veiculados no rodapé, como o eram quando do início do folhetim.

O primeiro romance-folhetim publicado no jornal foi “*Misterios del Plata*”, de autoria de Joanna Manso, o qual circulou no período de primeiro de janeiro a quatro de julho

²²⁴ MEYER, Marlyse. **Folhetim:** uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 57-58.

²²⁵ Ibid, p. 59.

²²⁶ Ibid, p. 32.

de 1852. O subtítulo “Romance histórico contemporâneo” remetia a características da narrativa, que tratava da história da Argentina, durante o período ditatorial de Juan Manuel de Rosas. Na introdução, Joanna expôs a sua intenção ao escrever o romance:

Não foi por servil imitação aos mistérios de Paris, e ao de Londres, que chamei a este romance *Mistérios del Plata*.
 Chamei-o assim, porque considero que as atrocidades de Rosas, e os sofrimentos de suas vítimas, serão um mistério para as gerações vindouras, apesar de tudo quanto contra ele se tem escrito.
 Mais poderoso que seus inimigos, seus escritores assalariados contrabalançam o brado dos contrários do tirano; e outras vezes esses mesmos escritos, comprados pelos seus agentes, são aniquilados.
 Este mesmo risco corremos nós; porém que fazer? É necessário resolvermos a tudo, além de que se a nascente literatura da nossa América for sempre buscar seus tipos na velha Europa, nunca teremos literatura americana, nem literatura nacional.²²⁷

Provavelmente, Joanna se propôs a justificar a escolha do título do seu romance devido ao famoso precursor “*Mistérios de Paris*”, de Eugène Sue, traduzido para o português por Joaquim José da Rocha e publicado pela primeira vez em terras brasileiras no *Jornal do Comércio*, a partir de primeiro de setembro de 1844.²²⁸ No Brasil, o sucesso francês levou escritores nacionais a não apenas imitarem o gênero folhetinesco, mas também a darem títulos semelhantes às suas produções. Constituem exemplos *Os mistérios da roça*, de Vicente Félix de Castro;²²⁹ *Os mistérios da Tijuca*, de Aluísio Azevedo;²³⁰ *Os mistérios da rua da Aurora* e *Mistérios do Recife*, do escritor pernambucano Carneiro Vilela.²³¹

O *Mistérios del Plata* circulou no *Jornal das Senhoras* no período de seis meses, apenas enquanto Joanna esteve na direção. Com a mudança de redatora, outros títulos ganharam espaço. Dentre esses, alguns tiveram suas histórias contadas por várias semanas e meses, mas outros tiveram duração mais curta, de apenas duas semanas. Certas obras parecem ter sido publicadas de maneira seriada mediante corte das próprias redadoras, apenas seguindo o formato “continua”, tendo em vista o sucesso de público que a expectativa da continuidade da história provocava, e não pelo fato de terem sido originalmente redigidos como romances-folhetim.

Sob a direção de Violante Atabalipa de Bivar foram publicados *Novela moral – A Verdade e a Mentira* (11/07 e 18/07/1852), traduzido do italiano por D. J. B; *Karolina, novela*

²²⁷ MISTERIOS del Plata: Romance histórico contemporâneo. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica, Rio de Janeiro, n. 01, p. 6-7, 1 jan. 1852.

²²⁸ MEYER, 1996, p. 283.

²²⁹ Ibid, p. 304.

²³⁰ Ibid, p. 306.

²³¹ Ibid, p. 310.

polaca do XIX século (22/08/1852 a 13/02/1853), de Olympio Chodzko e traduzido do francês pela própria Violante; *O protetor – romance contemporâneo* (26/09 a 10/10/1852); *Livro de Julia – fragmentos* (05/12/1852 a 06/02/1853); *Um cobarde* (20/02 a 06/03/1853); e *Julia de Fenestranges* (13/03 a 03/04/1853).

No período em que Gervásia Neves atuou como redatora foram publicados *O profeta Carmelo – noveleta* (12 a 26/06/1853); o primeiro volume de *A Dama das Camélias* (03/07 a 14/08/1853), importante obra de Alexandre Dumas Filho; *A confissão de um suicida* (21/08 a 04/09/1853); *Um amor de mulher* (28/08/1853 a 09/04/1854); *Uma só paixão e dois casamentos por amor* (30/10 e 06/11/1853); *A desditosa* (05/02 a 05/03/1854), de Demetrio Acacio Fernandes da Cruz; *Miranda de Aragão – história da inquisição* (07/05 a 11/06/1854); *A encarcerada de Newgate* (09 e 16/07/1854); *Amor, ciúme e vingança – novela brasileira* (23/07 a 06/08/1854), de Pereira da Silva; *A rosa do sepulcro* (13/08 a 17/09/1854), de D. M. de O. Quintana; *A jarra quebrada* (24/09 e 01/10/1854); *O último amor* (26/11 a 31/12/1854), de Lopes de Mendonça; *Jarilla* (14/01 a 23/09/1855), de Carolina Coronado; *O condescendente* (04/03 a 08/04/1855); *Um suicídio por amor* (06/05 a 27/05/1855); *Os pupilos da guarda* (15/07 a 12/08/1855); *A promessa cumprida, ou o sonho realizado* (30/09 a 04/11/1855); e, por fim, *O pobre Matheus* (30/09 a 30/12/1855).

Episódio envolvendo a publicação de *A Dama das Camélias* é relevante como evidência do posicionamento do *Jornal das Senhoras* com respeito a questões relativas à moral. Quando do início da publicação da obra, em comunicado, Gervásia informou aos leitores que ela só seria veiculada porque algumas das suas partes haviam sido suprimidas, se adequando, portanto, à proposta do jornal:

Encetamos hoje a publicação do romance do Sr. Dumas Filho, intitulado – A DAMA DAS CAMÉLIAS.

Por vezes trepidamos em dar publicidade a este romance na língua vernácula, porque, sendo a obra escrita *dissolutamente*, nos pareceu que a sua versão transgrediria os preceitos que nos temos imposto na escolha dos artigos, que saem a lume neste jornal, mas, tendo a pessoa que nos ofereceu a presente versão feito habilmente alguns cortes e supressões nele, nos resolvemos a admiti-lo assim nas colunas do JORNAL DAS SENHORAS.²³²

Após o encerramento da publicação do primeiro volume,²³³ a redatora informou que um “incidente” teria impossibilitado, naquele momento, a continuação do romance, mas que,

²³² **Jornal das Senhoras:** modas, litteratura, bellas-artes, theatros e crítica, Rio de Janeiro, n. 27, p. 210, 3 jul. 1853.

²³³ **Jornal das Senhoras:** modas, litteratura, bellas-artes, theatros e crítica, Rio de Janeiro, n. 34, p. 266, 21 ago. 1853.

tão logo fosse resolvido, o jornal apresentaria o segundo volume. Isto, porém, não ocorreu, e o assunto não voltou a ser tocado nas páginas do jornal.

No século XIX, um dos principais critérios de avaliação da literatura foi o moral. O entendimento de que os textos literários influenciavam o comportamento de quem os lia levou à crítica de muitas obras. Na França, por exemplo, escritores foram processados sob acusação de que seus textos ofendiam a moral pública e religiosa. Os romances eram considerados uma das principais formas de literatura a serem temidas, sobretudo quando lidos por “mulheres, jovens e membros das camadas populares”, pois esses grupos eram tidos como “mais vulneráveis à influência da literatura; representavam [...] um perigo maior se se deixassem influenciar pelo que liam”.

No que diz respeito às mulheres, especificamente, os romances lhes eram perigosos mediante o entendimento de que eram

Mais voltadas à fantasia e à imaginação e, por isso, mais influenciáveis, portanto mais vulneráveis aos efeitos da leitura. Temia-se que, enlevadas pelas leituras romanescas, as mulheres viessem a desviar-se da função que a sociedade lhes reservava, o que interferiria na vida familiar e, conseqüentemente, na esfera social.²³⁴

A compreensão de que as narrativas dos romances tinham o poder de influenciar os leitores também existiu entre diversos críticos no Brasil, tanto no concernente aos romances estrangeiros que começaram a circular no país, quanto no que se refere aos nacionais. O parâmetro para a avaliação desses últimos também foi a moral.²³⁵ Em verdade, desde a fase inicial da imprensa no Brasil, conforme abordado na introdução deste trabalho, a legislação já apontava que os textos não deveriam subverter a ordem pública, a moral e os bons costumes. Andréa Müller pontua que o termo “moral pública” não tinha um sentido bem definido, nem no discurso jurídico, nem no discurso dos críticos literários. Entre os “homens de letras”, enquanto alguns usavam o termo para se referirem “estritamente a situações ligadas ao comportamento sexual e às relações conjugais e familiares, outros estendiam-no a questões políticas”.²³⁶

Interessa aqui a visão que se tinha dos romances como influenciadores do comportamento das mulheres. Müller traz, como exemplo, o ponto de vista também

²³⁴ MÜLLER, Andréa Correa Paraiso. Moral e arte literária no século XIX: o romance sob suspeita. **Polifonia**, v. 20, n. 28, p. 101-131, Cuiabá (MT), jul/dez. 2013. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/1670>. Acesso em: 16 out. 2018, p. 103-107, citações p. 106-107.

²³⁵ *Ibid*, p. 118-119.

²³⁶ *Ibid*, p. 105.

compartilhado pelo padre brasileiro Lopes Gama, fundador do periódico *O Carapuceiro* (1832-1842), de que os romances provocavam nas mulheres “o afastamento das tarefas domésticas e as ideias imorais advindas dos exemplos perniciosos”.²³⁷

Meyer²³⁸ destaca que jornais fundados e dirigidos por mulheres no Brasil, que possuíam “veleidades militantes”, como o incentivo à emancipação da tirania dos maridos, a valorização do trabalho e da autonomia da mulher, compreenderam que os romances e folhetins eram de utilidade na formação pretendida, que tinha por principal característica a ilustração. Entre os periódicos citados pela autora está *O Jornal das Senhoras*. Isto não significa que essa imprensa organizada por mulheres desconsiderava o fato de que os enredos das obras tinham capacidade de influenciar quem os lia. Os romances publicados no *Jornal das Senhoras* analisados nesta seção evidenciam que as editoras selecionaram para publicação aqueles que correspondiam à proposta do jornal, e questões morais também tiveram influência na escolha das obras.

Uma temática comum a grande parte dos romances publicados no jornal é a relação entre homem e mulher. Ainda que fictícios, os enredos não deixavam de demonstrar que havia posturas apropriadas para ambos, com maior enfoque, porém, nas da mulher. Tendo em vista que o jornal era dedicado ao público feminino e diante das características apresentadas para a formação da sua conduta, trazemos para análise alguns textos que tratavam desse relacionamento.

Nosso objetivo não é analisar todas as obras publicadas no jornal, mas apenas complementar a discussão da “mulher virtuosa” feita no tópico anterior. *Karolina, novela polaca do XIX século*, é um dos romances que aborda, de maneira bastante incisiva, a postura da mulher. O romance tem início com o casamento da protagonista, jovem de 18 anos, com o conde Leão, de 25. Era uma união planejada há muito pelas famílias, sem ter havido a preocupação de saber se este era o desejo dos noivos. O decorrer da história vai mostrar que não foi a vontade de Leão casar-se com Karolina: a demora em chegar para o matrimônio, a expressão de melancolia em seu rosto, o desprezo com que tratou a moça por um longo período após estarem casados e a confissão de que ele amava outra mulher são, aspectos que denunciam este fato. Por conta dessas atitudes, Karolina inicialmente pensou em separar-se do marido. Mas, ao pensar mais e após pedir orientação a Deus, recordou-se das palavras do padre, de que ela pertencia a Leão até a morte.

²³⁷ MÜLLER, 2013, p. 124.

²³⁸ MEYER, 1996, p. 298.

Aqui, observa-se um aspecto importante na condução da mulher, qual seja, a religião. E esta se expressa, como em outras mensagens emitidas pelo jornal, através da valorização de Maria. A história conta que, em um momento de desespero, os olhos de Karolina encontraram a imagem de Virgem em seu quarto, a qual lhe trouxe paz:

Maria, esta rainha da inocência e da fraqueza, tinha ouvido as preces de Karolina: a resignação, este desespero das almas fortes, acudiu-lhe neste momento supremo, cheia de majestade. **A verdade da religião a penetrou com seus raios divinos, e perante a ideia do dever cederam todas as dores.**²³⁹

Foi essa influência que fez Karolina perdoar seu esposo, permanecer com ele e lhe obedecer. Se ela não conhecesse os preceitos religiosos, muito provavelmente tomaria outra decisão. A educação de Karolina havia sido, desde a infância, alicerçada nos princípios cristãos. Sua história também remete à importância da mãe na construção do caráter de suas filhas. Diz o romance que, “se Karolina não tivesse sido educada nos verdadeiros sentimentos de virtude e de piedade, sem dúvida que guerrearía o seu destino, mas sua alma, toda ela cristã, quis prender-se à virtude pelo dever”.²⁴⁰

Em “*Livro de Julia – fragmentos*”, texto supostamente escrito por um homem à sua amada, Julia, são trazidos aconselhamentos quanto às atitudes que ela deveria ter no decorrer da vida. Uma delas era o reconhecimento de que necessitava da religião, elemento fundamental para o cumprimento da missão da mulher:

Julia, a missão da mulher bela e virtuosa, como eu a entendo, é bem nobre e elevada!
Arreigar a crença, aonde não há; firmá-la aonde ela titubeia; – suste o homem à borda do abismo que lhe está aberto negreando ante seus passos; – ampará-lo, conduzi-lo, a salvo, longe do precipício que o quer tragar, metelo na senda da virtude... Oh! tanto poder só o tem as mulheres, mas as mulheres, como tu – puras e castas faíscas da Onipotência de Deus!²⁴¹

Caberia à mulher proteger o homem, afastá-lo dos perigos e conduzi-lo à virtude. Se ele agisse de maneira equivocada, caberia a ela corrigi-lo. Como ao final do romance “*Karolina*”, é dever da mulher manter-se resiliente, fiel ao esposo. É esse modo de agir que faz com que Leão percebesse o seu próprio erro e a amasse verdadeiramente. Doente e longe de Karolina, Leão, ao receber a visita da sua esposa, reconhece a vida equivocada que levava

²³⁹ KAROLINA, novela polaca do XIX século – O dia da boda. **O Jornal das Senhoras:** modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica, Rio de Janeiro, n. 35, p. 72, 29 ago. 1852. [grifo nosso]

²⁴⁰ KAROLINA, novela polaca do XIX século – As duas primeiras semanas. **O Jornal das Senhoras:** modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica, Rio de Janeiro, n. 42, p. 128, 17 out. 1852.

²⁴¹ Livro de Julia – fragmentos. **O Jornal das Senhoras:** modas, litteratura, bellas-artes, theatros e crítica, Rio de Janeiro, n. 51, p. 195, 19 dez. 1852.

até então. E Karolina, boa esposa como toda mulher deveria ser, o perdoa. Em carta dirigida à sua mãe, ela descreve o desfecho:

Leão, nas suas intermináveis conversações, confessa arrependido as suas travessuras, e eu não só as perdoou, como de mais a mais as esqueço! **Meu marido aprova hoje em todos os pontos a educação que me destes:** diz que eu possuo tudo o que pode aperfeiçoar a mulher e a mais rara natureza!²⁴²

Os romances transmitem a ideia de que a mulher instruída saberia conduzir o relacionamento dentro do lar, mesmo nos momentos de adversidade. Que era a responsável por guiar as atitudes do homem em sociedade. E que a religião deveria ser, sempre, a sua aliada: “Karolina teria sucumbido sem a religião. Divina é a religião que faz da esperança uma virtude! Karolina rezava, e sua alma pura e resignada, fortificava-se pela oração; e Deus veio em seu socorro”.²⁴³ Os enredos transmitem instruções para o comportamento das mulheres.

Ao examinar o papel educativo do periódico *O Mentor das Brasileiras*, Mônica Jinzenji argumenta que as obras publicadas nesse jornal não foram escolhidas apenas pela fácil acessibilidade, mas principalmente por sua ação pedagógica.²⁴⁴ A autora destaca a influência das concepções do redator José Alcibíades Carneiro na escolha do que seria publicado no jornal, sobretudo nas sugestões de como os textos poderiam ser interpretados e nas adaptações tipográficas e de conteúdo dessas obras. Desta forma, o redator teve por objetivo guiar as condutas do “belo-sexo”, já que o jornal era dedicado ao público feminino, através dos ensinamentos que poderiam ser extraídos dos textos.

Entre as publicações do *Mentor* que tinham função pedagógica, Jinzenji destaca as fábulas, muitas delas extraídas de livros do fabulista Fedro. A autora aponta que Fedro, ao iniciar suas fábulas, apresentava primeiramente os aspectos morais, ou seja, aquilo que podia ser apreendido do texto, para depois narrar a história. E ambos eram breves. Tendo em vista os objetivos pretendidos por Carneiro, essa ordem foi invertida no *Mentor*, iniciando com a narrativa e posteriormente com a explicação, a qual possibilitaria a “didatização do texto, em busca da aprendizagem pelo exemplo”.²⁴⁵ Como a pretensão do redator era a de relacionar as explanações das fábulas ao contexto do Brasil daquele período, ele acrescentava outras

²⁴² KAROLINA, novela polaca do XIX século. **O Jornal das Senhoras:** modas, litteratura, bellas-artes e theatros, Rio de Janeiro, n. 07, p. 55, 13 fev. 1853. [grifo nosso]

²⁴³ KAROLINA, novela polaca do XIX século. **O Jornal das Senhoras:** modas, litteratura, bellas-artes e theatros, Rio de Janeiro, n. 06, p. 43, 06 fev. 1853.

²⁴⁴ JINZENJI, 2010, p. 129.

²⁴⁵ Ibid, p. 134.

interpretações àquelas já trazidas pelo fabulista, fazendo das fábulas “parte das ‘lições de política’ e de ensinamentos morais voltados para as senhoras brasileiras”.²⁴⁶

Para Jinzenji,²⁴⁷ essa adaptação aponta para o fato de que as interpretações dos textos pelos(as) leitores(as) eram sugeridas pelo redator. Isso indica que, além das leituras serem direcionadas às senhoras, existia uma forma considerada correta de compreendê-las, que o próprio jornal oferecia. No que se refere aos textos de ficção veiculados pelo *Jornal das Senhoras*, não temos informação de que foram adaptados para corresponder ao propósito das redatoras. Em que pese a declaração de Gervásia sobre “*A Dama das Camélias*”, citada anteriormente, indicar que o romance só foi publicado após algumas supressões, permanecendo o que era entendido como “correto”, não sabemos se isto ocorreu com os demais textos. Mas pode-se inferir que os romances selecionados pelas redatoras do *Jornal das Senhoras* não o foram sem qualquer objetivo ou parâmetro. Se a pretensão era tratar da educação da mulher, os romances também deveriam colaborar para este fim.

Da mesma forma que os textos publicados expunham os atributos que as mulheres deveriam possuir, também discutiam o que não deveriam ser. “*O protetor*” é um exemplo deste aspecto. Na história, Leopoldo, um jovem de 24 anos, comprometido para se casar com sua prima Lucy para atender a aspiração paterna, está apaixonado por Celina, uma jovem que em nada se parece com Lucy, e talvez por isso o tenha atraído. Celina, sem corresponder ao sentimento do rapaz, o apresenta a um amigo, o marquês Alberto de Richemont, gerando forte ciúme em Leopoldo. Insatisfeito com a possibilidade de um concorrente, e após receber uma carta de despedida de Celina, ele marca um duelo com Alberto, do qual sai ferido. Com o coração magoado pela perda, Leopoldo ainda recebe uma correspondência de seu pai, informando que, diante da sua recusa, Lucy iria se casar com outro homem. E o noivo era nada mais nada menos que Alberto. Marcado por esses acontecimentos, Leopoldo começa a pensar em sua prima, e sua opinião sobre ela é, então, inteiramente modificada:

Até então era ele indiferente para com sua prima. Habitado a qualidades perfeitas, do amável caráter de Lucy apenas dele se lembrava. Mas eis que este tesouro, que ele desconhecia o preço, se lhe revelou tal qual era, isto é, imenso; porque ele ia lhe ser roubado, tornou-se-lhe caro, e esta imagem quase apagada tornou a colocar-se em seu espírito com um brilho tal como ela nunca tivera! Então ele lembrou-se dos brincos da infância, das doces horas de recreio, da inocente intimidade, de mil circunstâncias, que todas tinham mais encanto umas que outras. Ele chorava, gemia, injuriava-se,

²⁴⁶ JINZENJI, 2010, p. 133.

²⁴⁷ *Ibid*, p. 139.

acusava sua inépcia, sua ingratidão, e não cuidava mais que em ir morrer aos pés de Lucy implorando seu perdão.²⁴⁸

Ao chegar à casa onde seriam assinados os papéis do casamento, Leopoldo descobre que, em verdade, o nome constante não era o de Alberto, mas o seu. Era ele quem se casaria com Lucy. Sem se conter de alegria, Leopoldo percebeu que Alberto não era seu inimigo, que ele não teve interesse por Celina, nem tampouco em Lucy. Pelo contrário, estava lhe protegendo. As palavras finais de Leopoldo foram de reconhecimento: “–Vós fostes meu bom anjo, meu protetor, meu amparo!”²⁴⁹

A narrativa parece sugerir que Leopoldo foi protegido da escolha errada de se envolver com uma mulher que não possuía características “apropriadas” para o matrimônio. No início do romance, Lucy foi apontada por Leopoldo como “uma menina muito dócil, mas perfeitamente insignificante”,²⁵⁰ diferindo por completo de Celina, caracterizada no texto como:

Uma destas belezas parisienses nascidas para o baile, para o tumulto do mundo, para as festas da noite, muito mais que para os prazeres simples e a vida doméstica. Brilhar, passar rápida, deslumbradora, lançar à direita e à esquerda o fulgor de um olhar, uma palavra viva, prender corações, semear a perturbação, gozar um momento de uma conquista, depois apressar-se em empreender uma outra; eis a existência desta mocinha, que não acha mais recursos contra o aborrecível enojo, desde que quando deixa de agradar.²⁵¹

Os comportamentos de ambas as mulheres contrastavam: um trazia divertimento; o outro, segurança. No decorrer da história, mesmo que sob forte influência da paixão, Leopoldo, em um determinado momento, cai em si e começa a apreciar as qualidades de Lucy. Ao lembrar-se de sua prima, ele percebe que ela era a pessoa “certa” para um vínculo. A narrativa induz à compreensão de que mulheres com características como as de Celina eram passageiras, mas que o relacionamento com uma mulher com os atributos de Lucy traria constância e firmeza.

“*Uma só paixão e dois casamentos por amor*” aborda um dos principais atributos da mulher, qual seja, o cuidado que ela deveria exercer par com o homem.

²⁴⁸ O protetor – romance contemporâneo. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e crítica, Rio de Janeiro, n. 41, p. 118, 10 out. 1852.

²⁴⁹ Ibid, p. 119.

²⁵⁰ O protetor – romance contemporâneo. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e crítica, Rio de Janeiro, n. 39, p. 101, 26 set. 1852.

²⁵¹ Ibid, p. 100.

Conta a história do conde Alfredo e da sua paixão por Rosina, descrita como “um anjo de doçura, de beleza e de espírito”.²⁵² O pai de Rosina, embora não se alegrasse com o relacionamento da filha com Alfredo, consentiu que eles se casassem. Já casada e residindo em sua própria casa, Rosina tinha o costume de receber visitas de seu pai à noite, sem que ninguém soubesse. Foi em uma dessas visitas que Alfredo, sem saber com quem sua mulher conversava, imaginou que ela o estivesse traindo e, enraivecido, disparou um tiro, que atingiu Rosina. Ao ver a esposa ferida e percebendo o seu equívoco, Alfredo apresentou perturbações mentais, tendo que ser levado para longe da esposa. Após a recuperação de ambos, Rosina e Alfredo se reencontraram, mas algo já não era como antes: ele não a reconhecia. Por não lembrar que aquela à sua frente era sua esposa, Rosina foi apresentada a Alfredo com outro nome: Henriqueta de Lurval. Tendo em vista o encantamento de Alfredo perante essa mulher, para ele desconhecida, e diante do amor que Rosina mantinha pelo esposo, ela aceita casar-se novamente com ele, assumindo a nova identidade. Além do amor, outros sentimentos fizeram Rosina tomar essa decisão: o desejo de acompanhá-lo, de ser sua amiga e sua irmã.²⁵³

O texto é finalizado com a ideia de que Rosina compreendeu a missão que, enquanto mulher, ela tinha sobre a vida do homem – a missão de aplinar suas dores, de direcionar suas ações, trazendo-lhe conforto e preenchendo o seu vazio, missão homóloga à abordada pelo *Jornal das Senhoras* nos artigos sobre a educação e o comportamento das mulheres, discutidos anteriormente neste trabalho. Diz o texto:

Henriqueta nunca o deixa; serve-lhe de irmã, de amante e de família. Ela vê bem que a felicidade de seu marido é um sonho que a menor imprudência poderia desvanecer, e está sempre de sentinela junto dele, como um pai ao pé de seu filho. Acalenta-o docemente na sua loucura. É o anjo da guarda que o livra dos ataques mortais.²⁵⁴

Em conjunto, as narrativas apresentadas enfatizam elementos importantes da proposta das redatoras do *Jornal das Senhoras*, com vistas ao direcionamento das ações das mulheres para torná-las ilustradas, boas mães e esposas. Embora Joanna, Violante e Gervásia tenham composto o periódico com textos que melhor condiziam com seus interesses específicos, todos os atributos apresentados nas suas páginas, durante os seus quatro anos de circulação, formariam, juntos, o caráter, o intelecto e o espírito daquelas que tinham acesso ao conteúdo do jornal e condições de executar o que era por ele proposto.

²⁵² Romance – Uma só paixão e dois casamentos por amor. **Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes e theatros, Rio de Janeiro, n. 44, p. 347, 30 out. 1853.

²⁵³ Romance – Uma só paixão e dois casamentos por amor. **Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes e theatros, Rio de Janeiro, n. 45, p. 356, 06 nov. 1853.

²⁵⁴ *Ibid*, p. 357.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante seus quatro anos de existência, o *Jornal das Senhoras* teve seu conteúdo essencialmente voltado para questões educacionais. Seu objetivo central era o de transmitir ensinamentos considerados “úteis” às mulheres a quem a escrita era destinada. Neste sentido, procurava apresentar exemplos de conduta, notadamente a conduta feminina, que seriam benéficos ou prejudiciais para o bom andamento da sociedade. Isto porque, na visão das redatoras e articulistas que para ele contribuía, o progresso social se daria mediante a integridade dos homens, adquirida por meio dos ensinamentos transmitidos pelas mães desde a infância.

A principal proposta do jornal, inicialmente apresentada pela redatora e fundadora Joanna Manso, de emancipar moral e intelectualmente as mulheres, conduzia ao questionamento da ação dos homens – na posição de pai, esposo, ou qualquer condição de tutela – em relação às mulheres. Joanna fazia referência ao “egoísmo” do homem, à “tirania”, à “injustiça” e principalmente à visão que se tinha dele como “superior” à mulher. A redatora postulava que a relação entre ambos deveria ser embasada no amor, sobretudo por parte do homem, para que assim as diferenças não desejadas pudessem desaparecer.

Quando o *Jornal das Senhoras* passou a tratar de emancipação, em um contexto em que predominava a autoridade moral, e o controle da família e da propriedade pelos homens, e o assunto gerou polêmicas, a primeira redatora fez questão de esclarecer que o periódico não estava propondo a inversão dos papéis determinados socialmente para homens e mulheres. Propunha tão somente a abertura de um espaço que facultasse a estas adentrar mais o universo da escrita, o qual era majoritariamente masculino, e que a relação entre ambos os sexos não fosse de superioridade/subalternidade, mas de complementariedade.

A emancipação postulada pretendia fazer a mulher compreender melhor sua “sagrada missão” na sociedade, levada a efeito por meio da educação dada aos filhos e do suporte emocional ao marido. Assim, a partir da sua família, ela estaria influenciando todo o grupo de concidadãos.

Uma concepção recorrente, no jornal, era a de que a mulher precisava ser “ilustrada”. Ao analisarmos as características dessa ilustração, conclui-se que ela não era direcionada a todas as mulheres, mas apenas a um grupo seletivo de senhoras, com condições – econômicas e relativas ao próprio modo de vida – de pôr em prática o que o jornal propunha. Apontamos,

neste trabalho, que a divulgação do jornal foi ampla, e que o acesso ao seu conteúdo pode ter ocorrido não somente pelos assinantes, através de leitura direta, mas também mediante a audição, a partir de leituras em voz alta, ou mesmo em locais onde houvesse discussões sobre os temas veiculados. No entanto, a linguagem do jornal, os ambientes indicados e noticiados por ele para a socialização das senhoras, e também para que adquirissem os produtos recomendados, como roupas e demais acessórios, nos levaram a classificar as mulheres que o *Jornal das Senhoras* se propôs a “educar” como pertencentes às elites econômicas. Neste sentido, a emancipação, a formação moral e intelectual propostas, alcançaram apenas um grupo reduzido de mulheres.

Enquanto Joanna Manso esteve na direção do periódico, a ideia de “ilustração” estava mais associada à formação intelectual da mulher. Durante os seis meses em que esteve à frente do jornal, muitos dos textos publicados visavam “desenvolver” o intelecto. Quando da entrada de Violante Atabalipa de Bivar e mais tarde Gervásia Neves na redação, outras qualidades foram enfatizadas para o desempenho da “sagrada missão”, tratadas em parte nos textos literários publicados. As duas últimas redatoras pretenderam nutrir, em maior grau, o espírito das leitoras, com conteúdos mais voltados para as virtudes “femininas”. Neste sentido, o *Jornal das Senhoras*, fundado com a pretensão de um projeto emancipatório, que tinha por particularidade a “luta” por um espaço que as mulheres pudessem, através da própria escrita, mostrar o seu “valor intelectual”, perdeu um pouco desta característica com as duas últimas redatoras. No entanto manteve durante os quatro anos de circulação, o perfil de agente educador.

Ainda que o jornal tenha sido uma expressão de conquista para um grupo específico de mulheres, um meio para que expressassem pensamentos e anseios, possibilitando a sua participação na produção de impressos, ele também se configurou como um veículo que traçou normas de comportamento, moldou corpo, espírito e intelecto, e influenciou as ações das mulheres que constituíam o seu público, ao recomendar os valores aprovados pelas redatoras. Valores estes embasados, sobretudo, em princípios cristãos.

A reflexão sobre o que de fato denotava a ideia de emancipação proposta no jornal nos levou a concluir que este tema não foi tratado sob a mesma ótica por Joanna, Violante e Gervásia. Aquilo que Joanna apresentou como sendo a emancipação parece ter se diluído ao longo da sua trajetória. O desaparecimento dessa discussão nas suas páginas, a mudança de perspectiva de algumas seções, de um enfoque mais intelectual e crítico para um enfoque moral embasam essa conclusão. Assim, este trabalho chega ao seu final com um título em que

a expressão “a educação que emancipa”, do projeto original, foi suprimida, por ter em parte perdido sua força.

FONTES

Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (USP)

1 – Dicionários

Verbetes de Dicionário

VIRTUDE. *In*: SILVA, Antonio de Moraes. **Diccionario da lingua portugueza** - recompilado dos vocabularios impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.

Disponível em: <http://dicionarios.bbm.usp.br/en/dicionario/2/virtude>. Acesso em: 8 out. 2018.

Biblioteca Nacional Digital (BNDigital)

1 - Periódicos

Correio Mercantil (1848-1868). Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/correio-mercantil-instructivo-politico-universal/217280>. Acesso em: 25 jan. 2018.

Diario de Pernambuco (1825-1984). Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=029033&pesq=>. Acesso em: 25 jan. 2018.

Diario do Rio de Janeiro (1821-1878). Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=094170&pesq=>. Acesso em: 25 jan. 2018.

Imprensa Evangelica (1864-1892). Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/imprensa-evangelica/376582>. Acesso em: 28 jan. 2018.

Jornal do Commercio (1827-2013). Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=364568&pesq=>. Acesso em: 25 jan. 2018.

Marmota Fluminense: Jornal de Modas e Variedades (1854-1858). Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/marmota-fluminense/706914>. Acesso em: 26 jan. 2018.

O Clarim, Echo da União: Periódico Político Imparcial (1849-1852). Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/clarim/738905>. Acesso em: 26 jan. 2018.

O Dezenove de Dezembro (1854-1890). Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/Dezenove-de-Dezembro/416398>. Acesso em: 25 jan. 2018.

O Espelho Diamantino: Periódico de Política, Litteratura, Bellas Artes, Theatro e Modas – dedicado as senhoras brasileiras (1827-1828). Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/espelho-diamantino/700312>. Acesso em: 15 out. 2016.

O Jornal das Senhoras: Modas, Litteratura, Bellas-artes, Theatros e Critica (1852-1855). Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/jornal-senhoras/700096>. Acesso em: 13 ago. 2014.

O Magico (1851-1852). Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/magico/717428>. Acesso em: 20 fev. 2018.

O Mentor das Brasileiras (1829-1832). Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/mentor-das-brasileiras/778672>. Acesso em: 6 fev. 2018.

Periodico dos Pobres (1850-1871). Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/periodico-pobres/709697>. Acesso em: 26 jan. 2018.

Coleção das Leis do Império do Brasil

BRASIL. Decreto de 13 de maio de 1808. Crêa a Impressão Regia. **Colleção das Leis do Brazil de 1808**. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1891. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/doimperio/colecao1.html>. Acesso em: 11 set. 2016.

BRASIL. Decreto de 2 de março de 1821. Sobre a liberdade da imprensa. **Colleção das Leis do Brazil de 1821, parte II**. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1889. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/doimperio/colecao2.html>. Acesso em: 11 set. 2016.

BRASIL. Decreto de 18 de junho de 1822. Crêa Juizes de Facto para julgamento dos crimes de abusos de liberdade de imprensa. **Decretos, Cartas e Alvarás de 1822, parte II**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/doimperio/colecao2.html>. Acesso em: 11 set. 2016.

BRASIL. Decreto de 22 de novembro de 1823. Manda executar provisoriamente o projecto de lei da Assembleia Constituinte sobre liberdade de imprensa. **Decretos, Cartas e Alvarás de 1823, parte II**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/doimperio/colecao2.html>. Acesso em: 11 set. 2016.

BRASIL. Lei de 15 de outubro de 1827. Manda crear escolas de primeiras letras em todas as cidades, villas e logares mais populosos do Imperio. **Colleção das Leis do Imperio do Brazil de 1827, parte primeira**. Rio de Janeiro, Typographia Nacional. Disponível em:

<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/doimperio/colecao2.html>. Acesso em: 11 set. 2016.

BRASIL. Decreto n. 1.331 A de 17 de fevereiro de 1854. Approva o Regulamento para a reforma do ensino primario e secundario do Municipio da Côrte. **Collecção das Leis do Imperio do Brazil de 1854, Tomo XVII, parte II**. Rio de Janeiro, Typographia Nacional, 1854. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/doimperio/colecao5.html>. Acesso em: 11 set. 2016.

REFERÊNCIAS

BASSANEZI, Carla Beozzo. **Virando as páginas, revendo as mulheres:** revistas femininas e relações homem-mulher, 1945-1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BASTOS, Maria Helena Camara. O ensino monitorial/mútuo no Brasil (1827-1854). *In:* STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (org.). **Histórias e memórias da Educação no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

BERÇOT, Fernando Santos. O Espelho Diamantino e os exemplos de virtude feminina no Rio de Janeiro do Primeiro Reinado (1827-1828). *In:* XV Encontro Regional de História – Ofício do Historiador: Ensino e Pesquisa - ANPUH, 2012, São Gonçalo, RJ. N [Anais], p. 1-21. Disponível em: http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338382423_ARQUIVO_FernandoBercot-textocompleto.pdf. Acesso em: 11 mar. 2017.

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Mulher de papel:** a representação da mulher na imprensa feminina brasileira. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Imprensa Feminina**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

CASTRO, Luciana Martins. A contribuição de Nísia Floresta para a educação feminina: pioneirismo no Rio de Janeiro oitocentista. **Revista Outros Tempos**, v. 7, n. 10, p. 237-256, Dossiê História e Educação, 2010. Disponível em: http://www.outrostempos.uema.br/OJS/index.php/outros_tempos_uema/article/view/108. Acesso em: 12 mar. 2017.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: UNB, 1994.

CRUZ, Antonio Roberto Seixas da. SENA, Fabiana. *Correio das Modas e Novo Correio das Modas:* modos de ser mulher em Lisboa e no Rio de Janeiro do século XIX. **Revista Graphos**, vol. 14, nº 2, p. 67-80, 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/view/13486>. Acesso em: 06 ago. 2018.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. *In:* PRIORE, Mary Del (org); BASSANEZI, Carla (coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed, São Paulo: Contexto, 2017.

DOURADO, Tatiana Maria. A revista “As Variedades ou Ensaios de Literatura” e os primeiros indícios de jornalismo especializado. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 2, n. 2, p. 223-229, Porto Alegre / São Paulo: Alcar / Socicom, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://www.ojs.ufpi.br/index.php/rbhm/issue/view/225/showToc>. Acesso em: 04 fev. 2018.

DUARTE, Constância Lima. Nísia Floresta e a educação feminina no século XIX. *In*: LÔBO, Yolanda; FARIA, Lia (org.); MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello [et al.]. **Vozes femininas do Império e da República**. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008.

HAHNER, June E. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

HAHNER, June Edith. **Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil. 1850-1940**. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

HAHNER, June E. Honra e distinção das famílias. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). **Nova História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012.

J. Educação da mulher. O **Jornal das Senhoras: modas, litteratura, bellas-artes e theatros**. Rio de Janeiro, n. 7, p. 53, 13 fev. 1853.

JINZENJI, Mônica Yumi. **Cultura impressa e educação da mulher no século XIX**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

LEMOS, Valéria Pinto (Organização e indexação). **Os exames censórios do Conservatório Dramático Brasileiro: inventário analítico**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2014. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/producao/publicacoes/exames-censorios-conservatorio-dramatico-brasileiro>. Acesso em: 24 jan. 2018.

LEONEL, João. O jornal Imprensa Evangélica e a formação do leitor protestante brasileiro no século XIX. **Protestantismo em Revista**, v. 35, p. 65-81, São Leopoldo (RS), set./dez. 2014. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/issue/view/267>. Acesso em: 26 jan. 2018.

LOBO, Luiza. Juana Manso: uma exilada em três pátrias. **Revista Gênero**, v. 9, n. 2, p. 47-74, Niterói, 2009. Disponível em: <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/issue/view/9/showToc>. Acesso em: 04 fev. 2018.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. *In*: PRIORE, Mary Del (org); BASSANEZI, Carla (coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

MACEDO, Joaquim Manuel de. **Memórias da Rua do Ouvidor**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, v. 41, 2005. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/1105>. Acesso em 15 jan. 2018.

MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. *In*: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (org.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

MÜLLER, Andréa Correa Paraiso. Moral e arte literária no século XIX: o romance sob suspeita. **Polifonia**, v. 20, n. 28, p. 101-131, Cuiabá (MT), jul/dez. 2013. Disponível em:

<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/1670>. Acesso em: 16 out. 2018.

PALARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. A imprensa periódica como uma empresa educativa no século XIX. **Caderno de pesquisa**, n. 104, p. 144-161, Universidade de São Paulo, jul. 1998. Disponível em: www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/168.pdf. Acesso em: 05 jan. 2018.

PRIAMO, Fernanda Pires. Literatura Imperial: a escrita poética feminina de Beatriz Brandão. **Revista Contemporâneos – Revista de Artes e Humanidades**, n. 8, p. 1-19, maio-out. 2011. Disponível em: <http://www.revistacontemporaneos.com.br/n8/dossie/literatura%20imperial.PDF>. Acesso em: 12 mar. 2018.

REIS, Adriana Dantas. **Cora**: lições de comportamento feminino na Bahia do século XIX. Salvador: FJCA; Centro de Estudos Baianos da UFBA, 2000.

SAVIANI, Dermeval. O legado educacional do “breve século XIX” brasileiro. In: SAVIANI [et al.] **O legado educacional do século XIX**. Campinas, SP: Autores Associados, 2017. *E-book*.

SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. **Dicionário Mulheres do Brasil**: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **As barbas do imperador**: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 02, p. 71-99, Porto Alegre, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em 15 nov. 2018.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas**: a moda no século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SOUZA, Simone Cristina Mendonça de. Primeiras impressões: produção e circulação de romances no início do século XIX. **Revista Letras**, n. 67, p. 25-40, Curitiba, ed. UFPR, set./dez. 2005. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/letras/article/view/5527>. Acesso em: 10 mar. 2018.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary Del (org); PINSKY, Carla Bassanezi (coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

VASCONCELLOS, Eliane; SAVELLI, Ivette Maria. A imprensa feminina. **Verbo de Minas**, v. 6, n. 10, p. 89-102, Juiz de Fora, 2006. Disponível em: <https://seer.cesjf.br/index.php/verboDeMinas/issue/view/24/showToc>. Acesso em: 10 mar. 2017.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. Vozes femininas do Oitocentos: o papel das preceptoras nas casas brasileiras. In: LÔBO, Yolanda, FARIA, Lia (org.); MAGALDI, Ana

Maria Bandeira de Mello [et al.]. **Vozes femininas do Império e da República**. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008.